



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO S.A.
EPC:09366790000106

Assinado de forma digital por
EMPRESA PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO S.A.
EPC:09366790000106
Dados: 2026.07.17 22:13:28 -03'00'

auniao.pb.gov.br |



@jornalauniao

ELEIÇÕES 2026

Convenções definem candidatos a partir de amanhã

Até 5 de agosto, partidos ficam autorizados a realizar eventos para anunciar nomes que estarão na disputa e acertar alianças. **Página 13**



Foto: Will Oliver/EFE

Foto: Wlason/EFE

Uma final marcada pelo duelo entre a experiência e a promessa

Argentina e Espanha brigam, hoje, pela taça da Copa 2026, apostando no talento dos craques Lionel Messi e Lamine Yamal.

Página 21

Foto: Carlos Rodrigo



Roteiro de férias em JP inclui história, cultura e belezas naturais

Do Centro Histórico à orla, a cidade está repleta de opções para quem deseja aproveitar a pausa do meio do ano conhecendo melhor a capital paraibana, por meio das suas construções históricas, como a Casa da Pólvora (foto) e o Hotel Globo, dos parques naturais e dos espaços dedicados à arte e ao artesanato.

Página 8

■ “Aquele carnaval fora de época permanece como uma das lembranças mais marcantes da minha vida. Não foi apenas uma vitória no futebol, mas um momento de união nacional”.

Rui Leitão

Página 2

■ “Refletir sobre o desespero e o fracasso permite compreender os desafios da busca por sentido, em uma sociedade marcada pela competitividade e pelo consumo compulsivo”.

Klebbber Maux Dias

Página 10

■ “Foi a Espanha que deu a Messi as maiores aulas, os melhores instrumentos, os grandes palcos e o seu tamanho. O pequeno argentino virou um gigante em terra espanhola”.

Pedro Alves

Página 23

“Desafios virtuais” acendem alerta de pais e psicólogos

Longe das escolas em julho, jovens ficam mais expostos às telas e ao contato com “jogos” que ameaçam a saúde e a segurança.

Página 7

Foto: Carlos Rodrigo



Profissionais paraibanos cruzam fronteiras sem sair do estado

Contratados por empresas estrangeiras, eles trabalham em casa e recebem até três vezes mais do que a média no Brasil.

Página 17

Internações por dor nas costas cresce 71,8% entre crianças e adolescentes

Número de casos passou de 35 em 2024 para 60 no ano passado. Sedentarismo e excesso de telas são os principais culpados.

Página 6

MPPB desenvolve calculadora para controlar gastos com festas nos municípios

Ferramenta do projeto Água Digna, Festa Legal compara despesas de eventos com os investimentos para conter crise hídrica.

Página 3

Novo disco de Chico César revisita o passado do artista e mira o futuro

Formado por 16 faixas — a maioria com letra e música solos, gravadas apenas com voz e violão —, Fofo já está disponível no YouTube.

Página 9



Foto: Divulgação

Editorial

País do futebol

“Brasil está vazio na tarde de domingo, né? Olha o sambão aqui, é o país do futebol”. Alardeando felicidade aos quatro ventos, Wilson Simonal exaltava a festa e a qualidade do escrete canarinho. Em 1970, a primeira tricampeã mundial encantou a todos, em terras mexicanas, com seus artistas da bola — Tostão, Rivelino, Gerson — liderados por Pelé. Nos anos 1990 e início do novo século, emplacou três finais de Copas consecutivas, triunfando em duas delas, tornando-se a única pentacampeã, posto ainda inalcançado. Após esse período de vitórias magistrais, decepções recorrentes marcam as participações brasileiras nos campeonatos mundiais. Neste ano, a algoz foi a Noruega que, implacavelmente, eliminou o conjunto verde e amarelo. Apesar disso, a fé no retorno aos tempos gloriosos é reavivada, a cada quatro anos, nas esquinas, nos bares, nas calçadas, nas lembranças e no silêncio de quem acreditou até o último minuto. Durante alguns dias, as bandeiras desapareceram das janelas, as camisas amarelas voltaram aos armários e os debates deram lugar ao desencanto e à velha pergunta: “quando voltaremos ao topo?”. Mas o futebol possui a estranha capacidade de renascer antes mesmo das feridas da derrota cicatrizarem. Hoje, Dia Nacional do Futebol, a bola voltará a ocupar o centro do mundo. Melancolicamente, sem o escrete brasileiro como protagonista. Ironicamente, como se não bastasse a derrota, a maior rival do Brasil, nos gramados, assume lugar de destaque. Atual campeão, o selecionado argentino, regido por Lionel Messi, pode repetir um feito brasileiro: o bicampeonato consecutivo.

Argentina e Espanha disputarão a taça. De um lado, a tradição sul-americana que desafia o tempo, do outro, a escola europeia que une talento em método. Para a população brasileira, assistir à decisão é um exercício de sentimentos contraditórios. Pelo que se vê, a minoria torcerá pela seleção “hermana”. A grande maioria, por sua vez, deverá escolher o brilho do futebol espanhol ou apenas contemplará o espetáculo, imaginando o que poderia ter sido, caso o time canarinho estivesse em campo. Essa é, justamente, a grandeza de um jogo que não pertence somente aos vencedores, tendo em vista que os derrotados são contemplados quando continuam acreditando, mantendo acessa a paixão nos corações de todos que ocupam arquibancadas, praças e salas de estar. No Brasil, esse sentimento tende a sobreviver às eliminações, às críticas e às frustrações. Sobrevive porque o futebol é mais do que um esporte, é uma linguagem nacional, uma memória coletiva e uma forma de esperança. Hoje, quando a taça for entregue, o brasileiro certamente sentirá um vazio. Mas também reconhecerá, em cada passe e em cada gol, a beleza do jogo que aprendeu a amar desde a infância. A Copa termina para o mundo, porém, para o Brasil o futebol nunca termina, está sempre vivo esperando o próximo domingo, a próxima camisa, o próximo menino descalço e o próximo sonho. Porque o verdadeiro campeão é aquele que continua acreditando que a próxima jogada pode mudar a história.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

“A taça do mundo é nossa”

Neste domingo, o mundo conhecerá o novo campeão da Copa do Mundo de 2026, na decisão entre as seleções da Argentina e da Espanha. A proximidade dessa grande final desperta em mim lembranças de uma das maiores emoções esportivas que vivi: a conquista definitiva da Taça Jules Rimet pelo Brasil, ao se tornar tricampeão mundial em 1970. Passados mais de cinquenta anos, aquela vitória continua viva na memória de quem teve o privilégio de testemunhá-la. “A taça do mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa”. Esse refrão ecoava por todos os cantos, naquele chuvoso mês de junho de 1970. Como sempre acontece durante a realização da Copa do Mundo, o Brasil vestia verde e amarelo. Ruas, praças, vitrines e residências eram decoradas com as cores nacionais. Independentemente da classe social, da idade ou da profissão, os brasileiros compartilhavam o mesmo sentimento de esperança e orgulho. Naquele ano, havia uma confiança contagiante em nossa equipe. A campanha impecável nas eliminatórias alimentava a convicção de que o país superaria a frustração da eliminação precoce na Copa de 1966. A cada partida, essa certeza aumentava. O elenco reunia alguns dos maiores craques da história do futebol: Pelé, Gérson, Tostão, Jairzinho, Piazza, Rivellino e Carlos Alberto Torres, sob o comando do técnico Zagallo. Não por acaso, aquela Seleção é considerada, por muitos especialistas e torcedores, a melhor de todos os tempos. Na manhã do dia 21 de junho, acordamos ansiosos diante da expectativa da grande decisão, disputada no Estádio Azteca, na Cidade do México, contra a fortíssima Seleção da Itália, bicampeã mundial. Apesar das fortes chuvas que caíam sobre João Pessoa, o clima era de festa. O primeiro tempo terminou empatado em 1 a 1, resultado que aumentava a tensão entre os torcedores. No entanto, na etapa final, a Seleção Brasileira apresentou um espetáculo de futebol. Com jogadas envolventes, talento e eficiência, marcou mais três gols e venceu por 4 a 1. A consagração do tricampeonato garantiu ao Brasil a posse definitiva da Taça Jules Rimet, erguida com orgulho pelo capitão Carlos Alberto Torres, autor de

um dos gols mais bonitos da história das finais de Copa do Mundo. Logo após o apito final do árbitro, a população tomou conta das ruas. Em João Pessoa, seguimos para a Lagoa, principal ponto de encontro da cidade. O Viaduto Damásio Franca e o antigo Ponto de Cem Réis transformaram-se no epicentro da comemoração. O viaduto, inclusive, foi excepcionalmente aberto ao trânsito antes mesmo de sua inauguração oficial. Era como se o próprio povo tivesse decidido inaugurá-lo em meio à explosão de alegria. A música “Pra Frente Brasil” era executada em todos os lugares e embalava uma multidão tomada pela euforia. Ao mesmo tempo, o governo militar procurava associar-se ao entusiasmo popular, utilizando a conquista esportiva para fortalecer sua imagem perante a opinião pública. Em meio à emoção coletiva, muitos brasileiros deixavam, temporariamente, em segundo plano as tensões políticas e sociais vividas pelo país naquele período. Aquele carnaval fora de época permanece como uma das lembranças mais marcantes da minha vida. Não foi apenas uma vitória no futebol, mas um momento de união nacional, em que milhões de brasileiros compartilharam a mesma alegria.

“

Naquele ano, havia uma confiança contagiante em nossa equipe. A cada partida, essa certeza aumentava

Opinião

Foto Legenda



Consciência ecológica

Artigo

Silvio Darlan
Colaborador

“Homenagem ao Malandro”

Poucas músicas da MPB atravessam o tempo como “Homenagem ao Malandro”, de Chico Buarque. À primeira vista, ela parece apenas um samba divertido. No entanto, ao observar a letra, percebe-se uma crítica à sociedade brasileira e à forma como o poder passou a ser exercido. A música foi composta em 1978 para a *Ópera do Malandro*, em um período no qual o Brasil ainda vivia sob a Ditadura Militar. Como era comum em suas composições, Chico Buarque usa a ironia para tratar de temas delicados, driblando a censura e provocando reflexão. O personagem principal é o malandro, mas não aquele do imaginário popular. O malandro tradicional era figura conhecida da cultura brasileira, presente na Lapa, no Rio de Janeiro. Vivia da boemia, do samba, dos bares e de pequenos golpes, sendo tema frequente na literatura e na música popular. Logo no início, Chico afirma que foi à Lapa e “perdeu a viagem”. A frase simboliza o desaparecimento daquele velho malandro. O tempo transformou a cidade e a sociedade. Surge então a crítica central da canção. Em vez de o malandro de chapéu e navalha, aparece um novo personagem. Agora, ele usa gravata, firma contratos, frequenta eventos importantes, aparece na coluna social e até disputa cargos públicos. A malandragem sai das ruas e passa a ocupar espaços de poder. Um dos versos mais marcantes fala do “malandro candidato a malandro federal”. A crítica é direta: pessoas desonestas conseguem ocupar cargos importantes e usar instituições em benefício próprio. O pequeno malandro era perseguido pela polícia. O novo malandro conquista respeito e raramente sofre punições. Essa inversão é a principal genialidade da música. Chico Buarque não faz

“

Chico Buarque não faz uma homenagem ao crime ou à desonestidade. Sua homenagem é irônica

uma homenagem ao crime ou à desonestidade. Sua homenagem é irônica. Ele lamenta o desaparecimento de um personagem popular e mostra o surgimento de uma malandragem mais perigosa, pois atua dentro do poder e muitas vezes parece respeitável. Mais de quatro décadas depois, a música continua atual. O Brasil ainda enfrenta casos de corrupção, abuso de poder e enriquecimento ilícito. Muitas vezes, quem pratica essas condutas ocupa posições de destaque, enquanto trabalhadores honestos enfrentam dificuldades. A força da obra de Chico Buarque está em transformar um samba em retrato social. “Homenagem ao Malandro” mostra que a verdadeira malandragem nem sempre está nas ruas. Em muitos casos, ela veste terno, assina contratos, frequenta gabinetes e fala em nome da moralidade. É por isso que a música continua atual e necessária. Ela convida o leitor a olhar além das aparências e refletir sobre quem são, de fato, os verdadeiros malandros da sociedade brasileira.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA – PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

NOS MUNICÍPIOS

Projeto visa ajustar gastos com festas e crise hídrica

Iniciativa do MPPB busca garantir a prioridade do abastecimento da população

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Imagine um município pequeno, muitas vezes sem muita estrutura para a população, que contrata um artista por um cachê milionário para uma festa na cidade. A situação não é incomum e muitas vezes causa revolta em parte da população. O Ministério Público da Paraíba também tem observado essas situações e criou o projeto Água Digna, Festa Legal, que visa compatibilizar os gastos com as festas públicas e os gastos com a crise hídrica local.

O projeto une o Centro de Apoio Operacional (CAO) do Patrimônio Público, representado pelo promotor Arthur Magnus Dantas de Araújo, e CAO do Meio Ambiente, representado pela promotora Cláudia Cabral.

O funcionamento baseia-se em uma calculadora, criada por um engenheiro ambiental, servidor do CAO do Meio Ambiente. No programa, são inseridos dados sobre os gastos com festas públicas de cada município, bem como o número de habitantes e outras variáveis.

“A gente consegue levantar qual é a realidade daquele município, o que ele está gastando com festa, a receita corrente líquida, o que precisa. Então, essa calculadora vai fazer um comparativo da situação hídrica com o gasto com festas. O perito vai chegar nessa equação, que é o índice festa x água, o percentual da receita corrente líquida destinada à festa daquele município e também o custo da festa por habitante. Esses indicadores medem se o gasto festivo é compatível com a realidade hídrica”, explicou o promotor Arthur Magnus.



Fotos: Evandro Pereira

Arthur Magnus ressalta que objetivo é tentar compensar gastos com políticas para o meio ambiente

O cálculo pode chegar a três possíveis resultados: o “razoável” indica que há proporcionalidade e, portanto, o município tem condições de bancar a festa, mas também há os indicadores “ruim” e “crítico”.

“Se a situação estiver ruim ou crítica, o que nós visamos não é barrar as festas, é que haja medidas compensatórias do ponto de vista ambiental. Elas são sugeridas por esse perito, pelo engenheiro ambiental — claro, sem tirar a possibilidade do promotor de Justiça entender que outras medidas ambientais podem ser adotadas, porque ele tem independência funcional para isso. Mas ele sugere ali algumas medidas. Pode ser envolvendo a questão do abastecimento de água, da rede de esgotos, que a gente vai tentar compensar esse gasto com festividades com as políticas climáticas e do meio ambiente, para que haja uma proporção”, afirmou Arthur Magnus.

“Então, quando for fei-

to o diagnóstico, volta esse diagnóstico para o promotor da comarca. Ele vai chamar o gestor público, o prefeito, seus procuradores e vai firmar um Termo de Ajustamento de Conduta ou uma Recomendação, com base na realidade daquele município que nós identificamos”, completou a promotora Cláudia Cabral.

Se o prefeito não quiser aceitar o termo ou a recomendação, o promotor pode entrar com ação civil pública. “E aí nós já temos toda a cadeia de prova montada contra aquele município, contra aquele gestor. A gente vai pedir aquilo que a gente ia resolver administrativamente, a gente vai judicializar e entra dano moral coletivo, entra a possibilidade de improbidade administrativa”, comentou a promotora.

Ela também contou que os Ministérios Públicos de outros estados têm se interessado pela calculadora. “É um método nosso, foi criado pelo Ministério Público da Paraíba. Nós já es-

tamos recebendo pedidos de implantação nos demais Ministérios Públicos, porque é uma inovação”, disse.

Para obter os dados necessários para o cálculo, o MPPB consulta dados abertos com os gastos públicos do município e, além disso, a promotoria de cada município pode solicitar os dados diretamente às prefeituras. Até a publicação desta matéria, promotorias de mais de 100 municípios já haviam aderido ao projeto e já começavam a enviar os dados para avaliação de cada município.

■ Para obter os dados necessários para o cálculo, o MPPB consulta dados abertos com os gastos públicos do município

Acesso a saneamento e água de modo geral

A promotora Cláudia Cabral esclareceu que, ao falar de crise hídrica, não inclui somente situações de estiagem, mas o acesso à água e ao saneamento de modo geral — por exemplo, se parte da população do município está recebendo água por meio de carros-pipa — ou não tem saneamento básico, ou falta um plano emergencial para enchentes.

“O objetivo principal do projeto é justamente incentivar soluções estruturantes para garantir o abastecimento de água à população, especialmente em municípios que enfrentam a crise hídrica, e a gente busca promover uma atuação preventiva, técnica e baseada em dados”, afirmou ela.

Segundo a promotora, com a ação o ministério busca fazer valer o princípio da dignidade da pessoa humana ao mesmo tempo que atua nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

(ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). O objetivo seis, por exemplo, diz respeito à água potável e saneamento, enquanto o 11 fala de cidades e comunidades sustentáveis, o 13 destaca ações contra a mudança global de clima e o 14 trata da vida na água. Além disso, a promotora lembrou que o acesso à água tratada e ao saneamento básico também contribui para a saúde da população.

Cláudia Cabral destacou que um dos motivos para a criação do projeto foi que o MPPB observou muitos municípios sob decreto de emergência gastando em festas. “E o que é pior, alguns deles suspendem o decreto três meses antes, por exemplo, para o abastecimento de carro-pipa, porque o decreto de emergência é justamente para que o Governo Federal entregue os carros-pipa. Aí suspende, para o abastecimento, a po-

pulação sofre, realiza a festa e depois volta”, disse.

Ela também observou que a sociedade civil passou a se preocupar muito com a questão do dinheiro público sendo empregado para pagar artistas com valores muitas vezes astronômicos. “A gente aqui, na Paraíba, e em outros estados do Nordeste, tem uma realidade, principalmente no interior, que municípios muito pequenos estavam gastando muito dinheiro com isso e outras políticas públicas totalmente desassistidas”.

Por fim, a promotora destacou que, independentemente do projeto, cada promotoria tem independência para realizar as ações que julgar necessárias. Ela deu o exemplo de um caso recente no município de Princesa Isabel, no Sertão paraibano, onde o promotor local judicializou e conseguiu uma liminar impedindo um evento que ocorreria na cidade,

tendo em vista que os funcionários públicos estavam com salários atrasados.



“

O objetivo do projeto é justamente incentivar soluções estruturantes para garantir o abastecimento de água

Cláudia Cabral

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O mar e o abismo interior

Há no mar uma solidão que antecede a própria humanidade. Quando o encaramos de um promontório qualquer, diante daquela imensidão que se perde no horizonte, somos tomados por uma sensação estranha: a de que aquele azul profundo é, na verdade, um espelho. Não das nuvens ou do céu, mas de algo que reside em nós e que raramente ousamos contemplar.

Os antigos gregos, como nos mostra Homero, já compreendiam essa verdade. O mar era o reino do desconhecido, o domínio de Poseidon, onde heróis como Odisseu vagavam por dez anos, enfrentando ninfas e monstros, num périplo que era tanto geográfico quanto interior. Cada tempestade na *Odisseia* não era apenas um fenômeno natural, mas uma prova da alma, uma topofobia que revelava o quanto o homem é frágil diante do que não compreende. O mar, para eles, era o limite do mundo conhecido e também o limite de si mesmos.

Séculos depois, Herman Melville transformaria essa antiga sabedoria numa obsessão moderna. Em *Moby Dick*, o mar deixa de ser apenas cenário para tornar-se personagem, ou melhor, o palco onde se trava a batalha mais íntima do espírito humano. O capitão Ahab não caça uma baleia: persegue um símbolo, uma concretude para seu sofrimento, e nessa perseguição insana revela o perigo de se querer traduzir o mar em significados fixos. Ishmael, o narrador

sobrevivente, compreende que o oceano é pura fronteira, instabilidade permanente e por isso mesmo ele escapa ao naufrágio que devora todos os outros. A travessia marítima em Melville é metáfora direta da trajetória humana, com suas buscas espirituais e seus fins diversos. O mar não responde às perguntas de Ahab; ele as devolve em ondas cada vez mais altas, até afogar o perguntador.

E o que dizer do silêncio que acompanha essa vastidão? Paul Valéry, em *O Cemitério Marinho*, nos lembra que o mar é “o eterno voltar sobre si mesmo”, uma superfície que brilha sob o Sol, mas esconde, nas profundezas, uma escuridão que nada ilumina. É nesse movimento perpétuo que encontramos a solidão humana, não a solidão que vem da ausência de outros, mas a que vem da constatação de que, diante do infinito, somos irremediavelmente sós. O mar não acolhe; ele apenas existe, e sua existência colossal nos reduz ao tamanho de um ponto num mapa.

Hemingway, em *O Velho e o Mar*, entendeu isso com uma clareza desoladora. Seu Santiago não luta contra o mar, mas contra sua própria finitude. O peixe que ele pesca é tão símbolo da luta interior quanto a baleia branca de Melville, mas aqui não há a fúria trágica de Ahab. Há apenas a dignidade de um homem que se mede contra a imensidão e sabe que perderá, mas que insiste em partir. O mar, para Hemingway, é o adversário silencioso, aquele que não odeia nem ama, apenas observa.

Iris Murdoch, por sua vez, via no mar a ambiguidade da condição humana. Em seus romances, o oceano é sempre o lugar da perda e do reencontro, das verdades que emergem quando as máscaras caem. O mar não mente, mas também não revela tudo, como a alma, que se oferece em fragmentos, em espumas, em ondas que vêm e vão sem nunca se repetirem.

No fim, talvez seja isso o mar na literatura: a certeza de que a profundidade que buscamos fora está, na verdade, dentro de nós. Olhamos para o horizonte e vemos o que somos: vastos, inconstantes, cheios de criaturas que nem conhecemos. O mar nos ensina que a solidão não é uma falha, mas uma condição. E que, como Ishmael, só escapamos ao naufrágio quando aprendemos a habitar as bordas, a aceitar que o sentido não se fixa, ele flutua, como um navio à deriva, entre o céu e o abismo.

Colunista colaborador



Foto: Roberto Guedes

Mary Roberta Meira Marinho

Reitora do IFPB

“Nós ampliamos o Ensino Médio Integrado, que é a nossa missão maior”

Em entrevista, a gestora faz um resgate de sua trajetória na instituição e um balanço de suas ações à frente da Reitoria

Barbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Mary Roberta Meira Marinho foi de estudante à reitora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB).

Nascida em Patos, Sertão paraibano, ela veio para João Pessoa para estudar na antiga Escola Técnica Federal da Paraíba na época e ingressou no curso de Mecânica, que já era um curso que tradicionalmente tinha mais homens. “Em verdade, em quase todos os nossos cursos, a gente tinha já uma procura maior de homens. Somente em 1967 a gente recebeu estudantes mulheres. E a instituição é de 1909”, ressaltou.

São 31 anos de sua vida profissional dedicados à instituição, que ela assistiu passar de Escola Técnica para Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) e depois torna-se o Instituto Federal da Paraíba.

Nesta entrevista ao jornal A União, ela faz um resgate de sua trajetória na instituição e um balanço de suas ações à frente da Reitoria.

Entrevista

■ Sua trajetória dentro do IFPB começou ainda como estudante. Como foi percorrer esse caminho?

Eu sou nascida em Patos e eu vim [para João Pessoa] para estudar na antiga Escola Técnica Federal da Paraíba na época, e fui para o curso de Mecânica, que já era um curso em que tradicionalmente nós temos mais homens. Em verdade, em quase todos os nossos cursos, a gente tinha já uma procura maior de homens. Somente em 1967 a gente recebeu estudantes mulheres. E a instituição é de 1909. A minha trajetória é nessa área, que a gente chama de uma formação verticalizada, porque depois eu fui para Engenharia Mecânica, fiz mestrado na área de Engenharia e doutorado também. E, aqui na instituição, quando eu entrei como docente, eu vim exatamente para a área de Mecânica. E aí eu fui coordenadora de curso, tanto de curso técnico quanto de curso superior, fui diretora de ensino na implantação do *campus* de Campina Grande. E depois eu fui pró-reitora por oito anos e reitora substituta também. No IFPB, a gente não tem vice-reitor, então assume um pró-reitor essa função, só que você fica acumulando. Então, durante os oito anos que eu fui pró-reitora de ensino, eu também fui reitora substituta.

■ E por que Mecânica?

O meu avô morreu no ano em que eu nasci, mas fica uma imagem das pessoas, que vai sendo passada no âmbito familiar. O meu avô hoje seria um inventor ou um construtor, porque naquela época ele era caminhoneiro, viajava do Sertão para São Paulo, trazia as máquinas que vinham importadas na época para o algodão. E, naquela época,

o motorista era o mecânico, era tudo, porque, se o carro quebrava, era ele quem resolvia. Então, ele trazia as máquinas, montava, botava em funcionamento e, muitas vezes, ele era chamado para fazer a construção de peças, essas coisas todas. E também ele fazia até armas naquela época. E eu já tinha dois primos que faziam Engenharia Mecânica. E isso me levou a ter essa ligação.

■ A sua trajetória profissional toda se deu dentro do IFPB?

Não. Eu atuei também na indústria. Logo quando eu terminei meu curso, fui trabalhar em Manaus. Depois, eu retornei, fiz mestrado e aí trabalhei no Tocantins, também na implantação da Unitins, que na época era uma universidade que foi criada com as orientações de Lynaldo Cavalcanti. Então ela já cresceu multicampi, porque essa ideia de multicampismo no Brasil foi de Lynaldo Cavalcanti. Eu trabalhei lá nessa implantação, que hoje é a Universidade Federal do Tocantins, e atuei na transferência de tecnologia também, no Núcleo de Tecnologias Industriais Básicas. Até então eu não dava aula, eu só fazia transferência de tecnologia. Depois, eu fui para o Ceará, num concurso da Universidade Regional do Cariri (Urca), aí fui diretora lá do Instituto Tecnológico do Cariri, o Itec. Já no final comecei também a dar aulas lá e entrei inicialmente como professora substituta no Instituto Federal da Paraíba, que na época era Escola Técnica. Ingressei no concurso e deixei a Urca.

■ Isso faz quantos anos?

Trinta e um anos só no Instituto Federal da Paraíba.

■ Como vê a evolução da instituição ao longo dessas três décadas que testemunhou?

Eu vejo de modo muito positivo, e talvez tenha sido mais lenta do que o que poderia ser. É bastante importante a gente entender que essa evolução se dá numa necessidade que há de formação, principalmente com a questão da interiorização. O mundo todo hoje valoriza esse modelo dos institutos federais, com essa interiorização de uma educação voltada para formação na educação profissional, deixando o conhecimento chegar ao interior. A criação desse modelo é bastante importante hoje como uma política de Estado para o nosso país.

■ Tem a questão do Ensino Médio Técnico. A gente sabe que muitas pessoas não chegam ao Ensino Superior, mas, se ela terminou um curso técnico, tem uma empregabilidade maior.

Exato. E, além disso, ela teve uma formação no Instituto Federal, a chance dela é maior em todos os aspectos. Não é só porque ela tem um curso técnico, é porque ela tem um curso com uma base importante. Eu vou dar um exemplo da importância dessa formação: tem o caso de um estudante nosso que fez o Curso Técnico de Edificações e depois precisou ir para o mercado de trabalho. Ele passou em um concurso da polícia do Rio Grande do Norte. A princípio você diz: “Nada a ver”. Mas, quando ele começou, o primeiro trabalho dele foi no Carnatal, aquela festa que tem lá. O comandante levou todo mundo para fazer o reconhecimento da área. Aí ele disse: “Comandante, eu posso fazer um mapa do espaço?”. Ele fez, localizou tudo e apresentou para o comandante. Então, na primeira semana, ele já conseguiu mudar de lugar, sair da rua, daquela função simples. Ele utilizou o conhecimento dele do curso técnico. Não está trabalhando como técnico, mas não deixa de utilizar. A formação técnica deveria ser obrigatória para todo mundo em algumas coisas. Por exemplo, no Canadá, existe uma escola de engenharia que só aceita aluno que fez o curso técnico.

■ Muitos professores universitários relatam que os estudantes no primeiro período chegam completamente perdidos. O estudante que vem do ensino técnico já chega mais orientado?

Ele já teve que resolver algum

problema. Existe um modelo, inclusive para educação privada, em que o aluno é treinado para fazer a prova do Enem. Esse modelo não leva a resolver nenhum problema. O aluno não teve que fazer uma defesa de um TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] no Ensino Médio, nem se inseriu em um projeto de pesquisa.

■ Quais são os principais desafios de comandar uma instituição do tamanho do IFPB?

O principal desafio é vencer a inércia no tempo curto que é necessário. Quando você trabalha no serviço público, você tem um desafio de ter que responder rapidamente, mas nem sempre aquele peso todo que existe responde na mesma velocidade. Você tem que ter uma capacidade de entender aquele ecossistema para fazer com que ele vença essa inércia.

■ Como vê o futuro da instituição?

Eu vejo um futuro muito promissor, porque é uma instituição que vem sendo construída ao longo do tempo e tem conseguido acompanhar essa evolução de forma positiva. Nós temos hoje a criação do Instituto do Sertão Paraibano. Eu, inclusive, como sou do Sertão, acho que precisa desse investimento. Eu vejo a instituição, com esses 117 anos que completamos agora, tendo sempre essa capacidade de evoluir. Nós estamos agora em um momento bem importante, porque a gente precisa de governos que acreditem no que a gente faz. Ultimamente nós estamos com evolução, por exemplo, na área de inovação. Uma instituição que é muito recente na pesquisa, já conseguiu entender como é que funciona o ecossistema de inovação e nós temos um polo de inovação que é diamante. Um polo que tem oito anos só de instalação. No país todo, são 90 polos e só 10 são diamante.

■ Que legado pretende deixar desse período à frente da Reitoria?

O meu legado é o nosso legado. Nós ampliamos o Ensino Médio Integrado, que é a nossa missão maior. Nós estamos com obras em andamento, temos muitas entregas do ponto de vista de obras. Temos nossos estudantes reconhecidos, através de competições internacionais. Nós temos pentacampeões mundiais no desafio da Huawei, a empresa chinesa de tecnologia. Então há uma evolução acadêmica, há uma evolução também na área de ino-

vação muito forte. Nós também já estamos na área de registro de patentes, hoje é um processo já estabelecido, porque eu sempre fui muito de regulação também. É importante a instituição seguir todos os parâmetros de regulação, pois ela passa a funcionar sozinha. Eu acredito que um gestor que seja bom faz o seu papel e, se não estiver aqui amanhã, tudo funciona. Uma coisa que me dá muita satisfação é que hoje, no Instituto Federal da Paraíba, o servidor técnico-administrativo já está dando entrada no seu processo de Reconhecimento de Saberes e Competências, que foi regulamentado recentemente. O sistema já estava todo pronto para receber esse processo, porque a gente fez toda uma estruturação lá atrás. A gente tem também programas de extensão no âmbito de todo o estado da Paraíba. Nós temos um programa chamado “Preamar”, com o Governo do Estado. O nosso legado é contemplar isso tudo funcionando.

■ Alguma coisa que queria ter feito e não conseguiu?

A gente lutou muito pela alimentação estudantil e a gente tem um desejo muito grande de ter alimentação universal para nossos estudantes. Nós conseguimos ampliar muito a oferta de alimentos, porque é uma questão de permanência bastante importante. Nós conseguimos, do ano passado para cá, um aporte, mas o nosso sonho é que o pré-sal pudesse financiar alimentação estudantil, mas estamos construindo vários restaurantes. A minha preocupação é que a gente não conseguiu atender universalmente todos os estudantes. Outra questão é que eu tenho a intenção de deixar um projeto para fazer o que a gente chamaria de “Preamar da Caatinga”, que seria um projeto de desenvolvimento da Caatinga que envolva a sustentabilidade. Eu até fico feliz que saiu pelo Ministério do Meio Ambiente — que envolve, inclusive, o Instituto Nacional do Semiárido — um projeto chamado “Recaatinga”, que é mais ou menos o que eu pensava aqui, mas acho que a gente tem que ter uma ação bem específica para o nosso estado. A Caatinga foi classificada como mais eficiente na questão do sequestro de carbono. É preciso um estudo sobre isso e fazer com que a gente possa ganhar dinheiro com isso também e sustentar as pessoas. Eu quero deixar esse projeto pelo menos idealizado para as futuras gerações.

CONTRATO DE NAMORO

Instrumento ganha novos adeptos

Documento permite que o relacionamento não seja entendido como união estável, preservando os bens dos envolvidos

Mirvan Lúcio
mirvanlucio.jornalista@gmail.com

O número de contratos de namoro cresceu exponencialmente no Brasil. Segundo dados do Colégio Notarial do Brasil (CNB), de 2016 a 2025, os atos contratuais passaram de 26 para 241 registros no país — um aumento de 826%, o maior volume já registrado desde a criação da modalidade. Ainda de acordo com o CNB, no estado da Paraíba, nove contratos foram celebrados em 2025. Neste ano, o número já dobrou, sendo 18 acordos lavrados até o mês de julho.

O contrato de namoro é um instrumento jurídico por meio do qual o casal estabelece formalmente o desejo em manter um relacionamento afetivo, com ressalvas à intenção de firmar vínculo matrimonial, construir família ou união estável. Para ter validade, o documento deve ser lavrado em um Cartório de Notas e celebrado em comum acordo entre o casal. “Como um contrato de aluguel ou um contrato de compra e venda, o contrato de namoro também é um negócio celebrado en-



Foto: Carlos Rodrigo

Segundo o Colégio Notarial do Brasil, já foram lavrados 18 acordos na Paraíba neste ano, o que representa o dobro de 2025

tre as partes e precisa estar em conformidade com a lei. O documento não pode ser contraditório e as partes precisam celebrá-lo sem coação. É um consenso de que existem limites naquela relação. A intenção do contrato de namoro é impor um limite para que não se configure uma união estável”, explica a ad-

vogada Lis Medeiros.

A alta na procura por essa nova forma de enlace ocorre de forma concomitante com o crescimento no número de divórcios no país. De 2014 a 2024, o Brasil registrou um salto de 25,53% no quantitativo de separações judiciais e extrajudiciais. Seguindo a tendência nacional, tam-

bém se observa na Paraíba o crescimento da dissolução do vínculo conjugal. Em uma década, o estado contabilizou um aumento de 18,23% nos divórcios formalizados. Em 2014, foram 5.354 casamentos oficialmente finalizados. Em 2024, 6.330 casais chegaram ao desfecho da relação matrimonial. Os dados

são da estatística de registro civil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O instituto aponta, ainda, que 30% dos divórcios registrados no Brasil são de pessoas com mais de 50 anos. Este fenômeno foi apelidado de “divórcio cinza”. A referência aos cabelos grisalhos

expõe o quanto a maturidade, a expectativa de vida e a busca de novas experiências têm se tornado mais intensa nessa faixa etária.

As novas configurações de relacionamentos apontam, segundo a avaliação de Lis Medeiros, para um cenário de múltiplas interpretações do conceito de família. “Constituir família é um critério muito subjetivo, porque, talvez, para uma pessoa, o termo tenha um significado e, para outra, essa representação seja diferente. Tem quem entenda como família pessoas que coabitam no mesmo ambiente e dividem despesas. Mas um contrato de namoro pode estabelecer que essa mesma situação não determina a constituição de um vínculo familiar”, detalha.

“Essa ideia de família sofreu muitas mudanças, de acordo com as evoluções sociais de fato. Antes, o formato era muito mais engessado. O casal precisava se submeter a situações que, hoje em dia, não são aceitáveis. Eu associo muito o aumento de divórcios nessa faixa etária à busca por uma vida com mais qualidade”, completa Lis.

Entenda as diferenças entre formatos de relação

Por lei, o Código Civil brasileiro estabelece, no artigo 1.723, que a união estável é “configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família”. A legislação não estipula um tempo mínimo de convivência para que o relacionamento seja considerado uma união estável. Já no contrato de namoro, as partes deixam claro que o intuito da relação não é a formação de um vínculo familiar.

Outra diferença entre os dois formatos de relacionamento está na comunicação do patrimônio dos companheiros. A união estável garante o direito à partilha dos bens adquiridos ao longo da relação, podendo implicar na geração de herança e pensão pós-morte. Os contratos de namoro eximem as partes dessas consequências jurídicas, garantindo a preservação do patrimônio individual de um do casal.

Na avaliação da advogada Lis Medeiros, “o contrato de namoro é uma estratégia de planejamento e proteção ao patrimônio. Pessoas que procuram esse tipo de suporte jurídico têm a intenção de proteger o que é seu e garantir que outra pessoa não será beneficiada com o que foi fruto de suas conquistas pessoais”. Dentro deste perfil de público que opta pelo pacto entre o casal, estão as pessoas na faixa etária acima dos 50 anos, as quais buscam novos relacionamentos, mas não abrem mão dos seus bens e da sua individualidade.

“As pessoas nessa idade, sobretudo as mulheres, estão cada vez mais cientes de que é possível buscar uma vida com

mais qualidade em outros relacionamentos. Nós estamos falando de um público bem específico, que tende a ser pessoas que já tiveram filhos, têm estabilidade financeira e estão abertas para novas experiências. Muitas delas contam com o apoio dos próprios filhos nessa fase”, pontua a especialista.

O contrato de namoro pode ser celebrado tanto nas relações entre homem e mulher quanto em relacionamentos homoafetivos. A formalização da relação afetiva não representa uma desconfiança do sentimento e das intenções entre os parceiros, mas deixa claro que existe uma nova forma de se pensar e administrar os bens materiais e financeiros.



Foto: Arquivo pessoal

Pessoas que procuram esse suporte jurídico têm a intenção de proteger o que é seu e garantir que o outro não será beneficiado

Lis Medeiros

Modelo atrai interesse de um público maduro

Ilma Brazil tem 65 anos e mora em João Pessoa. Embora não esteja incluída nas estatísticas dos divórcios, tendo ficado viúva há mais de uma década, a aposentada está inserida no perfil de pessoas que cogitam a possibilidade de celebrar um contrato de namoro. Ao longo da vida, ela construiu um patrimônio consistente de bens, investimentos e imóveis e, embora já esteja vivenciando um novo relacionamento, persiste a preocupação com a sucessão patrimonial.

Há um ano e sete meses, Ilma conheceu Divino, de 63 anos, enquanto praticavam o mesmo esporte na praia. Ambos têm histórico de outros relacionamentos com famílias constituídas. Durante todo esse tempo, eles moravam em casas separadas: ela, em um imóvel próprio, e ele, que se mudou de Brasília para João Pessoa, ocupava um apartamento alugado.

Recentemente, o casal decidiu dividir o mesmo teto. Mas, antes de dar um passo tão importante, Ilma avaliou o significado prático dessa decisão e suas futuras implicações. Em uma pesquisa na internet, ela tomou conhecimento da existência dos contratos de namoro e passou a considerar a possibilidade de aderir ao acordo formal.

“Ele é uma pessoa maravilhosa, mas eu pensei: ‘não quero me casar mais’. Foram 32 anos de casada, fiquei viúva e passei muito tempo sozinha até conhecê-lo. Gosto dele, nossas famílias se dão muito bem, mas casamento mesmo eu não quero”, enfatizou Ilma. “Eu tenho os meus bens e ele tem os dele. Eu te-



Foto: Arquivo pessoal

Ilma foi casada por 32 anos; agora, ela pensa em assinar contrato em uma nova relação

nho filhos e ele também. Eu não quero que essa relação interfira no que eu batalhei para conseguir na minha vida”, reforçou.

A aposentada adquiriu recentemente um apartamento na orla da capital. Para ela, esse é mais um motivo para ser cautelosa quanto à configuração do seu relacionamento. “Eu preciso me precaver, porque, se acontecer alguma coisa enquanto ele estiver comigo, ninguém, além dos meus filhos, pode ter direito de ficar com o patrimônio que é meu”, defende Ilma.

Em casos como esse, a ad-

vogada Lis Medeiros aconselha que exista o documento lavrado em cartório dando ciência dessa condição, estabelecendo que as partes não detêm o direito sucessório um do outro. “Quando a gente fala de pessoas que têm filhos, elas não querem prejudicar a herança. Em um possível falecimento, o contrato de namoro é um instrumento que serve para impedir que haja meação, reivindicação de herança e solicitação de pensão por morte”, esclarece. Outro contrailho jurídico é estabelecer uma renovação do contrato periodicamente, reforçando

que o vínculo entre as partes é estritamente afetivo e ratificando o prevaecimento da separação total dos bens de cada um.

■ Documento impede a reivindicação de herança ou de pensão por morte em caso de falecimento de uma das partes

CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Queixas por dores nas costas crescem

Número de internações relacionadas a problemas na coluna, na Paraíba, quase dobrou no intervalo de um ano

Íris Machado
irmsmchdo@gmail.com

Problemas de coluna levam cada vez mais jovens a unidades de atendimento médico na Paraíba. Entre crianças e adolescentes de até 19 anos, o número de internações por dores nas costas passou de 35 para 60 no período de 2024 a 2025, segundo o Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde (DataSUS), um crescimento de 71,8%. Para especialistas, a introdução da tecnologia no cotidiano, o sedentarismo e a transformação no estilo de vida moderno propiciam a manifestação precoce de doenças na coluna, que costumam aparecer com maior incidência em indivíduos acima dos 40 anos.

“Aumentou o tempo de tela, que é o uso do celular, do videogame, do computador. Assim, a criança e o adolescente mudaram a forma de se sentar, a postura, com o vício de sentar olhando para a tela de for-

ma errada, o pescoço inclinado para frente. Isso trouxe problemas posturais, dores, desvios na coluna. Além disso, há também o sedentarismo e a obesidade, já que crianças e adolescentes não são estimulados a realizar atividade física”, explica o ortopedista Giacomio Souza.

Na adolescência, é comum a ocorrência de doenças posturais típicas, como cifose, escoliose ou problemas congênitos, quando a criança apresenta deformidades estruturais ao nascer. Esse cenário, ao lado da má postura, facilita o aumento de casos do tipo. “A princípio, não é esperado que crianças e adolescentes sintam dores na coluna persistentes ou fortes. Ainda há outros fatores, como aquela criança que carrega uma mochila muito pesada ou que tem um tempo de uso prolongado de telas. Quando o pai também percebe algum tipo de desvio na coluna, tudo isso representa um alerta de que é hora de procurar assistên-



Foto: Arquivo pessoal

É preciso regular o tempo de tela, incentivar uma boa postura, em uma cadeira adequada, com um apoio para a coluna, e estimular a atividade física

Giacomio Souza

cia”, avalia o médico.

A recomendação do especialista é procurar ajuda médica nos primeiros



Foto: Daiane Mendonça/Secom Rondônia

Postura incorreta ao usar aparelhos eletrônicos é uma causa recorrente das dores

indícios de dores nas costas. Identificar o problema, como ele lembra, contribui para determinar o tratamento adequado e evitar complicações futuras. Desvios leves e moderados exigem acompanhamento fisioterapêutico e atividades posturais de alongamento e fortalecimento do tronco, mas, em casos mais graves, deve-se considerar a pos-

sibilidade de intervenções cirúrgicas, a depender da idade e da condição do paciente.

“O que eu aconselho, aos pais e aos próprios colégios, é que orientem bem os alunos quanto à postura: usar uma cadeira adequada na hora de assistir a aula e evitar dores ou crises mais fortes”, afirma.

Aos seis anos, a mesma condição atingiu Bianca Maciel. Foi a avó dela que identificou os primeiros sinais do problema, ao observar a curvatura da coluna da jovem, quando ela assistia à televisão e realizava atividades escolares. Assim como Gabriel, Bianca ingressou na natação para tratar a escoliose e reduzir os impactos da condição, por exemplo, virou

uma bolsa de rodinha é o ideal. Em casa, [é preciso] regular o tempo de tela do filho, incentivar uma boa postura, em uma cadeira adequada, com um apoio para o suporte de toda a coluna, e estimular a atividade física. Os pais e o colégio são fundamentais para que a criança não desenvolva esses problemas da vida moderna”, informa Giacomio.

Diagnóstico e tratamento precoces impactam até a vida adulta

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que cerca de 80% da população mundial terá um episódio de dor nas costas ao longo da vida. No Brasil, esses problemas já lideram o ranking de causas de afastamento do trabalho há três anos. Só em 2025, o Instituto Nacional de Segurança Social (INSS) concedeu mais de 237 mil pedidos de benefício por incapacidade devido a dores lombares, de acordo com o Ministério da Previdência Social.

A média de início dos sintomas, conforme a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT), ocorre por

volta dos 35 anos. No entanto, boa parte dos pacientes enfrentam o problema muito antes da idade adulta. De janeiro a abril deste ano, a Paraíba registrou 17 internações entre jovens de até 19 anos, mais do que o dobro do número obtido no mesmo período em 2025, que totalizou oito casos.

Foi na infância, aos 11 anos, que Gabriel Freitas adquiriu o costume de cuidar da saúde da coluna. Durante o pico de crescimento da adolescência, ele descobriu uma escoliose de grau leve, quadro suscetível à piora sem o tratamento adequado. “Sempre fui uma crian-

ça alta. A preocupação maior dos meus pais, nesse momento, foi para que isso não se tornasse um problema mais grave e afetasse a minha rotina mais diretamente. E segui com o possível a ser feito para que não chegasse a um caso mais grave e precisasse de intervenção cirúrgica ou uso de colete”, detalha.

A partir do diagnóstico, Gabriel iniciou um acompanhamento médico especializado, junto a um ortopedista e um fisioterapeuta. Isso promoveu uma transformação em todo o seu comportamento, que demandou maior atenção na execução de movimentos cotidia-

nos: a cautela ao levantar pesos, a forma de se sentar, a postura ao caminhar e a posição na hora de dormir. Para fortalecer a musculatura da coluna, ele também começou a praticar a natação — e quase conquistou o campeonato estadual da modalidade.

“O diagnóstico precoce me ajudou muito a adquirir hábitos que me auxiliaram no tratamento. Com a orientação de me exercitar, de prestar atenção na postura e de ter cuidado com o peso, minha rotina teve que se adequar completamente para colocar isso como o principal. A natação, por exemplo, virou

minha prioridade e me acompanhou durante boa parte da adolescência. Nos dias de hoje, continuo com essa necessidade de atenção na postura para evitar dores ou crises mais fortes”, afirma.

Aos seis anos, a mesma condição atingiu Bianca Maciel. Foi a avó dela que identificou os primeiros sinais do problema, ao observar a curvatura da coluna da jovem, quando ela assistia à televisão e realizava atividades escolares. Assim como Gabriel, Bianca ingressou na natação para tratar a escoliose e reduzir os impactos da condição, por exemplo, virou

em que ela permanecia sentada em sala de aula.

“Atualmente, é mais difícil eu sentir dores na coluna, principalmente depois que comecei a fazer musculação com frequência, mas esse problema ainda impacta minha postura e isso é algo perceptível no dia a dia. Desde o início, quando fui diagnosticada, tanto eu como minha família ficamos mais atentos em relação a minha postura no dia a dia. Assim que descobri a escoliose, fiz sessões de fisioterapia do tipo RPG [Reeducação Postural Global]. O tratamento durou três anos e tive uma grande melhora”, relata.

Atividades físicas contribuem para fortalecer musculatura

Natação, artes marciais, dança ou pilates. Seja como lazer, seja como forma de alcançar o bem-estar, qualquer prática que incentive a movimentação contribui para o processo de reeducação postural. Isso é o que destaca o fisioterapeuta Igor Souza. “Todas as atividades

de fortalecimento e flexibilidade e qualquer esporte que promova uma movimentação boa trabalham bastante a musculatura. Adicionar alongamentos simples à rotina já seria um ponto importante para iniciar o dia. Na fisioterapia, a gente trabalha a cinesioterapia, que

envolve a questão do dia a dia e inclui atividades de fortalecimento, alongamento e mobilidade na rotina da criança e do adolescente”, pontua.

Mas nem todo desconforto nas costas significa problemas na coluna vertebral. Pacientes jovens podem li-

dar com dores lombares por conta de tensões musculares em estruturas próximas, como reforça o especialista. Ao lado das vértebras, ligamentos e discos que moldam a coluna, essas musculaturas de suporte atuam na sustentação corporal e permitem a mobilidade do tronco, desde a rigidez postural a ações mais complexas, a exemplo de movimentos de extensão, inclinação, flexão e rotação.

“Hoje em dia, a gente percebe que dor na coluna não é um problema exclusivo para pessoas que têm mais de 40 ou 50 anos de idade. Crianças e adolescentes também estão sofrendo bastante com isso. E as principais queixas que chegam aos consultórios são de origem tensional: problemas e tensões musculares do dia a dia, além de alterações posturais, que são os problemas de escoliose e hiperCIFose. Ela é causada pelo momento do estirão, quando as crianças passam por um crescimento muito rápido, dos 10 aos 16 anos de idade, e acabam adotando aquela posição um pouco mais corcunda”, esclarece.

Outro fator agravante consiste no uso excessivo de eletrônicos. Adotar posições inadequadas durante o manuseio de aparelhos celulares ou computadores interfere na saúde da coluna e causa constantes incômodos nas regiões cervical e lombar.

“Essa é uma questão de posicionamento, quando se passa muito tempo sentado, em frente a computadores, ou quando se passa muito tempo com a cabeça baixa, mexendo em celulares e tablets. Isso leva à tensão cervical”, aponta Igor.

Monitorar o tempo que o jovem passa em frente a esses equipamentos e designar um momento de pausa é fundamental para prevenir eventuais complicações posturais. Ato simples — uma caminhada pelos cômodos da casa, um intervalo para ir ao banheiro e tomar água ou um rápido alongamento — combatem dores nas costas e permitem uma incorporação gradual de hábitos mais saudáveis ao cotidiano de crianças e adolescentes. Isso também exige um

olhar atento da família a pequenos detalhes corporais: o alinhamento dos ombros, o nivelamento do quadril e até o desgaste irregular do solado dos tênis, sinal de uma assimetria estrutural.

“Nenhuma dor é normal. Se um adolescente diz que sente bastante dor nas costas, no quadril ou nas pernas, é preciso observar o que está acontecendo. Pode ser uma questão de desalinhamento postural ou algum outro problema de saúde. Um teste simples, que todos os pais podem fazer em casa, é aquele simples movimento de ficar em pé, juntar os pés e tentar tocar as pontas dos pés com os dedos. Nisso, a gente vai conseguir fazer uma comparação entre o lado direito e esquerdo da coluna. Caso um lado esteja mais alto que o outro, isso pode ser um indicativo de uma possível escoliose. É interessante trabalhar isso o quanto antes e procurar um atendimento médico, um fisioterapeuta, um ortopedista ou um pediatra”, finaliza Igor.



Foto: Kent Subiyanto/Pexels

Fisioterapeuta recomenda adicionar o alongamento à rotina de crianças e adolescentes

DESAFIOS VIRTUAIS

Jogos virais expõem jovens a riscos

Férias exigem mais atenção dos pais quanto a conteúdos on-line que estimulam menores a realizar tarefas perigosas

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Nos dias atuais, as redes sociais não são compreendidas somente como espaços de conversa, entretenimento e divulgação de conteúdo *on-line*. Elas são vistas como uma extensão da vida privada e exercem influência sobre a autoestima, estilo de vida, opinião, hábitos de consumo e até a forma como sucesso e afeto são percebidos no mundo real. Nesse meio, existem os chamados “desafios virtuais”: provocações virais que incentivam crianças e adolescentes a realizar tarefas perigosas, sob a promessa de mais visualizações, aceitação e reconhecimento dos grupos sociais nos quais estão inseridos. Durante as férias escolares — quando o período diante das telas naturalmente aumenta —, além de crescer o risco de exposição a esses desafios, o jovem tem mais tempo, sozinho, para tentar cumpri-los.

No Brasil, a existência de virais desse tipo começou a chamar atenção em 2017, quando o jogo Baleia Azul — que ditava uma lista de 50 tarefas incentivando a automutilação, o isolamento e até o suicídio dos participantes —, tornou-se popular entre os usuários mais jovens e virou uma preocupação nas esferas da saúde e da segurança pública. Atualmente, disfarçados de brincadeiras ou competições, postagens nas redes sociais fazem propostas semelhantes: inalar desodorante em aerossol; apertar gelo e sal, nas mãos, e resistir à dor da queimadura; beber medicamentos misturados com refrigerante, sob a justificativa enganadora de que isso provaria coragem e resistência.

Segundo a psicóloga Cás-



Foto: Carlos Rodrigo

Para especialista, a curiosidade e o desejo de aceitação do público infantojuvenil o tornam especialmente vulnerável ao apelo de postagens desse tipo

sia Monteiro, crianças e adolescentes são especialmente vulneráveis a esse tipo de conteúdo. “Nessa fase, há noção de risco, mas a dimensão real do perigo escapa. A parte do cérebro responsável pelo pensamento racional só se desenvolve completamente por volta dos 25 anos, então não dá para esperar que crianças interpretem situações da mesma forma

que adultos, que não se submetam a esses desafios, porque teriam o discernimento e a autoconfiança para entender que pertencimento não se constrói correndo riscos dessa forma”, explica.

Para a profissional — que trabalha com orientação parental, a fim de fortalecer o vínculo familiar e promover um ambiente seguro para o desenvolvimento socioemo-

cional dos mais jovens —, pais e responsáveis tendem a supor que, por serem nativos digitais, os filhos sabem como se mover pelo mundo virtual. Entretanto, Cássia esclarece que, na verdade, as crianças não têm o discernimento ou a maturidade necessários para entender os estímulos que recebem nesses meios — os quais também são, muitas vezes, ca-

pazes de induzir os próprios adultos ao erro.

A psicóloga ressalta, ainda, que, de fato, o apelo dos desafios virtuais vale-se da curiosidade e do desejo de aceitação social, traços comuns ao público infantojuvenil — pessoas em busca de seu lugar no mundo. “Ser notado no meio digital parece uma recompensa, enquanto ter poucas curtidas e visuali-

zações parece um indício de que você não é interessante. Nesse sentido, os desafios podem atrair os jovens, justamente, porque prometem trazer algum nível de atenção, além da sensação de ser capaz, de ‘dever cumprido’. É uma armadilha, normalmente, pensada por mentes adultas, procurando, justamente, enganar os mais jovens”, observa a especialista.

Legislação define novos recursos para ampliar o controle parental

Ao longo das férias escolares — período em que os jovens estudantes têm folga, mas os responsáveis por eles seguem trabalhando —, Cássia Monteiro acredita que é ainda mais necessário prestar atenção ao que os menores estão fazendo. “É possível que eles passem mais tempo nas redes sociais. Vão manter o contato com os amigos mais próximos, com quem poderiam compartilhar conteúdos do tipo e, longe da escola, talvez tenham mais tempo sem supervisão, que pode acabar sendo usado para tentar cumprir um desses desafios”, aponta.

De acordo com a psicóloga, estimular os filhos a falar sobre o que consomem nas redes sociais e o que sentem ao serem expostos a determinadas publicações, oferecendo segurança e sem julgamentos, é uma forma de se manter próximo a eles, entender seus interesses e acompanhar, diariamente, o tipo de material que

lhe está sendo sugerido pelo algoritmo das plataformas digitais. “Acredito que a conversa e a construção de uma relação de confiança, dentro de casa, são fundamentais. Crianças que sentem confiança para se abrir com os pais estão mais propensas a procurar a opinião deles quando são confrontadas com algo que não parece seguro. Mas, hoje, também existem ferramentas criadas para que pais e responsáveis possam fazer esse acompanhamento de forma mais prática”, comenta Cássia.

Esses recursos, a propósito, passaram a ser obrigatórios, a partir de março deste ano, quando a Lei nº 15.211/2025 — conhecida como o “ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente] Digital” — entrou em vigor. Entre outras medidas, a nova legislação estabelece que jogos, redes sociais e outras plataformas na *internet* precisam fornecer meios acessíveis, fáceis de usar e em língua por-

tuguesa, para que pais e responsáveis controlem e supervisionem a vida *on-line* dos filhos. As contas pessoais de menores de 16 anos devem estar vinculadas ao perfil de um adulto responsável, que pode gerenciar configurações de privacidade, mapear contatos e controlar o tempo de tela do jovem usuário, assim como bloquear compras e desativar recursos potencialmente viciantes — como mecanismos de rolagem infinita.

■ **Psicóloga recomenda que adultos estimulem os filhos a falar sobre seus interesses e atividades na internet**

Boletim de Ocorrência deve ser o primeiro passo para denúncias

A coordenadora do Núcleo Especial de Proteção à Infância e à Juventude (Nepij) da Defensoria Pública da Paraíba (DPE-PB), Mariane Fontenelle, salienta que a legislação presume a vulnerabilidade dessa faixa etária, em razão da condição de pessoa em desenvolvimento. Ela aponta que os desafios virtuais representam uma violação dos direitos desse público, que, “muitas vezes, acaba cedendo à pressão ou à coerção de pessoas desconhecidas, colocando em risco a sua própria segurança, saúde e até mesmo a vida. Por isso, esse tipo de conteúdo também gera preocupação na Defensoria Pública”, relata.

Criado, justamente, para atualizar e estender a proteção da população infantojuvenil ao mundo virtual, o ECA Digital não mantém a responsabilidade pela segurança de crianças e adolescentes exclusivamente nas mãos da família e estabelece uma série de diretrizes rigorosas para combater as diversas formas de violências *on-line*.

Entre outras medidas previstas pela lei, está o fim da autodeclaração de maioridade. Agora, plataformas e aplicati-

vos precisam criar mecanismos para verificar, de forma segura, a idade dos usuários. “A lei passa, também, a combater a publicidade abusiva, a monetização erotizada de canais que tenham a exposição de crianças e, também, a exigir alvará judicial sempre que a criança e o adolescente fizer uso lucrativo daquele meio, plataforma ou perfil”, detalha a defensora.

Para os pais que identificarem seus filhos expostos a coações, desafios perigosos ou materiais inadequados, a orientação jurídica é formalizar uma denúncia. O primeiro passo indicado pela Defensoria Pública é registrar um Boletim de Ocorrência (BO) junto à Delegacia Especializada de Infância e Juventude, a fim de possibilitar a abertura de uma investigação criminal e a remoção do conteúdo indevido. Também é possível conseguir ajuda por meio do Ministério Público da Paraíba (MPPB), do Conselho Tutelar, do Disque 100 — canal do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) — e da própria DPE-PB.

A sede do Nepij fica localizada na Rua Monsenhor Walfredo Leal, nº 503, no bairro de



Foto: Arquivo pessoal

A lei combate a publicidade abusiva e exige alvará sempre que o menor fizer uso lucrativo da plataforma ou do perfil

Mariane Fontenelle

Tambá, em João Pessoa. O atendimento acontece de segunda a sexta-feira, das 8h às 14h. Pode-se, ainda, contatar a unidade mediante o telefone (83) 98654-2887 — exclusivamente via WhatsApp — e pelo *e-mail* nepij@defensoria.pb.def.br.

FÉRIAS NA CAPITAL

JP tem variedade de opções turísticas

Atrativos acessíveis oferecem imersão nas belezas naturais, culturais e históricas da Região Metropolitana

Henrique Toscano
henritosca06@gmail.com

Durante as férias, turistas ou moradores de João Pessoa que saem à procura de alternativas de lazer na cidade dispõem de uma variedade de opções. Para quem opta por um local de visitação mais acessível, sem longos deslocamentos, a Região Metropolitana oferece muitos atrativos: espaços como museus, feiras de artesanato e parques naturais contêm, cada um, histórias e encantos peculiares.

A reportagem do jornal **A União** destaca alguns desses lugares e apresenta sugestões de programas que podem ser feitos nos períodos de pausa na rotina. A terra onde se pode ver o nascer do sol antes de qualquer outro local do Brasil e do continente americano oferece um roteiro eclético para quem quer conhecê-la ou revisita-la. Ademais, João Pessoa consegue agradar aos mais diferentes perfis de visitantes — sejam do Nordeste, de outras regiões do país ou do exterior.

Memória e patrimônio

No Centro Histórico, o turista pode conhecer o Centro Cultural São Francisco, considerado um dos mais importantes monumentos barrocos da América Latina. Tombado pelo Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o complexo reúne a Igreja de São Francisco, o Convento de Santo Antônio, as capelas da Ordem Terceira e de São Benedito, a Casa de Oração — onde fica a Capela Dourada —, além de um claustro, um museu de arte sacra e um magnífico adro com cruzeiro.

No antigo Palácio da Redenção, situado na Praça João Pessoa — também no Centro Histórico —, fica o Museu de História da Paraíba, instituição voltada à preservação, à pesquisa e à difusão da memória histórica e cultural do estado. Além de oferecer exposições e um acervo de objetos históricos, o espaço conserva a ambientação original dos salões nobres ocupados por governantes do passado — incluindo o quarto onde nasceu o escritor Ariano Suassuna, filho do ex-governador João Suassuna.

Já o Museu do Artesanato Paraibano é classificado como o principal espaço de preservação e de valorização da arte popular e da identidade cultural do estado. Instalado em um imponente casarão histórico tombado, o espaço fica na Praça da Independência, no Centro de João Pessoa. O local dispõe de um amplo acervo de peças de artesãos e de artistas paraibanos, confeccionadas com base em dife-



Construída estrategicamente na Ladeira de São Francisco, a Casa da Pólvora oferece uma vista para o Rio Sanhauá e o pôr do sol

rentes técnicas e tipologias, como fibras, rendas, metais, cerâmica e madeira.

O Hotel Globo, situado na Praça de São Frei Pedro Gonçalves, no bairro de Varadouro, é um edifício antigo, inaugurado em 1929. Nele, ao longo das décadas de 1920 e 1930, hospedaram-se notórias personalidades da história brasileira. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artís-

tico da Paraíba (Iphaep), o espaço deixou de funcionar como hospedaria e abriga, atualmente, um centro cultural. Do jardim do prédio, vê-se um deslumbrante pôr do sol sobre o Rio Sanhauá.

Datada do período colonial, a Casa da Pólvora é outra antiga edificação do Centro, representando um marco histórico e um símbolo da defesa da Capitania da Paraíba. Sua construção

foi iniciada em 1704 e concluída em 1710. Tendo, como nome oficial “Casa da Pólvora e dos Armamentos da Ladeira de São Francisco”, o lugar foi estrategicamente erguido na encosta da ladeira. O ponto funcionava como uma espécie de mirante natural, que permitia a vigilância da movimentação no Porto do Varadouro e no Rio Sanhauá. Construído com robustos blocos de cal-

cário assentados com uma mistura de cal e barro, o edifício conta com um teto em formato de abóbada de pedra. Em seu interior, eram armazenados os armamentos e a pólvora que defendiam a capitania paraibana. Na área externa, em um largo aberto, os frequentadores costumam reunir-se para contemplar uma vista panorâmica do Sanhauá e do pôr do sol.

Fauna, flora e legado literário são riquezas preservadas

Aqueles que buscam um lugar com porções preservadas de Mata Atlântica, além de espécies da fauna típica do bioma, podem dirigir-se ao Parque Zoobotânico Arruda Câmara. Conhecido como “Bica” pela população pessoense, o zoológico é um agradável refúgio florestal e de lazer da cidade.

Caso transite pelo bairro da Torre, o visitante da capital ainda pode incluir, em seu percurso, o Jardim Botânico Benjamin Mara-

nhão (JBBM), mais um espaço local de promoção e conservação da Mata Atlântica. Nele, são realizadas ações e programas de pesquisa ambiental e de desenvolvimento e manutenção de coleções documentadas de plantas desse bioma, assim como de outros espécimes adequados à zona climática nordestina.

O JBBM encontra-se inserido no Refúgio de Vida Silvestre (RVS) Mata do Buaraquinho, uma Unidade de

Conservação (UC) de Proteção Integral gerida pelo Governo do Estado. Com aproximadamente 513 hectares, a floresta é considerada uma das mais importantes remanescentes de Mata Atlântica em área urbana do Brasil.

Ciência e arte

No bairro Altiplano, há a Estação Cabo Branco — Ciência, Cultura e Artes, um importante centro público cultural, científico e artístico de João Pessoa. O em-

preendimento, mais conhecido pelos pessoenses como “Estação Ciência”, teve sua arquitetura idealizada por Oscar Niemeyer e é apontado como um dos principais símbolos modernos e de visitação turística da capital.

Vizinho ao Altiplano, situa-se o bairro costeiro de Cabo Branco, onde se encontra, no nº 3.336, de frente para o mar, a Fundação Casa de José Américo (FCJA) — que abriga o Museu Casa de José Américo.

O ambiente, reconhecido como a antiga residência do ilustre político e escritor paraibano José Américo de Almeida, preserva e expõe elementos da vida e da obra dele. Personalidade admirada na história nacional, José Américo foi o autor de *A bagaceira* (1928), romance inaugural do modernismo regionalista na literatura brasileira.

Nas dependências da casa, o visitante tem a oportunidade de apreciar mó-

veis originais, fotografias pessoais e uma biblioteca com um acervo de obras raras. O local também conta com um pátio, onde são regularmente promovidas atividades culturais — como apresentações musicais, saraus e lançamentos de livros —, além de feira agroecológica. Na área dos jardins do local, foi erguido um mausoléu com os restos mortais do intelectual homenageado e de sua esposa, Anna Alice Mello de Almeida.

Fortaleza e mercado de artesanato também encantam visitantes

Vinda de Minas Gerais, a dentista Bárbara Luzita, de 26 anos, sentia-se impressionada com a variedade de artigos expostos no Mercado de Artesanato Paraibano (MAP), em Tambaú. “Estou encantada com o colorido. Adorei as rendas e os tapetes. Pretendo conhecer as feiras de produtos artesanais da orla e saborear as comidas regionais”, contou a visitante, que desembarcou na capital, com os pais, para aproveitar as férias.

Outro turista de passagem pelo MAP era o motorista paulista Joacir Antônio Elias, de 70 anos, acompanhado da esposa e da filha. A família observava atentamente os produtos oferecidos em cada *box* que a atraía. “Viemos conhecer o mercado por indicação de um taxista. Depois de me deixar com a minha família, no hotel em que estamos hospedados, em Manaíra, ele sugeriu

que conhecêssemos esse espaço. Todos os atrativos são bastante encantadores. Queremos levar muitas lembranças”, comentou Joacir.

Em Cabedelo, uma das cidades que compõem a Região Metropolitana de João Pessoa, a equipe de reportagem encontrou mais visitantes satisfeitos com a diversidade de atrativos locais. O aposentado mineiro José Hilton de Alcântara Filho, de 69 anos, passava pela primeira vez pela Fortaleza de Santa Catarina, construída em alvenaria de pedra e cal, na década de 1580. A história da fortificação é apresentada por guias especializados e está aberta à visitação todos os dias, das 8h30 às 17h. “Fiquei bem impressionado com o passeio. Recomendo que mais turistas venham conhecê-la, pois tudo é muito interessante”, destacou José Hilton, classificando o forte como bonito e bem conservado.

O arquiteto cearense de *softwares* Jucélio Araújo, de 45 anos, também aprovou a experiência de ter conhecido o lugar, destacando o impacto visual da construção. “O que mais chamou minha atenção foi a imponência da estrutura, que é, além de rústica, bem robusta. Me deixou imaginando como era o funcionamento disso no passado, em um Brasil de outra época”, afirmou.

■ Em Cabedelo, passeio por fortificação conta com a apresentação de guias especializados; local é aberto diariamente



O Forte de Santa Catarina, é mais um testemunho do período colonial; em Tambaú, o MAP exhibe uma diversidade de confecções artesanais



Foto: Carlos Rodrigo

Fotos: Evandro Pereira



Foto: Sil Ribas/Divulgação

Sem mixagem posterior, “ao vivo”, em estúdio”, a intenção do disco Fofo é emular o seu primeiro trabalho, Aos vivos, lançado há mais de 30 anos

MÚSICA

“Minha expressão em estado puro”

Chico César fala ao jornal A União sobre revisitar o passado e mirar no futuro do seu mais novo álbum

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

No disco *Fofo*, lançado recentemente no YouTube, podemos observar o ofício de dois artistas diferentes. Primeiro, o Chico César do passado, adolescente e residente em João Pessoa, projetando o seu futuro como músico e, a partir de certo ponto, reportando como jornalista suas impressões do cotidiano oitentista. Depois, um Chico César contemporâneo, cosmopolita, ainda afetado pela recente pandemia de Covid-19 e refletindo as relações humanas do século 21. Em entrevista para **A União**, o cantor e compositor paraibano detalha a sua nova empreitada, antologia de obras inéditas dessas duas versões de um mesmo sujeito, ciente de sua obra e de si próprio e que mira, agora, o futuro da profissão.

Fofo conta com 16 faixas, a maioria com letra e música solos, gravadas apenas com voz e violão, “ao vivo”, em estúdio”, segundo definição de Chico: não houve mixagem posterior do instrumento. A intenção era emular o seu

primeiro álbum, *Aos vivos*, lançado há mais de 30 anos, e replicar a configuração da turnê comemorativa deste *LP*, que rodou o Brasil e o mundo em 2025. “E aí eu pensei: ‘Poxa, acho que é isso’. É a minha expressão em estado puro. Eu gosto muito de me apresentar assim, livre de uma autoexigência muito grande”, afirma.

A ideia foi amadurecendo graças a conversas com a cantora caboverdiana Mayra Andrade, nos bastidores de uma apresentação em São Paulo — ela trouxe a público uma equipe diminuta, mas um cancionário bastante significativo. “Era outro rapaz tocando violão e ela, cantando coisas que marcaram a juventude de Mayra, antes de ser conhecida ou quando estava se tornando conhecida. Isso também me estimulou a querer revisitar o repertório da [minha] adolescência: ‘Vamos dar vez a esse menino, ele merece’”, recorda, brincando.

Dentre as faixas antigas estão a sucinta “Hino da coroação”: “Essa abria o *show Pão doce recheado com granada*, que eu fiz no projeto que o Musiclube da Paraíba [mítico co-

letivo cultural] tinha toda semana. E foi com esse *show* que eu cheguei a São Paulo”. Fruto de sua aproximação com *duo* Jaguaribe Carne, dos irmãos Paulo Ró e Pedro Osmar, a obra representa interesses em comum com os colegas: “Cheguei em João Pessoa, com 16 anos, oriundo do grupo Ferradura, que eu tinha com o Ecurinho, Adonias, Branco, Cosme e Zé Almeida, lá em Catolé do Rocha. Tinha uma revolta social que procurávamos expressar em música”.

Aquela altura, entre os 1970 para 1980, as referências culturais de Chico eram os pioneiros baianos — Caetano Veloso e Gilberto Gil — e “o pessoal do Ceará”, alcunha dada a artistas nordestinos, nascidos ou não naquele estado, que começavam a fazer sucesso no Sudeste; também presentes, Luiz Melodia e Walter Franco. “Aí eu recebi um recado de Pedro Osmar, que trabalhava numa gráfica, com um amigo meu: ‘Diga àquele menino de Catolé do Rocha que eu gostaria de fazer umas músicas com ele, quando ele deixasse de imitar Ednardo. E eu achei graça desse recado, porque realmente eu era muito influenciado ele”.

Punk da Caatinga

Na outra extremidade da ampulheta, a canção-título, *Fofo*, surgida em meio à recente divulgação do disco anterior, *Vestido de amor*, e que foi apresentada anteriormente, em vídeo. “Eu não quero ser fofo / Eu quero ser a porra do amor da sua vida”, ousa Chico, nos versos iniciais, influenciados pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. “Estava lendo o livro *Americanah*. A personagem feminina diz para o personagem masculino: ‘Você é tão fofo’ e ele responde isso. Achei muito legal, parei a leitura e já fui para o violão”, informa.

Outras faixas chamam atenção ao traçarem paralelos entre épocas distintas. “9 linhas

“

Eu espero que o artista conhecido que eu me tornei crie uma facilidade para que as pessoas escutem essas músicas

Chico César

Analizando essas versões de si mesmo, bem como os temas explorados em *Fofo*, Chico César assinala que este material pode ser atemporal, a depender da forma como ele é decodificado pelo ouvinte. Ao passo que “Ligue o foda-se” dá sinais explícitos sobre como o cantor porta-se, hoje, diante de certas atribulações, outras como “A verdadeira história do Cavaleiro da Fome contra o Dragão Hipnótico”, composta há 40 anos, despontam como herméticas, mas guardam uma potência interessante. “Eu espero que o artista conhecido que eu me tornei crie uma facilidade para que as pessoas escutem essas músicas”, almeja o paraibano.

Por ora, o disco *Fofo* pode ser ouvido apenas no YouTube; não há previsão de adição nas demais plataformas de música, segundo a assessoria do intérprete. Sobre a possibilidade de lançar mais discos reunindo canções há muito tempo guardadas, Chico diz que há planos para isso.

A música “Sopa”, também composta com Pedro Osmar, e uma série de faixas referentes à pandemia são algumas das que podem “pintar” adiante. “Tenho muita coisa ainda dessa mesma fase da adolescência e da minha chegada em São Paulo, mas eu não sei se realmente precisam vir à tona. Às vezes, uma ou mais canções são um caminho que você está percorrendo para chegar noutras, né? São, talvez, experimentos. Balões de ensaio”, resume.



Por meio do QR Code, acesse o novo disco no canal do YouTube

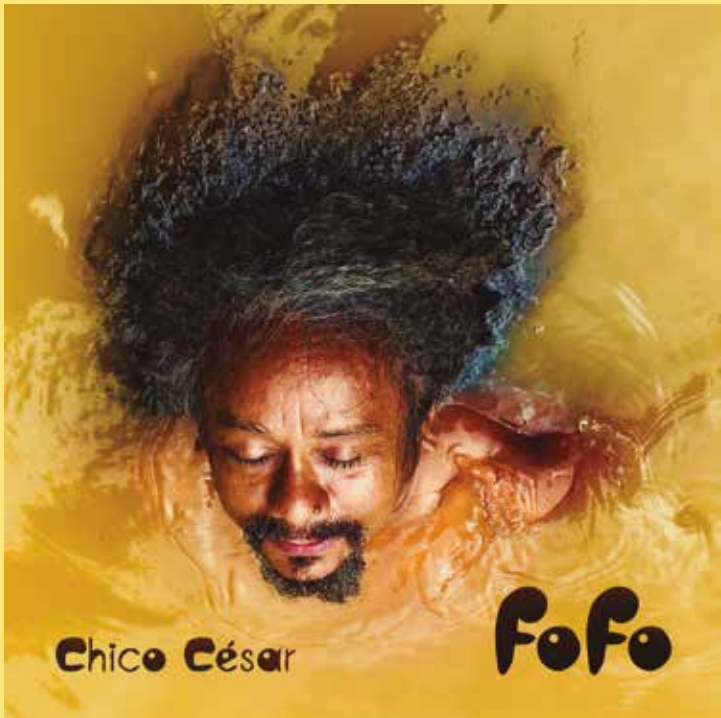


Imagem: Divulgação/Límaise Produções Artísticas

Disco reúne 16 faixas, a maioria solo, gravadas com voz e violão

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

O teatro das aparências

As interações sociais geralmente seguem roteiros bem definidos, porque os indivíduos envolvidos compreendem os significados sociais desses encontros, reconhecem e agem de acordo com as expectativas de cada situação. Afirmção nem sempre correta quando se trata de uma relação entre pessoas com estigma e sem estigma. Uma série de complicações decorre daí.

O sociólogo Canadense Erving Goffman observa em suas pesquisas, encontros, muitas vezes desconfortáveis, entre deficientes físicos e “não deficientes”. É comum, diz, que ocorra estranhamento e dificuldade na escolha da melhor maneira de agir. Vejam os casos de pessoas que gritam ao dirigir a palavra a cegos, como se o problema deles fosse auditivo e não visual. Temos receio de como dirigir-se a deficientes físicos por medo que eles achem que estamos tratando-os como “coitadinhos”. O que tende a demandar respostas, que variam desde o retraimento a atitudes agressivas de autodefesa.

É importante acrescentar que as sociedades estabelecem os mecanismos que utilizamos para caracterizar as pessoas e os respectivos atributos

considerados normais ou anormais. Esses conceitos só ganhariam sentido numa lógica relacional. O que pode ser normal nesse lado do Atlântico, pode não ser do outro. Não existiria, portanto, anormalidade em si, mas apenas em relação à determinada pessoa ou grupo social.

Goffman reforça esses argumentos com ilustrações práticas, como a de um criminoso profissional que sempre antes de entrar numa biblioteca observava com atenção ambos os lados da rua, no esforço de evitar ser visto por algum de seus colegas. Provavelmente, jovens de classe média e os leitores deste jornal não se sentiriam incomodados caso fossem flagrados em situação semelhante, tampouco se tratassem eles de estudantes ou intelectuais.

As interações entre indivíduos estigmatizados tendem a ser suavizadas. É por isso que grupos de autoajuda, como os alcoólicos anônimos, ilustraram com perfeição essa ideia. Além de permitir trocas de experiências, indivíduos tendem a tolerar que “iguais” imiscuem-se em suas vidas, sem que isso necessariamente pareça uma invasão forçada ou afronta à própria intimidade. A autoidentificação suaviza-

ria o processo, fortalecendo na mesma medida os laços sociais.

No filme *O clube da luta*, dirigido por David Fincher, o personagem Edward Norton frequenta diversos tipos de grupos de autoajuda. O engraçado é que ele não sofria dos mesmos problemas dos outros integrantes, era um fingidor. Tal exemplo reforça a ideia de ação teatral típica à sociologia de Goffman — em outras palavras, a ideia de que agimos como atores que interpretam papéis em nossa vida social.

Propensão

As interações entre indivíduos estigmatizados tendem a ser suavizadas. É por isso que grupos de autoajuda, como os alcoólicos anônimos, ilustraram com perfeição essa ideia

Klebber Maux Dias

Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Reconstrução da dignidade

A experiência do desespero acompanha a humanidade desde os seus primeiros registros filosóficos e literários. Embora associada a situações extremas de sofrimento, ela nem sempre se manifesta de forma evidente. Muitas vezes, encontra-se disfarçada na rotina cotidiana, nas responsabilidades profissionais, nos relacionamentos e nas expectativas sociais. O indivíduo continua desempenhando suas funções e cumprindo seus compromissos, mas passa a conviver com um sentimento persistente de vazio e inquietação.

Trata-se de uma condição existencial que transcende a tristeza ou insatisfação passageira. Nesse sentido, refletir sobre o desespero e o fracasso permite compreender os desafios da busca por sentido, em uma sociedade marcada pela competitividade, pelo consumo compulsivo e pela valorização excessiva do sucesso simbólico.

Viktor Emil Frankl (1905–1997) foi um neuropsiquiatra austríaco e fundador da Logoterapia, desenvolveu uma das mais influentes teorias sobre a busca de sentido. Sobrevivente dos campos de concentração nazistas, ele observou que a capacidade de atribuir significado ao sofrimento era decisiva para a resistência psicológica diante das adversidades. Em seu livro, *Em busca de sentido*, publicado em 1946, ele afirma: “Quem tem um por que para viver pode suportar quase qualquer como” (2021, p. 126). Para Frankl, o sofrimento torna-se insuportável quando é percebido como destituído de significado. O chamado vazio existencial surge quando o indivíduo perde a capacidade de identificar valores, objetivos ou propósitos que justifiquem sua permanência no mundo.

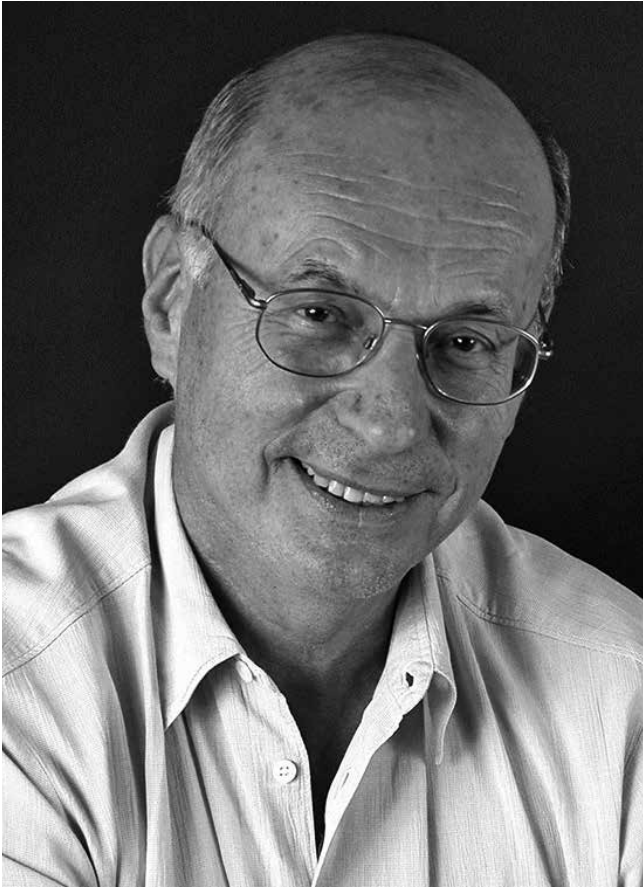


Foto: Reprodução/La Forêt des Livres

Etologista, neurologista e psiquiatra francês Boris Cyrulnik

O sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925–2017) argumenta que a modernidade líquida produziu relações cada vez mais frágeis, identidades instáveis e uma constante sensação de insegurança. Nesse contexto, o sucesso é frequentemente transformado em medida absoluta de valor humano. A pessoa passa a acreditar, que sua dignidade depende de conquistas profissionais, reconhecimento público ou acumulação material.

Entretanto, quando tais metas não são alcançadas ou se mostram insuficientes para proporcionar realização, instala-se uma sensação de fracasso que pode evoluir para o desespero. Todavia, o fracasso não deve ser compreendido apenas como uma experiência negativa. Diversos filósofos reconheceram sua importância no processo de amadurecimento humano. Friedrich Nietzsche (1844–1900)

foi um dos pensadores que mais enfatizou o valor formativo das dificuldades. Em *Crepúsculo dos ídolos*, publicado em 1889, escreve: “Aquilo que não me mata torna-me mais forte” (2011, p. 18). Para Nietzsche, os desafios, perdas e sofrimentos contribuem para o fortalecimento da personalidade quando são enfrentados de forma criativa e reflexiva. O crescimento humano ocorre por meio delas. Essa compreensão aproxima-se do conceito contemporâneo de resiliência.

Segundo o médico, etologista, neurologista e psiquiatra francês Boris Cyrulnik (1937), a resiliência consiste na capacidade de reconstruir-se após experiências traumáticas ou dolorosas. Não significa negar o sofrimento, mas aprender a atribuir-lhe novos significados. Nesse sentido, o fracasso pode funcionar como uma oportunidade de autoconhecimento, revisão de

expectativas e redefinição de projetos de vida. O erro deixa de ser visto como um veredicto definitivo sobre a própria capacidade e passa a ser interpretado como parte inevitável do processo de desenvolvimento humano.

Outro aspecto fundamental para enfrentar o desespero é a importância das relações interpessoais. Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.), filósofo grego, defende em seu livro *A política*, que o ser humano é naturalmente um ser social. A amizade, o diálogo e a convivência são elementos indispensáveis para a realização pessoal. Considerando isso, em momentos de crise, a presença de amigos confiáveis, familiares e comunidades de apoio contribuem para recuperar a saúde emocional do indivíduo.

Além disso, a arte e a cultura constituem importantes instrumentos de resistência ao desespero. A literatura clássica, a filosofia, a poesia e a música erudita oferecem possibilidades de reflexão, que transcendem as preocupações imediatas da vida cotidiana. Assim, a reconstrução do sentido da existência exige aceitação das limitações humanas, fortalecimento dos vínculos sociais, desenvolvimento da paixão e abertura para experiências culturais capazes de ampliar a compreensão de si mesmo e do mundo.

Sinta-se convidado para a audição do 576º Domingo sinfônico, que ocorrerá hoje, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante o programa, comentarei o talento e as interpretações da violinista e pianista alemã Julia Fischer (1983).

Kubitschek Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Ironia virtual

Redes em transe. Os viajantes ajoelham-se sobre as redes e promovem lamentações. Outros cantam e cantando recebem aplausos. E tem as gostosas, que carregam nas cenas o afluente de um rio erótico, e tudo é muito bom de navegar.

Os doentes fazem muitas postagens, para espalhar as dores ao longo do dia, como se fossem lavouras. Só não rola o dizimo, mas as rezas chegam ao céu de brigadeiro

Baby Consuelo disse, em sua página, que não sabia o que é “magia” e trocou a palavra de uma canção por alegria, e, nessa leva, ela disse que fez alteração na canção de Assis Valente, e cantou: “Eu fui a igreja pedir a Jesus Cristo para me ajudar”, ao invés de ir a Penha pedir a padroeira para lhe ajudar. Claro que Assis Valente lavou as mãos.

Depois, metem brigas e há quem progressivamente se afasta do outro porque sua militância política ou partidária não deixa, e fazem questão dizer aos seguidores, como se rolasse outra Guerra Fria e separam-se definitivamente das amizades.

A narrativa cresce no âmbito da vida pessoal, falam que outras pessoas não valem nada (se é que valeram) e chegam a escrever: “Linda”, “maravilhosa”, “incrível”. Como os falsos têm a arte de mentir, né? E o pior que existem pessoas para apoiar e para aplaudir.

O Facebook há muito virou um confessionário, e a fila vai bater na esquina da paróquia de Nossa Senhora Mãe dos Homens — cada postagem é uma curtição. A jovem Maria Quercia desabafou esta semana: “Mas nada nesta vida irá me destruir porque sou uma pessoa do bem e temente a Deus!”

Ela escreveu que a vida é uma competição e me parece que descobriu tarde: “Chega a ser inacreditável como as pessoas mentem”, disse, fechando a postagem com uma foto dela, mega exuberante.

Um senhor escritor posta em sua página poemas eróticos, mas o erotismo passa bem longe. Esfolam a suavidade, postam elegância, roupas caras quase um arsenal e querem elogios, adoram ler os comentários e estão certas: quem está no jogo não quer ganhar, quer arreganhar. Até, a ministra Carmen Lucia postou que o pai dela roda a aliança na mesa e chegou a indagá-lo por que ele ainda usa a aliança, se a mãe dela já tinha morrido. Ele disse que vai amá-la até o fim. Onde é o fim?

Mal-estar e de modo geral, uma tuia de vídeos com os protagonistas falando de obras, que leram e não leram, enquanto outros dizem como fazer para continuar jovem, remédios para a próstata, bexiga e tosse seca e mil utilidades com garrafas pet transformam-se, além das gracinhas com os pets etc. É um delírio e ainda há que fale bem do calor.

Os chorões estão em alta e as “vaquinhas” também. Uns reclamam de restaurantes, dizem que a comida não presta porque viram um fio de cabelo, espalham vídeos com imagens outras. É um circo de horrores.

Falta de foco, problemas de sono, comparações nocivas e rolam brigas, tabefes, cusparadas. Sequer o pão ázimo sufoca a fome de viver dos grudado nas redes.

Kapetadas

1 – Joyce põe a leitura à prova, dissolve o sentido e transforma. Mas quem é James?

2 – Os dias estão sendo abreviados, já percebeu!? Parece que foi ontem domingo e domingo já é depois de amanhã.

Foto: Paulo Pinto/Estadão Conteúdo



Cantora, compositora e pastora Baby do Brasil, ex-Consuelo

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

Aptidão de uma grande atriz paraibana

Recentemente, o *Correio das Artes* do jornal **A União** publicou um relato completo da vida cultural dos atores Zezita Matos e Fernando Teixeira, sob o título “Bastões da Dramaturgia”. A publicação traz uma longa retrospectiva de Zezita e Fernando, naquilo que ambos têm sido muito importantes, que é o teatro e o cinema.

Na Academia Paraibana de Cinema Zezita Matos ocupa a cadeira nº 6, tendo como patrono Einar Svendsen, enquanto Fernando Teixeira tem como patrono o jornalista e crítico de cinema Jurandy Moura da cadeira nº 15. Contudo, a participação mais emblemática para a cultura da Paraíba é a da atriz Zezita Matos, que presidiu a nossa academia e mostrou excelente desempenho à frente da entidade.

Ainda em plena atuação no teatro e no cinema — e respeitado símbolo da cultura paraibana, com uma longa e brilhante carreira já registrada — foi na gestão de Zezita que corrigimos uma falha existente desde a criação da APC, que era o número de cadeiras patronais. Passando de 60 para 50, que seria o grau habitual das entidades culturais existentes no país, inclusive o adotado pela Academia Francesa de Cinema.

Nossa relação foi das melhores possíveis. Mais ainda porque fiz parte do Conselho Diretor de Zezita durante toda a sua gestão à frente da Academia Paraibana de Cinema. E foi nessa época



Zezita Matos em uma das cenas do curta-metragem Anna Margot, disponível no YouTube

que realizamos o média-metragem *Anna Margot*, baseado em conto do membro da academia, o nosso amigo Manoel Jaime Xavier, que também protagoniza sua história ao lado de Zezita e da jovem Iasmin Soares, assistente *videomaker*. A produção é da ASProd Cinema e Vídeo, fotografia de Daniel Rosas, roteiro e direção de Alex Santos.

Anna Margot, digitalmente gravada em full HD, em excelente resolução de tela (1920 × 1080 *pixels*), já pode ser assistida no YouTube pelo seu *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=F-Cvw8gB3VJw>.

Gravada no primeiro andar de um casarão do Centro Histórico, com vista para o Rio Sanhauá, a história fala da existência rotineira de uma senhora de meia-idade que vive sob os cuidados de sua neta, Iasmin. Fatigada, a mulher continua lembrando seus dias de glória nos palcos e na frente das câmeras, exercendo o que mais sabia fazer — interpretar seus inúmeros personagens. Nas paredes do pequeno quarto onde vive, desfilam algumas fotografias de um tempo que se foi. Mais “Coisas de Cinema”, em: [www.alexsantos.com.br](http://www.alex santos.com.br).



APC participa de debates no Cine Passeio

A Academia Paraibana de Cinema continua presente nos eventos mais importantes ligados ao cinema, realizados em João Pessoa e no interior do estado. Nesta semana, discutindo sobre a Influência do Cinema Francês no Cinema Paraibano.

O presidente da APC, prof. João de Lima Gomes, seguido de Bertrand Lira e Mariana Silveira, participou de evento no novo espaço de debates e sessões Cine Passeio. Projeto que tem a coordenação de Paulo Roberto, gestor da Film Commission da PMJP, localizado na Rua João Freire, no bairro da Torre, Centro da capital.

BIENAL DO LIVRO DE SP

Mercado de quadrinhos ganha novo coletivo

Talita Facchini
Agência Estado

Um coletivo criado por autores e profissionais do mercado editorial será lançado durante a Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que ocorre de 4 a 13 de setembro, com a proposta de oferecer serviços voltados a quadrinistas independentes.

Batizada de “Caixa de Quadrinhos”, a iniciativa pretende reunir apoio em áreas como distribuição, ven-

da *on-line*, comunicação, assessoria de imprensa, logística e presença em livrarias, permitindo que os autores mantenham os direitos sobre suas obras.

O projeto foi idealizado pelo quadrinista Carlos Ruas, ao lado de Fabio Uehara, profissional do setor, e Priscilla Viotto, especialista em Administração e Logística. Segundo os criadores, a proposta surgiu da percepção de que muitos artistas independentes conseguem viabilizar

suas publicações, mas ainda encontram dificuldades para ampliar a circulação de seus trabalhos e alcançar novos leitores.

“O quadrinista independente já faz praticamente tudo sozinho. Ele escreve, desenha, produz, vende, administra as redes sociais e participa dos eventos. A Caixa de Quadrinhos nasce justamente para preencher essas lacunas, permitindo que o autor continue fazendo aquilo que sabe fazer melhor: criar”, explica Ruas,

conhecido pela *webcomic* *Um Sábado Qualquer*.

Vale ressaltar que a Caixa de Quadrinhos não pretende atuar como editora convencional. A proposta é funcionar como uma parceira estratégica dos autores, preservando sua autonomia e os direitos sobre suas obras. “Queremos impulsionar carreiras, ampliar o alcance dos livros e fortalecer o quadrinho independente brasileiro sem retirar do artista o controle sobre sua criação”, afirma Ruas.

A estreia do projeto será acompanhada pelo lançamento da coletânea *Caixa de Quadrinhos – Reescrevendo Contos*, que reúne 10 releituras de clássicos da literatura infantil produzidas por autores como o próprio Carlos, Orlandeli, Gustavo Borges, Guilherme Infante, Rafa Fritzen, Will Leite, Wesley Mercês, Jeff Costa, Regiane Braz, Mila e Milio e Cecília Ramos.

O livro está em campanha no Catarse e, com quatro dias para o fim do financiamento, recebeu apoio de mais de duas mil pessoas e atingiu 265% da meta.

A Caixa de Quadrinhos terá um estande de 54 m² na Bienal do Livro de São Paulo, com todos os quadrinistas presentes todo o tempo no espaço. A expectativa é ampliar gradualmente o número de autores participantes e oferecer suporte contínuo para novas publicações individuais e coletivas.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Contos inesquecíveis

Sou leitor e colecionador de contos. Cultivo, assim, minha própria tipologia e devo fidelidade a alguns contistas que admiro e amo em particular. Admirar e amar são atitudes essenciais ao ato da leitura.

Não tenho inclinação por temática nem por estilo. A mim, só importa a intensidade da fatura estética e a densidade existencial e psicológica das personagens, asfixiadas pelas situações-limite. Sim: todo conto deve narrar uma situação-limite. Não sei dormir, sem antes ler ou reler um conto de minha eleição. De frequentar as páginas decisivas desse ou daquele contista.

Alguns me parecem geniais, outros são bons, muitos se fazem medianos, embora sejam capazes de escrever contos seminais. No meu escalonamento, o nome do autor tem seu peso, porém, o que conta mesmo é a força insólita dessa ou daquela narrativa única. E o que é único nunca se esquece.

Tchecov ocupa o pináculo de minha lista. Considero ser ele o mestre dos mestres. Quer no conto curto, quer no conto longo; seja pelo viés do humor, seja pela pegada trágica, ninguém se iguala ao médico russo do século 19. Nele, o local e o universal fundem-se em raro equilíbrio.

Depois vem Guy de Maupassant, Katherine Mansfield, Machado de Assis, Henry James, Jorge Luis Borges, Clarice Lispector, Júlio Cortázar, entre outros e outras, a robustecer o valor de minhas preferências.

Quero destacar, no entanto, alguns contos, de escritores de nome consolidado na literatura brasileira e de outros não muito conhecidos, que constituem parcela fundamental de minha velha coleção, organizada, lida e relida, sempre com renovado prazer artístico e literário. Aqui, a qualidade das narrativas determina a ordem da seleção. É o texto impondo-se por si mesmo, com seus predicados intrínsecos. De forma e substância.

Início pela primeira categoria, e me vêm, de logo, os contos “A enxada”, de Bernardo Élis; “Viagem aos seios de Dúlia”, de Aníbal Machado; “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles; “O chapéu de meu pai”, de Aurélio Buarque de Holanda, e “Rua Dona Emerenciana”, de Marques Rebelo. Este último, inclusive, com a sólida chancela de Graciliano Ramos, que considerava o escritor carioca um contista superior.

Na segunda classificação, isto é, dos não muito conhecidos do leitor comum, chamo a atenção para as pequenas obras primas, intituladas “João Urso”, de Breno Accioly; “Estava nua, de vermelho”, de Antônio Bulhões; “A construção do soneto”, de Ildásio Tavares; “A rosa de Natália”, de Aramis Ribeiro Costa; “Canto de Alvorada”, de Aleilton Fonseca; “Encontro em Ouro Preto”, de Geraldo Holanda Cavalcanti; “As vozes do morto”, de Moreira Campos, e “O interlocutor”, de Hélio Pólvora.

É claro que refiro pequena parte desse repertório ficcional que tem me dado lições definitivas acerca do imponderável que caracteriza a ordem da vida. A coisa literária não pode se desvincular dos vocativos da existência humana. E é por isto mesmo que esses contos me são inesquecíveis.

O conto, se bem realizado, em conteúdo e expressão, pode deflagrar, na alma do leitor, o impacto peculiar ao de um poema. Pode desencadear uma epifania, na sua beleza e na sua verdade.

Foto: Reprodução



Tchecov foi um dos maiores contistas de todos os tempos

Colunista colaborador



Projeto foi idealizado pelo quadrinista Carlos Ruas, criador da webcomic Um Sábado Qualquer

ARTES VISUAIS

Memorial recebe mostra *Rua do Oriente*

Expostas no Espaço Cultural, em JP, obras de Serge Huot investigam as relações entre natureza, cidade e ser humano

Da Redação

Por meio do projeto Fora de Hora, iniciativa do Memorial Abelardo da Hora, localizado no Espaço Cultural José Lins do Rego, na capital paraibana, está aberta a exposição *Rua do Oriente*, do artista visual franco-brasileiro Serge Huot. A visitação é gratuita e a mostra permanecerá no local até o dia 30 de agosto.

Huot é um artista cuja trajetória possui uma ligação direta com Abelardo da Hora (1924–2014). De 1988 a 1991, durante a sua formação artística no Recife, Serge Huot conheceu o mestre pernambucano, encontro que marcou profundamente a sua pesquisa e torna especialmente um significativo diálogo entre a sua produção e o acervo do memorial.

Rua do Oriente apresenta uma pesquisa que investiga as relações entre a natureza, a cidade e o ser humano. Por meio de esculturas, instalações e ações coletivas, a mostra aborda temas como o

tempo, a impermanência, o desgaste e a convivência entre o orgânico e o construído.

A exposição é inspirada por referências como a *arte povera* — um movimento artístico de vanguarda que surgiu na Itália, na segunda metade da década de 1960, no qual os artistas romperam com as convenções tradicionais, usando materiais do cotidiano, orgânicos ou descartados — e a *land art* — movimento que também surgiu nos anos 1960, nos Estados Unidos e na Europa, utilizando a própria paisagem natural como suporte e matéria-prima.

Por conta disso, Huot transforma resíduos urbanos, objetos encontrados e elementos naturais em obras que convidam o público à interação, à escuta e ao jogo.

Ao aproximar sua produção do universo de Abelardo da Hora, a mostra reforça a proposta do projeto de promover o encontro entre diferentes gerações, linguagens e modos de pensar a arte, evidenciando a atualidade

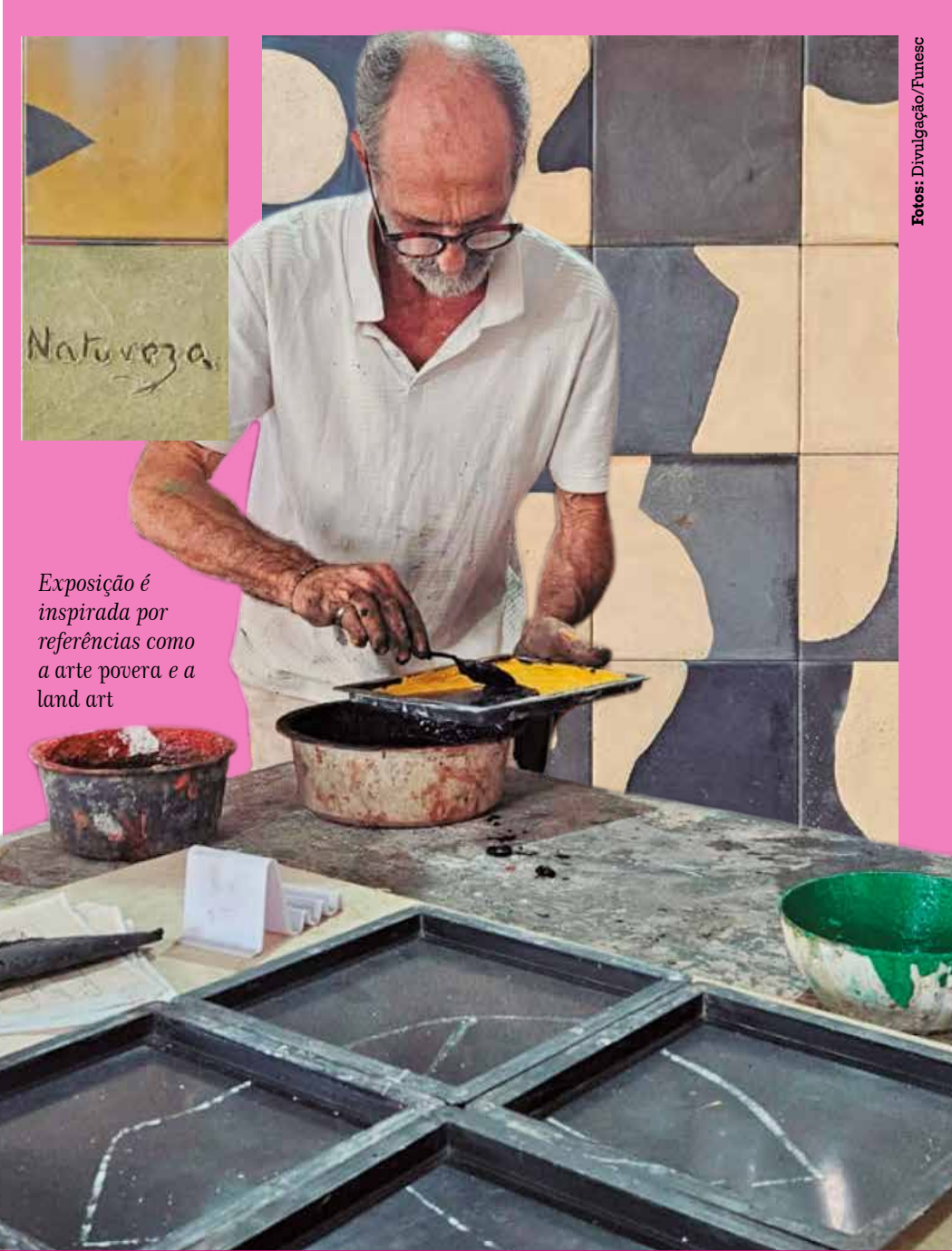
do legado do artista pernambucano e sua capacidade de dialogar com a produção artística contemporânea.

Sobre o autor

Nascido em Saint-Vallier, na França, em 1964, Serge Huot desenvolve, há mais de três décadas, uma trajetória dedicada à investigação das relações entre a arte, a natureza e o urbano.

Atualmente, o artista vive e trabalha na Praia de Arapuça, em Tambaba, no município de Conde, no Litoral Sul paraibano, onde coordena o Centro Cultural e Arte Arapuça, espaço dedicado à criação, ao intercâmbio e às residências artísticas.

Localizado na Rua do Oriente, o centro inspira o título da exposição apresentada no Memorial Abelardo da Hora.



Exposição é inspirada por referências como a arte povera e a land art

Fotos: Divulgação/Funesec

Em Cartaz



Cinema

Programação de 16 a 22 de julho, nos cinemas de João Pessoa: *Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio*.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, o Cine Guedes, em Patos, o Cinemaxxi Cidade Luz, em Guarabira, e o Cine RT, em Remígio, não haviam divulgado suas programações.

ESTREIAS

A ODISSEIA (*The odyssey*). Reino Unido, EUA, 2026. Dir.: Christopher Nolan. Elenco: Matt Damon, Tom Holland, Anne Hathaway, Robert Pattinson, Lupita Nyong'o, Samantha Morton, Zendaya, Charlize Theron, Elliot Page, Jon Bernthal, Mía Goth, John Leguizamo. Aventura. Após a Guerra de Troia, o herói grego Odisseu (Damon) quer voltar para a sua casa. Pelo caminho, o guerreiro enfrenta criaturas míticas e deuses em sua jornada épica de retorno, onde sua esposa Penélope (Hathaway) o aguarda. O rei de Ítaca descreve sua trajetória esbarrando com seres como os ciclopes, as sereias e a feiticeira e deusa Circe. Baseado no poema épico de Homero. 2h52. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 17h (dub.), 20h (leg.); CENTERPLEX MAG 3 (atmos): 14h (leg.), 20h (dub.); CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h45 (dub.), 17h20 (leg.), 20h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE, dub.): 14h15, 18h, 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP, leg.): 13h30, 17h15, 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP, leg.): 15h15, 19h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h15, 18h, 21h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 20h. CINESERCLA TAMBIA 3 (dub.): 19h; CINESERCLA TAMBIA 6 (laser, dub.): 14h, 17h05, 20h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser, dub.): 14h, 17h05, 20h10. CINESERCLA PARTAGE 3 (leg.): 20h; CINESERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h.

XICA DA SILVA. Brasil, 1976. Dir.: Cacá Diegues. Elenco: Zézé Motta, Walmor Chagas, Altair Lima, Elke Maravilha, Stephan Nercessian, Rodolfo Arena e José Wilker. Drama. Na segunda metade do século 18, a escravizada negra Xica da Silva (Motta) torna-se o centro das atenções no Distrito Diamantino, onde estão as minas mais ricas do país. Joao Fernandes (Chagas), representante da Coroa portuguesa, apaixonase por Xica e a transforma na "Rainha do diamante", satisfazendo todos os seus desejos extravagantes. Alertado pelos inimigos do casal, o rei de Portugal manda um emissário a fim de impedir que cresça o poder de Xica na colônia. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 19h (apenas na terça-feira, dia 21).

REAPRESENTAÇÃO

AUTHENTIC GAMES – O FILME: NO IMPÉRIO DESCONECTADO. Brasil, 2026. Dir.: Bruno Murinho. Elenco: Marco Túlio, Andrei Soares, Cauê Bueno, Thay Bergamim. Aventura/ animação. Gamer é sequestrado para

um reino sombrio e se torna um boneco e vai tentar derrotar o vilão. 1h11. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 12h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 12h; CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 12h40; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 12h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 12h30.

ESPECIAL

MOSTRA A CINEMATECA É BRASILEIRA. Exibição de nove filme no Cineteatro São José, em Campina Grande. **Cineteatro São José:** **Quinta-feira (23/7):** 16h – *Última parada 174*; 20h20 – *Amei um bicheiro*. **Sexta-feira (24/7):** 18h30 – *Última parada 174*; 20h20 – *Sanamento básico*, o filme. **Sábado (18/7):** *Lé com Crê*; 17h05 – *O menino e o mundo*. **Quinta-feira (30/7):** 20h20 – *Branco sai, preto fica*. **Sexta-feira (31/7):** 20h20 – *Morto não fala*.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: De 2 a 31/7.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil, 2025. Dir.: Kleber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Gabriel Leone, Maria Fernanda Cândido. Drama. 2h40. 16 anos.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: sáb., 18/7: 19h; qui., 23/7: 15h30.

APENAS COISAS BOAS. Brasil, 2026. Dir.: Daniel Nolasco. Drama. Elenco: Lucas Drummond, Fernando Libonati, Liev Carlos. Um caubói recluso de Goiás em 1984, Antonio (Drummond), abriga um motoqueiro ferido, Marcelo (Libonati). O encontro transforma suas vidas em uma paixão duradoura. 1h44. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: sex., 17/7: 17h; seg., 20/7: 20h; qua., 22/7: 16h10; qui., 23/7: 20h20.

ANATOMIA DO CAOS. Brasil, 2026. Dir.: Dandara Ferreira. Documentário. A trajetória completa da CPI da Covid-19 e transforma imagens exclusivas em um retrato poderoso de um dos períodos mais turbulentos da história recente do Brasil. 1h28. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qui., 16/7: 20h20; sáb., 18/7: 17h30; ter., 21/7: 20h10; qui., 23/7: 17h; sex., 24/7: 19h; qua., 29/7: 17h; qui., 30/7: 19h; sex., 31/7: 15h.

AQUELE QUE VIU O ABISMO. Brasil, 2026. Dir.: Negro Leo e Gregório Gananian. Ficção científica. Elenco: Negro Leo, Danielly O.M.M. Kaufmann, Ava Rocha, Clara Choveaux. Imerso em visões e viagens alucinógenas, X tenta sobreviver numa distopia com um sistema opressor. 1h10. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter., 28/7: 19h; qui., 30/7: 20h40; sex., 31/7: 16h40.

O CONVITE (*The Invite*). EUA, 2026. Dir.: Olivia Wilde. Elenco: Seth Rogen, Olivia Wilde, Penélope Cruz, Edward Norton. Comédia. Casal que caiu na rotina convida vizinho para um jantar e a noite toma rumos inesperados. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 21h (leg.). CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (leg.): 20h30.

CORDÉLICOS – A ORIGEM DO CABRA DA PESTE. Brasil, 2026. Dir.: Ale McHaddo. Vozes: Bruno Garcia, Falcão, Raissa Xavier, Marcelo Mansfield, Tadeu Mello. Comédia/ animação. Cangaceiros viajam no tempo até o ano 3333 e enfrentam aventuras enquanto tentam voltar para sua época. Sequência da série animada de 2021. 1h08. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: 15/7: 5h; sex., 17/7: 15h; sáb., 18/7: 16h10; ter., 21/7: 15h; sáb., 25/7: 15h; dom., 26/7: 16h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 12h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 12h. **Campina Grande:** CINETEATRO SÃO JOSÉ: 18/7: 15h.

CRIADAS. Brasil, 2026. Dir.: Carol Rodrigues. Drama. Elenco: Ana Flavia Cavalcanti, Mawusi Tulani, Ivy Souza. Duas primas que cresceram juntas na mesma casa em São Paulo se reencontram. A convivência entre elas expõe feridas, colorismo e forças sobrenaturais. 1h45. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: sáb., 18/7: 19h; ter., 21/7: 18h20; quin., 23/7: 15h; sáb., 25/7: 17h40; ter., 28/7: 15h; sex., 31/7: 18h10.

A HERANÇA DE NARCISA. Brasil, 2026. Dir.: Clarissa Appelt e Daniel Dias. Terror. Elenco: Paolla Oliveira, Rosamaria Muninho, Elvira Helena. Ana (Oliveira) retorna ao velho casarão de sua infância, após a morte de sua mãe, a ex-vedete Narcisca. Decidida a vender o imóvel, ela passa a ser assombrada pelo espírito da mãe. 1h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qui., 16/7: 16h10; seg., 20/7: 18h20; ter., 21/7: 16h30; qui., 23/7: 18h40; sex., 24/7: 20h40; dom., 26/7: 19h40; qui., 30/7: 17h10.

MAMBEMBE. Brasil, 2026. Dir.: Fábio Meira. Documentário. Topógrafo cruza o caminho de três mulheres de tradição circense. 1h38. 12 anos.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: sex., 31/7: 16h.

MAYA, ME DÊ UM TÍTULO (*Maya, donne-moi un titre*). França, 2024. Dir.: Michel Gondry. Animação/ comédia. Vivendo em países diferentes, pai e filha mantêm vínculo através de um ritual noturno narrativo em que ela sugere um título e ele cria curtas animados baseados nas ideias. 1h01. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dub.: qui., 16/7: 15h; sáb., 18/7: 15h; seg., 20/7: 15h; qua., 22/7: 15h; sáb., 25/7: 16h30; dom., 26/7: 15h. **Campina Grande:** CINETEATRO SÃO JOSÉ: dub.: sáb., 25/7: 15h30.

MOANA (*Moana*). EUA, 2026. Dir.: Thomas Kall. Elenco: Catherine Lagacé, Dwayne Johnson, John Tui. Aventura. Filha do chefe de uma aldeia da Polinésia vai sozinha ao mar em busca de um deus para quebrar uma maldição que atinge seu povo. 1h55. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEXMAG 2 (dub.): 16h; CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 17h30. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 14h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 14h30, 16h10, 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h15, 16h50, 19h30, 22h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h, 15h50, 18h30, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h10, 16h20, 18h30, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h10, 16h20, 18h30, 20h40.

A MORTE DO DEMÔNIO EM CHAMAS (*Evil Dead Burn*). EUA, Canadá, 2026. Dir.: Sébastien Vaniček. Elenco: Souheila Yacoub, Hunter Doohan, Luciane Buchanan. Terror. Após a perda do marido, uma mulher enlutada busca consolo com seus sogros na isolada casa de campo da família. No entanto, o reencontro logo se transforma em um inferno na Terra quando o Livro dos Mortos liberta forças demoníacas que os transformam em Deadites (como são chamados os demônios da franquia) um por um. 1h51. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (exceto na terça-feira, dia 21): 17h40 (dub.), 20h10 (leg.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 19h30, 22h. CINESERCLA TAMBIA 2 (dub.): 20h50; CINESERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h40, 16h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h40, 16h50.

MINIONS E MONSTROS (*Minions & Monsters*). EUA, 2026. Dir.: Pierre Coffin. Comédia/aventura/ animação. Os Minions procuram criaturas assustadoras para participar de um filme de monstros. 1h30. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 14h; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 17h15, 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h45, 17h, 19h10, 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 13h50, 16h10, 18h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h15, 15h30, 17h50. CINESERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h20, 17h10, 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h30, 16h20, 18h10.

SALVAÇÃO (*Kurtuluş*). Turquia, 2026. Dir.: Emin Alper. Drama. Elenco: Caner Cindoruk, Berkay Ates, Feyyaz Duman. Baseado em eventos reais, numa aldeia remota no alto das montanhas turcas, um grupo exilado retorna para com sede de disputa pelo território. 2h. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qui., 16/7: 18h10; sex., 24/7: 15h; dom., 26/7: 17h30; qua., 29/7: 19h30; qui., 30/7: 15h.

SIRÂT (*idem*). Brasil, 2026. Dir.: Oliver Laxe. Elenco: Sergi López, Bruno Núñez Arjona, Richard Bellamy. Drama. 1h54. 16 anos.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: sex., 17/7: 18h10; sex., 24/7: 16h; qui., 30/7: 16h.

TOY STORY 5 (*idem*). EUA, 2026. Dir.: Andrew Stanton. Comédia / aventura / animação. Bonecos tentam fazer a sua dona voltar a brincar depois que ela se vicia numa tela. 1h42. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 14h45; CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 18h30, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 13h40, 16h, 18h30, 20h50; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h, 16h30, 19h, 21h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h, 15h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h30, 17h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h, 16h30, 18h50, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 5 (laser, 3D, dub.): 14h20, 16h30, 18h30, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3 (laser, 3D, dub.): 14h20, 16h30, 18h30, 20h30.

UM TRISTE E BELO MUNDO (*Nujum al'amal w al'alam*). Líbano, Alemanha, EUA, Arábia Saudita, Catar, 2026. Dir.: Cyril Aris. Drama. Elenco: Mounia Akil, Hassan Akil, Julia

Kassar. Ao longo de 30 anos, o intenso vínculo de Nino e Yasmina enfrenta uma eleição entre amor e sobrevivência, enquanto consideram formar uma família no Líbano devastada pela guerra. 1h50. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 20/7: 16h10; sex., 24/7: 17h; sáb., 25/7: 19h40; ter., 28/7: 17h; qua., 29/7: 15h; sex., 31/7: 20h10.

VALOR SENTIMENTAL (*Affeksjonsverdi*). Noruega, Alemanha, Dinamarca, França, Suécia, Reino Unido, Turquia, 2026. Dir.: Joachim Trier. Elenco: Renate Reinsve, Stellan Skarsgård, Inga Ibsdotter Lilleaas. Drama. 2h14. 14 anos.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: qui., 16/7: 16h; sáb., 25/7: 19h; sex., 31/7: 17h50.

Exposições

CONTINUAÇÃO

ALICE VINAGRE (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Visitação: diária, 8h às 22h, até 24/7. Entrada franca.

AVESSOS. Exposição coletiva que reúne trabalhos de 10 artistas (Anatália Silva, Camila Oliveira, Diego Dionísio, Elisa Paula, Guilherme Peres, Hebert Francisco, Jules, Kal Veras, Lucas Magalhães Leiros e Ray Venâncio) em diversas técnicas: pintura, cerâmica, escultura, fotografia, bordado, performance e instalação.

João Pessoa: CIDADE DA IMAGEM CONVENTINHO (R. Padre Antônio Pereira, Varadouro). Visitação: seg. a sex., 9h às 17h, até 16/7. Entrada franca.

CARLOS DJALMA. Exposição da série Sesc Grandes Nomes.

João Pessoa: SESC CABO BRANCO (Av. Cabo Branco, nº 2.788, Cabo Branco). Visitação diária, até 31/7. Entrada franca.

A INTREPRETAÇÃO DOS SONHOS. Exposição individual do paraibano Frankleyson Brasileiro traz a público uma série com inspirações surrealistas, baseada na análise psicanalítica do mundo onírico. São 30 telas em óleo sobre tela, além de uma escultura e uma máscara, ambas em papel machê.

João Pessoa: NOVA GALERIA, na CARAVELA CULTURAL (Av. General Osório, nº 63, Centro). Visitação: quarta-feira (18h às 00h), quinta-feira (19h às 1h), sexta-feira (19h às 2h) e sábado (17h às 3h), até 30/9. Entrada franca.

PASSARADA. Exposição composta por 20 quadros de Pedro Callado sobre a a diversidade aviária do Nordeste brasileiro.

João Pessoa: ESPAÇO AQUARELA, situada na ESTAÇÃO CABO BRANCO — CIÊNCIA, CULTURA E ARTES (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação: de terça-feira a sexta-feira (9h às 18h); sábado e domingo, (10h às 18h), até setembro. Entrada franca.

ELEIÇÕES 2026

Começa prazo para as convenções

Reuniões definirão candidatos a presidente, governadores, senadores, deputados estaduais e deputados federais

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A partir de amanhã, o cenário político entra numa das fases mais decisivas para as eleições de outubro. Até o dia 5 de agosto, os partidos realizarão suas convenções partidárias, definindo as alianças e os nomes que disputarão as vagas de presidente, governadores, senadores e deputados.

Até o fechamento desta reportagem, três dos cinco partidos com pré-candidatos a governador da Paraíba confirmaram as datas de realização de suas convenções: MDB e UP, no dia 5 de agosto, e PL, no dia 2 de agosto. Ainda não divulgaram datas o Progressistas e o Psol.

As convenções partidárias são reuniões de filiados para deliberar sobre assuntos de interesse do grupo, escolher candidatos a cargos eletivos e formar coligações (união de siglas para a disputa de cargos majoritários). Apenas candidatos filiados a partidos podem concorrer, sendo a convenção o filtro para escolher quem, entre os inúmeros membros, disputará o pleito.

O advogado e professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Jonabio dos Santos ressalta que a convenção não é só um ato formal deliberativo, mas possui uma importância sistêmica, porque “é pressuposto de validade de toda a candidatura subsequente”.

Uma das principais novidades para este ano é a cen-

Regra

Embora a legislação permita a exaltação de qualidades pessoais durante o evento, pedidos explícitos de voto continuam estritamente proibido

tralização de documentos das convenções partidárias. Agora, as atas e listas de presença devem ser registradas, exclusivamente, de forma digital no Sistema de Candidaturas (CANDex) e transmitidas pela *internet* até o dia seguinte ao evento.

Igualmente relevante é o Demonstrativo de Regularidade de Atos Partidários (Drap), que precisa ser emitido na convenção, para exemplificar sua importância nas eleições.

Na prática, o documento funciona como a declaração oficial da chapa. Emitido pela própria agremiação, é ele que atesta perante a Justiça Eleitoral que as convenções partidárias ocorreram dentro da legalidade, respeitando as normas estatutárias e a legislação eleitoral vigente.

Se o Drap for indeferido pela Justiça Eleitoral, todos os Requerimentos de Registro de Candidatura (RRC)

a ele vinculados serão automaticamente indeferidos também.

Propaganda antecipada
O limite entre a pré-campanha lícita e a propaganda antecipada também exige atenção durante as convenções. Embora a legislação permita a exaltação de qualidades pessoais e a menção à pré-candidatura, o pedido explícito de voto continua estritamente proibido.

O professor Jonabio dos Santos adverte que a estrutura dos eventos é um fator determinante para a Justiça Eleitoral. Convenções que extrapolam o caráter intrapartidário e se transformam em atos públicos de massa — com carreatas, passeatas, *jingles* e distribuição de adesivos — são consideradas ilícitas.

A recomendação prática do jurista é restringir o público aos filiados, não realizar transmissões ao vivo e remover toda a propaganda intrapartidária imediatamente após o encerramento do evento.

O advogado também salienta que a doutrina mais recente chama atenção para o discurso subliminar ou de conotação eleitoral velada.

“Hoje, entende-se que a configuração da propaganda extemporânea pode decorrer não apenas de pedido explícito de votos, mas também da conotação eleitoral do discurso e da exposição antecipada de propostas de governo que ultrapassam a mera exposição das qualidades pessoais e que o sentido da mensagem

deve ser extraído do binômio texto--contexto, considerando-se imagens, fotografias, meios, número e alcance da divulgação”, alerta.

Coligações e federações
Além da escolha dos candidatos, as convenções determinam as coligações e federações entre os partidos. No caso das coligações, são exclusivas para os cargos majoritários — cabendo em 2026, portanto, apenas para os candidatos aos cargos de presidente da República, governadores e senadores. Já para a formação de uma federação, a legislação exige que a convenção ocorra de forma unificada, com a participação de todos os partidos interessados.

Até a reforma eleitoral de 2017, que passou a valer nas eleições de 2020, os partidos podiam formar coligações tanto para o Poder Executivo quanto para o Legislativo. Isso gerava o que ficou conhecido como “efeito Tiririca”, em que votos de um candidato tinham potencial de eleger indivíduos de partidos opostos dentro da mesma coligação.

A partir de 2020, as coligações proporcionais (para vereadores, deputados estaduais e deputados federais) foram proibidas. Para garantir a sobrevivência de partidos menores e promover alianças mais programáticas, o Congresso aprovou, em 2021, a criação das federações partidárias.

Por meio das federações, duas ou mais legendas podem se reunir para atuarem como se fossem uma única agremiação por, pelo menos, quatro anos e com abrangência nacional.

Registro das candidaturas
Após a realização das convenções, a Justiça Eleitoral verifica se os candidatos cumprem os requisitos legais. Concluída essa verificação, inicia-se o período de registro de candidaturas. Neste ano, a etapa será realizada até as 19h do dia 15 de agosto.

Segundo Jonabio dos Santos, os erros mais comuns nesta fase e que resultam em indeferimento de uma candidatura são: falhas na entrega de certidões criminais; desrespeito à cota de gênero (mínimo de 30% para cada gênero); fotos fora do padrão; e a perda de prazos para sanar pendências.

O especialista reforça que a utilização de bens públicos e o engajamento de servidores públicos em horário de expediente são condutas vedadas e graves, que podem inviabilizar candidaturas e gerar severas punições eleitorais.

Propaganda política
É apenas após encerrar o período de re-

gistro da candidatura, no dia 16 de agosto, que a campanha eleitoral ganha as ruas e a *internet*, permitindo-se, a partir disso, a solicitação explícita de voto. Pedidos antecipados são considerados irregulares e podem resultar em multas.

O eleitor irá às urnas no dia 4 de outubro. O segundo turno será no dia 25 do mesmo mês, caso haja necessidade. A votação começará às 8h e terminará às 17h, sendo a votação uniformizada pelo horário de Brasília em todos os estados e no Distrito Federal.

Uma novidade importante para este ciclo eleitoral são as datas de posse: devido a uma mudança aprovada em 2021, o próximo presidente assumirá o cargo em 5 de janeiro de 2027, seguido pelos governadores, no dia 6.

■ Atas e listas de presença nas convenções devem ser registradas no Sistema de Candidaturas e transmitidas pela *internet*

Especialista recomenda remoção de toda propaganda intrapartidária imediatamente após o evento

Ilustração: Freepik





Foto: Marcelo Canargo/Agência Brasil

Garimpo ilegal comprometeu o acesso à saúde e à segurança alimentar, aumentando vulnerabilidade de povos originários

MEDIDA URGENTE

Grupos defendem políticas contínuas para Yanomami

Enfrentamento de crise em território indígena exige atuação dos Três Poderes

Da Redação
com Agência Senado

Representantes do Governo Federal, lideranças indígenas e entidades da sociedade civil defendem que ações emergenciais no Território Yanomami sejam transformadas em políticas públicas permanentes. Em audiência da Subcomissão Permanente dos Povos Indígenas Yanomami (CDHYANOM), realizada na última semana, eles alertaram para os desafios que persistem, apesar dos avanços no combate ao garimpo ilegal.

A Terra Indígena Yanomami, localizada entre Roraima e Amazonas, abriga cerca de 34 mil indígenas dos povos Yanomami e Ye'kwana. Nos últimos anos, esse território passou a enfrentar uma grave crise humanitária, agravada pelo garimpo, que comprometeu o acesso à saúde e à segurança alimentar.

Presidente dessa subcomissão da Comissão de Direitos Humanos (CDH), a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) afirmou que o enfrentamento da crise exige atuação articulada dos Três Poderes. Segundo ela, embora medidas emergenciais tenham sido adotadas após a decretação da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (Espin), em janeiro de 2023, é necessário garantir a continuidade dessas ações. A parlamentar lembrou que o objetivo da subcomissão é acompanhar a execução das medidas e contribuir para que elas sejam mantidas independentemente de mudanças de governo.

Ações emergenciais

Entre as medidas adotadas desde a decretação da Espin, está a instalação de uma Casa de Governo, em Roraima, vinculada à Casa Civil da Presidência da República, para coordenar ações de logística, assistência à saúde, segurança alimentar e combate ao garimpo ilegal.

A estratégia integrada reúne diversos órgãos federais, entre eles as Forças Armadas, a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e equipes de saúde indígena. Além da manutenção de polos de apoio e Unidades Básicas de Saúde Indígena (UBSIs), cerca de 50 militares do Exército atuam na região em operações de fiscalização para impedir o ingresso de garimpeiros por rios e vias aéreas. As ações incluem destruição de pistas de pouso clandestinas e de estruturas utilizadas pela atividade ilegal.

Conforme o diretor da Casa de Governo situada em Roraima, Nilton Luís Godoy Tubino, as operações reduziram significativamente a presença do garimpo ilegal no território. No entanto, ele alerta que os grupos criminosos têm adaptado suas estratégias e passaram a abrir estradas vicinais para acessar áreas indígenas, o que exige o reforço das ações de monitoramento e fiscalização. “Com o tempo, com a diminuição da atividade garimpeira nos principais eixos, o que a gente tem enfrentado, nesse momento, é a atividade no interior da selva”, explicou.

De março de 2024 a julho de 2026, foram realizadas 10.933 ações, gerando um prejuízo ao garimpo estimado em R\$ 748,6 milhões. Entre as inutilizações ou apreensões, estão 926 acampamentos; 50 pistas de pouso; 57 aeronaves; 2.300 motores; 591 geradores; 32 quadriciclos; 1,3 tonelada de mercúrio; 265 quilos de ouro e 258 mil litros de óleo diesel.

Valorização do ouro

A cotação atual do ouro, a cerca de R\$ 700 o grama, é um dos motivos para a pressão dos garimpeiros. Em março de 2024, de acordo com dados do Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia (Censipam), a área com garimpos ativos era de 4,4 mil hectares — o equivalente a, aproximadamente,

metade da área do Plano Piloto de Brasília.

Segundo Tubino, a estrutura de financiamento dos garimpos “envolve muita gente, muitas estruturas e muito dinheiro, e com rentabilidade muito grande”. Ele calcula que um piloto de aeronave contratado pelo garimpo para atuar na região ganhe em torno de R\$ 150 mil por mês.

Impunidade

No entendimento de Dário Vitorio Kopenawa Yanomami, representante do Fórum de Lideranças na Terra Indígena Yanomami e presidente da Hutukara Associação Yanomami, a falta de políticas públicas mais consolidadas criou uma “cicatriz” difícil de recuperar. Para ele, isso permitiu o avanço do garimpo ilegal, a contaminação das águas, a degradação do meio ambiente, a entrada de armas, de drogas e da prostituição e o aumento significativo do número de mortes e crimes no território. “Metade do garimpo a gente expulsou na Terra Yanomami, mas os garimpeiros continuam nas fronteiras do Brasil com a Venezuela e com Guiana, Guiana Francesa e Colômbia. Isso o Governo Federal não está vigiando. A gente está fazendo o nosso trabalho e denunciando”, afirmou.

Comunidades armadas

Dário Yanomami ainda chamou atenção para o grande número de armas em circulação na região, introduzidas pelo garimpo ilegal. Ele observou que o armamento dos indígenas levou ao aumento de conflito entre as comunidades, e pediu que o Legislativo busque aprovar um projeto de lei que penalize o porte de armas nessas localidades.

A presidente do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Privados de Serviços de Saúde do Estado de Roraima (Siemesp-RR), Joana Gouveia Mendes, alertou sobre a insegurança, que gera

instabilidade para equipes de profissionais atuarem. “Hoje, muitos dos nossos profissionais entram nos territórios com medo. Em novembro de 2024, nós tivemos o assassinato de um técnico de Enfermagem em pleno exercício do seu trabalho”, relatou.

Redução da mortalidade

Com o acompanhamento nutricional e a maior oferta de exames de malária e vacinas, houve uma redução de 18,2% da mortalidade na área, no período de 2023 a 2025, segundo dados do Ministério da Saúde. As maiores reduções foram das mortes por coqueluche (100%), malária (80,8%) e desnutrição (53,2%), além da mortalidade infantil (29,83%).

Atualmente, a equipe de saúde conta com 2.107 profissionais, sendo 63 médicos. A secretária de Saúde Indígena, Lucinha Tremembé, ressaltou que a área não recebeu créditos extraordinários, tendo utilizado o orçamento ordinário do ministério para atingir tais resultados.

Cestas de alimentos

Além disso, de março de 2024 a março de 2025, o Ministério dos Povos Indígenas viabilizou a logística para a entrega de quase 57 mil cestas de alimentos, distribuídas em 404 pontos. De acordo com o secretário-executivo do ministério, Marcos Kaingang, o propósito da pasta é garantir soberania alimentar como uma política de Estado permanente para “ir além da entrega da cesta”.

O presidente da Associação Ypassali Sanuma, Mateus Sanuma, disse que sua comunidade, no estado de Roraima, ainda enfrenta dificuldades de acesso à alimentação e que o cenário vem se agravando. Ele também denunciou um aumento no número de suicídios em sua região.

“No Amazonas os Yanomami têm comida, têm a caça, mas na nossa região não temos isso”, comparou.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (51)

Pelo livro *Uma breve história de como f*demos com tudo*, de Tom Phillips, fiquei sabendo que Guilherme II da Alemanha acreditava ser um negociante genial. Na verdade, seu único talento era ofender os países com quem negociava, o que talvez explique as origens da Primeira Guerra Mundial.

Lembra algum líder atual? Quem? O do cabelo de macaco bugio-vermelho?

Em 2014, o então estudante de rádio e TV, da Universidade Federal da Paraíba, Ewerton Rodrigo estava elaborando trabalho de conclusão de curso com a temática “rádio comunitária” e enfrentava dificuldade para obter fontes sobre o assunto.

“Já procurei em todas as bibliotecas de João Pessoa e não encontro livros que abordam esse tema, e só vim a ter acesso a um acervo quase completo sobre isso na Biblioteca Comunitária Arnaud Costa, da Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, em Itabaiana”, disse Ewerton.

Em 2017, na Paraíba, foi registrado o Partido Nacional Corinthiano.

O Partido da Mulher só tem um deputado. E é homem.

Joelmir Beting (*in memoriam*), afirmou no ar, em um jornal da Globo: “Existem três éticas no jornalismo: a do jornalismo, o ideal, a do jornalista oportunista e a do dono da empresa, que paga o salário. Adivinhem qual a que ganha?” Foi demitido!

“Cachaça é igual pijama de flanela: quem vê de fora acha horrível, mas a gente que tá dentro dele é que sabe o quanto aquece e é confortável” (Ameba, o alcoolista).

“Todos os dias, tento encontrar um sinal de Deus, mas infelizmente não encontro” (José Saramago).

Pré-candidato anuncia que não será mais candidato. Eu também informo que estou fora da disputa. Pelos mesmos motivos, isto é, falta de votos.

Enviado por Celso Mendes, leitor dos tijolos: “Em que as putas e as freiras são iguais? Ambas usam nomes de guerra”.

Ratinho chamava-se Severino Rangel de Carvalho. Nasceu em Itabaiana e fez sucesso no rádio durante 45 anos.

Órfão de mãe com um ano de idade, Ratinho foi criado pelos padrinhos. Sua aptidão para a música surgiu quando criança. Ingressou muito jovem na Euterpe Itabaianense (a banda de música da cidade onde nasceu).

Ratinho foi demitido da Rádio Nacional, em 1964, porque era comunista.

Altamiro Carrilho, sobre Ratinho: “No saxofone, pode-se dizer que foi o melhor do Brasil. Criativo, cheio de nuances, original, o melhor estilista. Com música brasileira ninguém tocou melhor que ele no saxofone soprano. Foi um mestre. Um gênio. Não foi superado até hoje com seus efeitos e sons estranhos. É como eu o vejo”.

Mestre Josa, dos caboclinhos Assombrados da Floresta, Mestre Mané Risada, antigo contramestre de Mocó dos Caboclinhos, Mestre Cachimbinho, que foi o pifeiro de Mocó, Biu da Rabeca, o mamulengo Chico do Doce, Arlinda Cirandeira e outros ícones da cultura popular de Itabaiana estão no meu livro *Artistas de Itabaiana*.

APÓS TARIFAÇO

País aplicará Lei de Reciprocidade

Mudança na legislação foi motivada por decisões do presidente dos Estados Unidos contra o comércio brasileiro

Marcelo Brandão
Agência Brasil

A decisão do governo dos Estados Unidos, divulgada na última quarta-feira (15), de impor tarifas de 25% sobre produtos exportados pelo Brasil, trouxe uma reação imediata do governo brasileiro. Em resposta, o Palácio do Planalto afirmou que a Lei de Reciprocidade brasileira será acionada “imediatamente”.

A lei, sancionada em 11 de abril de 2025, foi motivada também por decisões do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Já naquela ocasião, Trump escalou em uma guerra comercial contra diversos países, inclusive o Brasil, e anunciou sobretaxas de importação.

A Lei nº 15.122 estabelece critérios para suspensão de concessões comerciais em resposta a ações, políticas ou práticas unilaterais de outro país que impacte negativamente a competitividade econômica do Brasil.

Ou seja, se um país com o qual o Brasil tem relação comercial adota uma medida que o prejudique nessa relação, o governo pode adotar uma série de contramedidas. Dentre elas, impor tributos ou taxas, acabar com isenções ou redução de valores de tarifas de importação, ou restringir importações de bens ou serviços.

Essas contramedidas devem ser, dentro do possível, aplicadas na mesma proporção do prejuízo econômico



Foto: Antônio Cruz/Agência Brasil

Após EUA anunciarem tarifas de 25% sobre produtos exportados pelo Brasil, Palácio do Planalto afirmou que a Lei de Reciprocidade será acionada “imediatamente”

■ **Contramedidas devem ser aplicadas na mesma proporção do prejuízo econômico causado por outro país**

causado por outro país ou bloco econômico ao Brasil.

Soberania

A Lei da Reciprocidade destaca que cabe a suspensão de concessões comerciais, entre outras medidas, a países ou blocos de países que “interfiram nas escolhas legítimas e soberanas do Brasil”.

Assim, a lei recai sobre países que ameaçam aplicar

ou efetuem medidas comerciais na tentativa de interferir em atos específicos ou práticas no Brasil.

A legislação também abre espaço ao diálogo e entendimento para que medidas retaliatórias não sejam tomadas obrigatoriamente. Em seu artigo 4º, determina que a diplomacia entre em ação para reduzir ou anular a necessidade das contramedidas previstas.

Meio ambiente

A Lei de Reciprocidade também inclui países que tomem medidas unilaterais com base em requisitos ambientais mais onerosos do que os padrões de proteção ambiental adotados no país.

Nesse caso, o Brasil deve considerar — além das normas ambientais adotadas internamente, como o Código Florestal, de 2012 — as metas

estabelecidas na Política Nacional do Clima, de 2009, e os compromissos assumidos no Acordo de Paris, de 2015.

Se um país aplicar medidas comerciais unilaterais alegando descumprimento de normas ambientais não contempladas por esses institutos, e que sejam mais dispendiosas ao Brasil, está prevista a aplicação de contramedidas.

NAVEGANDO

Brasil usa 20 mil km de hidrovias e tem potencial para 42 mil km

Agência Gov

Em diversas regiões do Brasil, as hidrovias desempenham papel essencial para o transporte de cargas e de passageiros e por movimentar produtos como grãos, fertilizantes, combustíveis, minérios e celulose. Elas também são responsáveis por garantir o abastecimento de alimentos, medicamentos, e outros itens essenciais em comunidades onde o acesso terrestre é limitado, e contribuem, ainda, para a integração do território e o avanço da logística nacional.

Atualmente, cerca de 20 mil km de hidrovias são utilizados para a navegação comercial e de passageiros, e o país possui potencial estimado de, aproximadamente, 42 mil km de vias navegáveis. Elas também têm papel estratégico na matriz de transportes por integram diferentes modais, como rodovias e ferrovias, tornando o deslocamento de cargas mais eficiente.

Para que os benefícios sejam mantidos por todo ano, e ao longo do tempo, as hidrovias devem passar por diversos serviços. Entre eles estão a dragagem de manu-



Foto: Divulgação/Ministério dos Portos

Em algumas hidrovias, os serviços de operação e manutenção podem ser executados por meio da concessão, sem privatização

tenção, o derrocamento, a sinalização náutica, o balizamento, o monitoramento da via navegável e a manutenção de eclusas. Essas intervenções variam conforme as características e as necessidades de cada trecho, contribuindo para a segurança

da navegação e a eficiência do transporte.

Serviços

Em algumas hidrovias, os serviços de operação e manutenção podem ser executados por meio da concessão. Nesse modelo, uma empre-

sa é contratada para realizar, por prazo determinado, o conjunto de atividades necessárias para manter a via navegável em condições adequadas de operação.

Ao reunir esses serviços em um único instrumento contratual, a concessão esta-

belece metas de desempenho e níveis de serviço que devem ser cumpridos pelo concessionário, sob fiscalização permanente do poder público.

É importante destacar que a concessão de serviços hidroviários não significa a privatização do rio. Os rios

e as hidrovias permanecem como bens públicos. O que é concedido é exclusivamente a prestação dos serviços necessários para garantir a navegabilidade, a segurança da navegação e a disponibilidade da infraestrutura.

O modelo também prevê que ribeirinhos, pescadores e embarcações de passageiros e de turismo continuem utilizando a hidrovias sem cobrança de tarifa. Quando prevista em contrato, a cobrança poderá incidir apenas sobre o transporte comercial de cargas, conforme as regras estabelecidas em cada concessão.

Tarifas

Modelo prevê que ribeirinhos, pescadores e embarcações de passageiros e de turismo continuem utilizando a hidrovias sem pagar

EMPREGO

Editais abrem 181 vagas no Nordeste

TCE-MA, UFPE e Prefeitura de Aracaju oferecem oportunidades para profissionais de níveis médio e superior

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Do Ensino Superior ao controle das contas públicas, os concursos desta semana abrem espaço para candidatos com formações e objetivos bem diferentes. No Maranhão, o Tribunal de Contas do Estado (TCE-MA) está em busca de técnicos, analistas e auditores. Já a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) abriu vagas para professores em diversas áreas. Enquanto, em Sergipe, a Prefeitura de Aracaju oferece 100 oportunidades para guarda municipal. Ao todo, os três editais somam 181 vagas imediatas para profissionais de níveis médio e superior, com salários que vão de R\$ 3,5 mil a R\$ 20,1 mil.

Contas públicas

Bastante esperado pelos concurseiros, o edital do TCE-MA é o que oferece o maior salário na semana. São 40 vagas imediatas, sendo metade delas destinadas ao cargo de analista estadual de apoio ao controle externo, 15 para auditor estadual e cinco ao de técnico estadual. Seguindo a distribuição, para analista, há oportunidades em áreas como Contabilidade, Direito, Estatística, Medicina, Psicologia, Tecnologia da Informação e engenharias de Telecomunicações, Elétrica e Mecânica. Já as vagas de auditor contemplam Ciências Atuariais, Controle Externo, Engenharia, Medicina e Tecnologia da Informação. O cargo técnico, por sua vez, é destinado a candidatos com Ensino Médio completo. Vale destacar que, nas funções de nível superior, a formação exigida varia conforme a especialidade, com exceção de



No TCE-MA, as vagas de auditor contemplam Ciências Atuariais, Controle Externo, Engenharia, Medicina e Tecnologia da Informação

controle externo, que aceita graduação em qualquer área.

Os aprovados cumprirão uma jornada de trabalho de 30 horas semanais. De acordo com o edital, o salário ofertado é de R\$ 11 mil para técnico, R\$ 12,9 mil para analista e R\$ 20,1 mil para auditor. Para os interessados, as inscrições seguem abertas até 21 de agosto, pelo *site* do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebraspe). As taxas cobradas variam de R\$ 200 a R\$ 300, conforme o cargo pretendido.

Sobre a avaliação, o processo contará com provas objetivas e discursivas. Os candidatos a analista serão avaliados em 22 de novembro, enquanto as provas para auditor e técnico estão previstas para 29 do mesmo mês. Todas as etapas ocorrerão em São Luís, incluindo os procedimentos de heteroidentificação e avaliação biopsicossocial.

Professores

Já na UFPE, as 41 vagas em disputa são destinadas à carreira de professor do magistério superior. Cada área conta com uma oportunidade e, segundo o edital, a titulação exigida pode ser de mestrado ou doutorado. As áreas contempladas vão de Matemática à Fisioterapia, passando por Medicina, Educação, História, Música, Artes Visuais, Design, Arquitetura, Ciência da Informação, Química, Zoologia e Engenharia, entre outras especialidades. Além da docência, os futuros professores deverão atuar em projetos de pesquisa e extensão.

A carga horária será de 20 horas semanais ou de 40 horas, em regime de dedicação exclusiva, de acordo com a vaga. Por isso, a remuneração também varia: começa em R\$ 3,5 mil e pode chegar a R\$ 13,7 mil, considerando o regime de trabalho e a titulação do professor. Para participar, os interessados devem se inscrever até 16

de agosto, por meio do Sistema Integrado de Gestão de Recursos Humanos (SigRH) da universidade. A taxa custa R\$ 239.

Mas, diferentemente dos concursos com etapa única, o da UFPE contará com quatro fases obrigatórias: prova escrita, prova didática, defesa de memorial e avaliação de títulos. E, dependendo da área, também poderão ser cobradas prova didático-prática e defesa de plano de trabalho. As avaliações ocorrerão nos *campi* de Recife, Vitória de Santo Antão e Caruaru, conforme a unidade responsável pela vaga.

Guarda municipal

Já o edital com o maior número de vagas é o da Prefeitura de Aracaju, que pretende reforçar o quadro da Guarda Municipal com 100 novos servidores. No total, são 85 oportunidades para ampla concorrência, 10 reservadas a candidatos negros e cinco para pessoas com deficiência. Para participar, o candidato precisa ter concluído o Ensino Médio e possuir Carteira Nacional de Habilitação (CNH) nas categorias AB ou superior. O edital aponta como remuneração inicial o valor de R\$ 4 mil para uma jornada de



Use o QR Code para acessar o edital da UFPE



Use o QR Code para acessar o edital do TCE-MA



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Aracaju

Solista transforma voz em ofício de expressão cultural

Quem vê um artista no palco pode pensar que esse é o único caminho possível. Mas os holofotes não são o princípio nem o fim dessa jornada. A mesma formação que prepara um intérprete também pode levá-lo à regência, ao ensino, à preparação vocal e à pesquisa. Essa diversidade profissional aparece na trajetória do paraibano Daniel Berg. Regente do Coro Sinfônico da Paraíba, professor e solista, ele começou muito cedo na música, acompanhando os pais nos ensaios do coral da igreja. Com o tempo, passou de observador a coralista e, mais tarde, assumiu a regência do grupo, até tornar-se, também, professor. “Foi ali que descobri que meu chamado não era apenas cantar, mas conduzir pessoas por meio da música”, conta.

Embora a música sempre tenha feito parte de sua identidade — seus avós eram músicos amadores, o pai cantava como tenor e a mãe, como soprano —, Daniel construiu uma formação acadêmica sólida, com especializações e mestrado, com o objetivo de



Daniel: “Descobri que meu chamado era conduzir pessoas”

consolidar-se profissionalmente. Mas a qualificação, como ele diz, não termina com o diploma. “A formação pode começar em escolas de música, conservatórios ou universidades, mas nunca termina. O cantor precisa manter uma rotina constante de estudos, participar de festivais, cursos, além de buscar diferentes referências ao longo da carreira”, observa o maestro.

Técnica e sensibilidade

Na prática, o que a experiência de Daniel mostra é

que cantar bem, por si só, não basta para viver profissionalmente da música. O talento pode abrir portas, mas é o estudo contínuo que sustenta a carreira. Técnica, interpretação, fisiologia vocal e leitura musical estão entre os conhecimentos que precisam ser desenvolvidos, ao lado de habilidades como comunicação, planejamento, liderança e capacidade de trabalhar em equipe. Para ele, o cantor deve ser reconhecido, antes de tudo, como um músico capaz de combinar talento e sensibilidade com disciplina

e aperfeiçoamento constante. “O cantor merece o mesmo reconhecimento, respeito e valorização que qualquer outro músico”, defende.

E por que ele diz isso? Porque, ainda hoje, é comum que o cantor seja visto apenas como alguém que canta “por amor à arte”, como se técnica, repertório e preparação fossem elementos secundários. Um dos principais desafios, na avaliação de Daniel, é justamente o reconhecimento do canto como profissão, com a valorização de quem investe tempo e conhecimento especializado no próprio ofício. O maestro observa que, em alguns projetos culturais e instituições, o trabalho vocal ainda é tratado como voluntário, enquanto a atuação do instrumentista é reconhecida, de forma mais natural, como uma atividade profissional remunerada. “Essa diferença precisa ser superada”, afirma.

Trabalho coletivo

Agora, imagine o desafio de conduzir múltiplas vozes em uma mesma melodia,

como acontece no Coro Sinfônico da Paraíba. Ainda jovem, quando deixou os bancos da igreja para assumir a regência do grupo que acompanhava desde a infância, Daniel percebeu que o trabalho, a partir dali, seria diferente. Se, como cantor, precisava responder pela própria voz, no papel de regente passou a conduzir um “instrumento formado por dezenas de pessoas”, cada uma com suas particularidades. Hoje, à frente do coro paraibano, seu papel vai além de corrigir a afinação ou definir a interpretação de uma obra. Segundo ele, é preciso criar unidade sem apagar as diferenças, motivar o grupo e fazê-lo avançar na mesma direção. O resultado, segundo Daniel, não pertence a uma única pessoa. “Ele é fruto da dedicação de todo o grupo. E acredito que essa seja uma das maiores riquezas do canto coral”, pontua.

A atenção às diferenças também orienta o trabalho de Daniel como professor. Em vez de tentar encaixar o aluno em um modelo pre-

to, ele parte das características que cada pessoa já possui para construir sua identidade musical. “O professor não cria uma voz; ele ajuda a revelar a voz que a pessoa já possui”, ressalta. A técnica, nesse processo, não pode ser usada para transformar diferentes cantores em cópias uns dos outros — o objetivo é oferecer, nas palavras dele, “liberdade, saúde vocal e segurança”. Para o maestro, essa identidade artística é um dos maiores patrimônios de quem escolhe a voz como instrumento.

Oportunidade

A atuação como docente também encontra espaço no serviço público. No concurso da UFPE, há uma vaga para professor na área de Música, com foco em Canto Popular e Técnica Vocal. O cargo exige graduação em Música e doutorado em Música ou em áreas afins, como Ciências Humanas, Artes ou Fonoaudiologia, desde que a tese esteja relacionada à área do concurso. A jornada de trabalho será em regime de dedicação exclusiva.

Selic	Salário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 17 de junho de 2026	R\$ 1.621	+0,25%	+0,27%	+0,12%
14,25%		R\$ 5,111	R\$ 5,848	R\$ 6,899



FATOR DÓLAR

Programadores cruzam fronteiras sem deixar a PB

Empresas de tecnologia estrangeiras ampliam contratação de brasileiros

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Ganhar o mundo sem sair de casa. Para um número crescente de paraibanos, essa deixou de ser uma metáfora para se tornar uma realidade profissional que abre novos horizontes de possibilidades. Uma pesquisa da TechFX mostra que cerca de 85% das vagas ocupadas por brasileiros no exterior estão em empresas norte-americanas, principalmente na área de tecnologia. Essas empresas têm se beneficiado, também da formação sólida, do profissional paraibano, em uma concorrência difícil de enfrentar com salários até três vezes maiores que os oferecidos no Brasil.

Aos 31 anos, Joel Santos cruzou a fronteira digital. Natural de Campina Grande, ele trabalha como engenheiro de *software* na empresa norte-americana PetScreening, da Carolina do Norte, desenvolvendo interfaces utilizadas pelo mercado imobiliário dos Estados Unidos. “A valorização do dólar frente ao real é o principal atrativo. Além de conseguir criar um perfil profissional mais global e competitivo, a gente ainda tem a possibilidade de viver próximo à família e poder ajudar a mudar a dos nossos parentes, ainda mais quando se vem de uma família humilde e com recursos bem limitados”, afirma.

O caminho percorrido por Joel até uma empresa norte-americana começou com um curso técnico em Informática seguido da graduação em Sistemas de Informação. Mas, segundo ele, foram as experiências práticas que fizeram a diferença. Ainda no início da carreira, Joel começou a estagiar em empresas paraibanas que desenvolviam projetos para clientes estrangeiros. Foi nesse ambiente que o inglês deixou de ser apenas um requisito curricular e passou a integrar sua rotina de trabalho.

A experiência também ampliou sua rede de contatos, fator que considera decisivo para chegar à vaga atual. “O *networking* é a principal ferramenta para você se posicionar no mercado,



Mercado internacional atrai profissionais com salários até três vezes maiores que os do país

além da *expertise* técnica que te mantém nele. O trabalho que tenho, hoje, é resultado das pessoas que fui conhecendo ao longo dos anos.”

Os dados da TechFX reforçam essa percepção. Entre os brasileiros que conseguiram vagas no exterior, 54% foram contratados por meio do LinkedIn, enquanto outros 23% chegaram às empresas por indicação de colegas. O processo seletivo costuma envolver entrevistas integralmente em inglês, avaliações técnicas e testes práticos, que medem tanto o domínio das ferramentas quanto a capacidade de resolver problemas. “O mercado de tecnologia é global. Utilizamos praticamente as mesmas ferramentas e tecnologias”, pontua Joel.

Apesar da crescente procura por vagas internacionais, Joel faz questão de desfazer a ideia de que existe uma fórmula pronta para conquistar um emprego remunerado em dólar. “Existem muitos gurus na *internet* vendendo a fórmula do sucesso para conseguir uma vaga internacional, mas, na maioria das vezes, isso não é verdade. O processo é muito individual e cansativo. Não gosto de romantizar”.

A facilidade com que profissionais brasileiros conseguem espaço em empresas estrangeiras também tem explicações estruturais. Para o CEO da Ativa-web Group, Alek Maracajá, o Brasil ocupa uma posição estratégica na oferta de mão de obra qualificada para o setor de tecnologia. “O profissional brasileiro possui uma formação técnica muito sólida em áreas como desenvolvimento de *software*, inteligência artificial (IA), ciência de dados e segurança da informação. Além disso, existe uma grande capacidade de adaptação, criatividade e resolução de problemas, características muito valorizadas em equipes globais”, afirma.

Segundo o especialista, o Brasil passou a ser visto como um grande fornecedor desse capital intelectual. Outro diferencial competitivo que conta

a favor do profissional daqui é o fuso horário. Ao contrário de asiáticos, os paraibanos conseguem trabalhar praticamente no mesmo horário das equipes dos Estados Unidos.

Por que tantos brasileiros?

Os ganhos financeiros ajudam a explicar esse movimento. Ainda segundo o levantamento da TechFX, um desenvolvedor pleno contratado por uma empresa estrangeira recebe, em média, R\$ 24.629,41 por mês, enquanto um profissional do mesmo nível no mercado brasileiro tem remuneração média de R\$ 7.850,47. Outro fator que pesa diretamente na remuneração é a proficiência em inglês.

O estudo concluiu que o idioma responde por cerca de 25% da variação salarial entre profissionais brasileiros que trabalham para empresas estrangeiras. Quem evolui do nível intermediário para o fluente pode multiplicar seus rendimentos em até 2,6 vezes.

Mas receber em dólar também significa abrir mão de garantias comuns ao mercado brasileiro. Joel explica que a contratação normalmente ocorre como prestador de serviços. “Não existe nenhuma garantia de que no próximo mês ainda teremos emprego. Também não há contratação pela CLT [Consolidação das Leis do Trabalho], férias remuneradas, 13º salário ou benefícios previstos na legislação trabalhista. É necessário ter uma boa organização financeira para possíveis imprevistos e necessidades”.

Uma diferença cultural o surpreendeu Joel no ambiente de trabalho: “Não existe cobrança por horário específico, registro de ponto ou apresentação de atestados. O compromisso é com as entregas”.

O futuro do mercado

Na avaliação de Alek Maracajá, esse fenômeno produz efeitos positivos e negativos para o país. “Para o profissional, há salários muito superiores, contato com tecnologias de ponta, desenvolvimento internacional



Foto: Joel Santos/Arquivo pessoal

Além de conseguir criar um perfil profissional mais global e competitivo, a gente ainda tem a possibilidade de viver próximo à família

Joel Santos

e aceleração da carreira. Para o Brasil, existe uma circulação de conhecimento, porque muitos desses profissionais criam *startups*, investem no país ou compartilham experiências adquiridas em empresas globais”. Ao mesmo tempo, ele alerta que as empresas nacionais enfrentam uma disputa cada vez mais difícil para reter especialistas. A tendência é que essa disputa se intensifique.

A IA está acelerando a transformação digital em praticamente todos os setores da economia, aumentando a demanda por profissionais qualificados. Ao mesmo tempo, o trabalho remoto deixou de ser uma exceção e passou a integrar a estratégia de contratação de milhares de empresas. Por isso, ele recomenda que quem pretende disputar vagas internacionais invista principalmente em inglês, participe de projetos reais e concentre os estudos em áreas de alta demanda, como IA, *cloud computing*, *cybersecurity* e desenvolvimento *full stack*.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Sua empresa está financeiramente saudável?

Brasil chegou a maio de 2026 com mais de nove milhões de empresas inadimplentes, segundo a Serasa Experian. Juntas, acumulavam R\$ 229,9 bilhões em dívidas negativadas. O número ajuda a dimensionar um problema que, raramente, surge de uma hora para outra. Antes de uma empresa deixar de cumprir seus compromissos, os sinais de deterioração já aparecem nos números.

O cenário econômico torna esses alertas ainda mais relevantes. Dados do Banco Central, referentes a maio, mostram que a inadimplência das pessoas jurídicas alcançou 3,2% e chegou a 4,1%, especificamente no crédito livre empresarial. Ao mesmo tempo, a taxa média de juros do crédito livre às empresas atingiu 25,2% ao ano.

Essa média, porém, reúne modalidades com custos bastante diferentes. No cheque especial para pessoas jurídicas, por exemplo, as taxas podem superar 400% ao ano em algumas instituições financeiras. Na prática, quando uma empresa recorre a linhas emergenciais de crédito para cobrir desequilíbrios recorrentes de caixa, um problema inicialmente operacional pode, rapidamente, transformar-se em uma dificuldade financeira maior.

O próprio Banco Central observa que a capacidade de pagamento das empresas permanece desafiadora e que as condições de crédito tendem a tornar-se mais restritivas. Esse ambiente reduz a margem para improvisações e amplia a importância de uma gestão financeira preventiva.

É nesse contexto que a gestão financeira precisa ir além do acompanhamento do faturamento. Uma empresa pode vender mais e, ainda assim, apresentar uma estrutura financeira mais frágil. Isso ocorre quando o crescimento das receitas vem acompanhado de margens menores, aumento dos estoques, prazos mais longos concedidos aos clientes ou necessidade crescente de capital de giro.

Alguns indicadores ajudam a antecipar esse movimento: a redução da geração operacional de caixa mostra que a operação está produzindo menos recursos financeiros; a queda persistente das margens indica perda de rentabilidade; o alongamento do ciclo financeiro aumenta o período em que a empresa precisa financiar suas atividades; já o crescimento da inadimplência dos clientes compromete entradas previstas e eleva a pressão sobre o caixa.

O risco cresce quando esses desequilíbrios passam a ser financiados continuamente por empréstimos, antecipação de recebíveis ou linhas de curto prazo. Quanto maior a dependência de recursos externos para manter a operação, maior a exposição ao custo do crédito e menor a capacidade de reação.

Por isso, a gestão precisa olhar para frente. Projeções de fluxo de caixa, acompanhadas de indicadores de margem, endividamento, inadimplência e necessidade de capital de giro, permitem identificar tendências e agir com antecedência. Ajustar preços, reduzir custos, renegociar prazos ou reorganizar dívidas são medidas mais eficazes quando adotadas antes de o caixa chegar ao limite.

Os números atuais reforçam o alerta: em um ambiente de inadimplência elevada e crédito caro, a margem para erros diminui. A empresa que identifica cedo seus sinais de deterioração preserva algo fundamental: a capacidade de escolher o que fazer. Quando o problema é percebido tarde demais, muitas vezes é a própria crise que passa a determinar as decisões.

HÁBITO DE CONSUMO

Parcela vira armadilha para famílias

Mais de 60 milhões de brasileiros dividem compras no cartão de crédito; 47% não fazem controle prévio do gasto

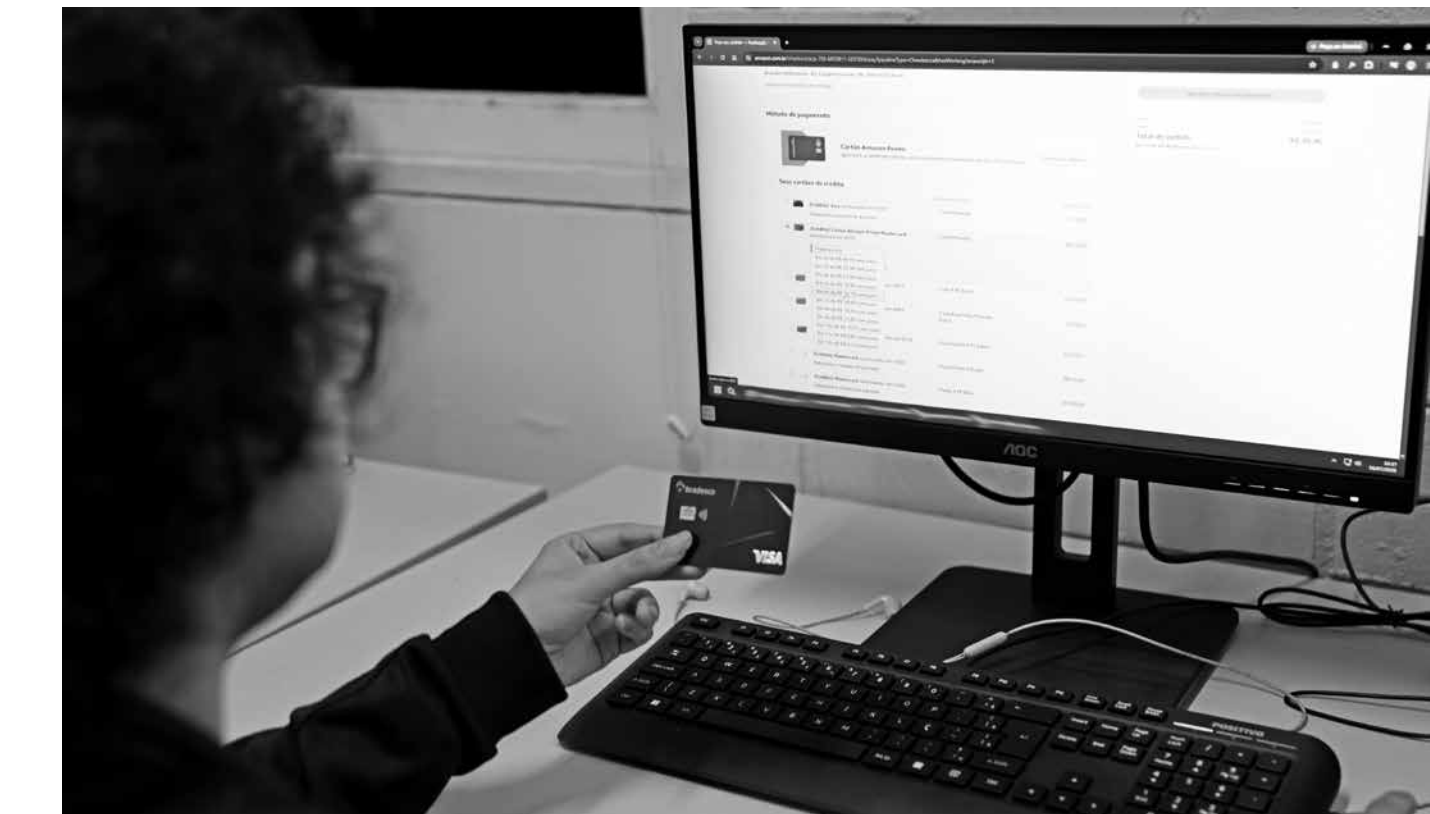
O hábito de parcelar o pagamento das compras é uma das principais marcas do comportamento de consumo no Brasil, mas a facilidade do clique e a ilusão de que a parcela cabe no bolso têm cobrado um preço alto da saúde financeira das famílias. Uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a Offerwise, revela que cerca de 60,1 milhões de consumidores residentes nas capitais possuíam compras parceladas em dezembro de 2025. O número representa 37% dos consumidores que carregavam, em média, quatro prestações em aberto no cartão de crédito, no crediário ou em lojas do varejo. A pesquisa traça um diagnóstico profundo do consumo e do endividamento no país, apontando que, embora tenha havido uma retração defensiva na média de parcelas (que caiu de cinco para quatro), a saúde financeira das famílias enfrenta forte pressão decorrente de compras não planejadas e da falta de controle orçamentário prévio.

O estudo revela que a facilidade do crédito tem sido o principal gatilho para o consumo por impulso: 61% dos entrevistados admitem ter realizado compras não planejadas no mês anterior à pesquisa, motivados por essa conveniência. O ecossistema digital é apontado como o maior vilão, com 43% dos consumidores, destacando as lojas *on-line* e aplicativos como os principais estimuladores desse comportamento, superando as lojas físicas de departamento (30%). Entre as categorias mais adquiridas por impulso, figuram vestuário (21%), supermercados (19%),

perfumes e cosméticos (17%) e remédios (14%). Nove em cada 10 consumidores (89%) já receberam ofertas de cartão de crédito. A aceitação chega a 41%, motivada principalmente pela necessidade (24%) ou pela isenção de anuidade (11%). “O crédito no Brasil desempenha um papel fundamental na economia, mas a expansão das plataformas digitais e a facilidade para o consumo por impulso têm funcionado como severas armadilhas para o orçamento doméstico. Percebemos uma clara cultura baseada na ilusão da parcela, em que o cidadão prioriza apenas se o desembolso mensal cabe, momentaneamente, nas finanças, deixando de lado a avaliação técnica do custo total e dos juros incidentes na operação, além do planejamento financeiro, uma vez que normalmente não verifica a condição de pagamento real das prestações ao longo dos meses”, destaca o presidente da CNDL, José César da Costa.

Divisão de papéis

O comportamento de pagamento do brasileiro mostra uma clara divisão estratégica. O Pix consolidou-se como o meio mais utilizado para as transações cotidianas e de menor valor, liderando em serviços de entrega (52%), serviços e salões de beleza (50%), aplicativos de transporte (47%), farmácias (40%), vestuário (36%) e supermercados (30%). Por outro lado, o cartão de crédito mantém sua soberania nas compras de maior valor agregado (alto *ticket*), sendo a preferência absoluta em eletroeletrônicos (43%). No campo do parcelamento, o cartão de crédito convencional continua sendo a modalidade favo-



Constante exposição dos usuários a estímulos de consumo torna o ecossistema digital o principal vilão das compras por impulso

rita de 70% dos consumidores, mas o Pix parcelado já desponta como uma força emergente em segundo lugar, com 13% de preferência, superando o tradicional crediário/carnê (5%).

Ilusão da parcela

O levantamento expõe um cenário crítico no que tange à educação financeira. Quase metade dos consumidores (47%) não realiza qualquer tipo de controle prévio de seus gastos, limitando-se a reagir à fatura quando ela chega. Entre os 45% que declaram monitorar o orçamento, o papel e a agenda ainda superam as ferramentas tecnológicas, sendo utilizados por 20% dos respondentes, contra 14% que usam planilhas digitais e 10% que utilizam aplicativos de finanças. Essa falta de planejamento técnico reflete-se na chamada “ilusão da parcela”: embora 77% analisem as taxas antes de contratar um crédito (focan-

do em juros e tarifas), 15% ignoram completamente esses custos, sendo que 8% se preocupam apenas se o valor mensal cabe no bolso, desconsiderando o custo total final da operação. O valor da prestação dita a regra na decisão de uso do crédito: a busca por parcelas pequenas (25%) e a sensação de caber no orçamento (19%) são os maiores motivadores. Como consequência direta, 38% dos consumidores ficaram com o “nome sujo”, nos últimos 12 meses, devido à inadimplência em parcelamentos, com o cartão de crédito figurando como o maior responsável pelas negativas (23%), seguido por empréstimos (12%). Atualmente, o estoque de dívidas em atraso já compromete entre um quarto e três quartos de toda a renda mensal para 31% dos entrevistados.

Movimento de cautela

Apesar de o otimismo de

curto prazo ser elevado — 79% acreditam que terão condições de quitar suas parcelas nos próximos três meses —, a realidade impôs um recuo defensivo. O estudo aponta que 56% dos consumidores evitaram ativamente realizar novas compras a prazo nos três meses anteriores da pesquisa para evitar o colapso do orçamento doméstico. O principal motivo para essa restrição é o excesso de compromissos financeiros já assumidos (50%), seguido pelo medo de perder o controle orçamentário (39%) e pela situação de inadimplência atual (22%). “O acesso ao crédito sem o devido planejamento prévio tem cobrado um preço alto, resultando no superendividamento e na negativação de uma parcela expressiva da população. Embora o comércio e os novos meios de pagamento digitais tragam dinamismo, o fortalecimento da educação finan-

ceira e a necessidade de o país ter um cenário de juros mais baixos precisam avançar no mesmo ritmo da tecnologia, tornando-se urgente para que o consumidor recupere sua capacidade de poupança e sua subsistência com equilíbrio”, alerta o presidente do SPC Brasil, Roque Pellizzaro.

Metodologia

A pesquisa abrangeu entrevistados das 27 capitais brasileiras, homens e mulheres, com idade igual ou maior a 18 anos, de todas as classes econômicas (excluindo analfabetos). As entrevistas foram realizadas via *web* e pós-ponderada por sexo, idade, renda e escolaridade. A coleta de dados ocorreu de 2 a 9 de janeiro de 2026, com 600 pessoas, e pós-ponderada, considerando as capitais do país e perfil. A margem de erro, no geral, é de 4 pontos percentuais, para um intervalo de confiança de 95%.

Inadimplência recua, mas atinge 74,80 milhões de consumidores

Após meses de recorde, o Brasil teve uma pequena queda no número de consumidores inadimplentes em junho, com 74,80 milhões de brasileiros com cotas em atraso. O dado faz parte do *Indicador de Inadimplência* da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do SPC Brasil. Este volume representa 44,62% da população adulta brasileira. A variação anual observada em junho deste ano

ficou abaixo da observada no mês anterior. Na passagem de maio para junho, o número de devedores caiu 0,30%. O crescimento do indicador anual concentrou-se no aumento de inclusões de devedores com tempo de inadimplência de quatro a cinco anos (38,32%). “Apesar de observarmos um pequeno fôlego momentâneo no indicador, a realidade do mercado de crédito brasi-

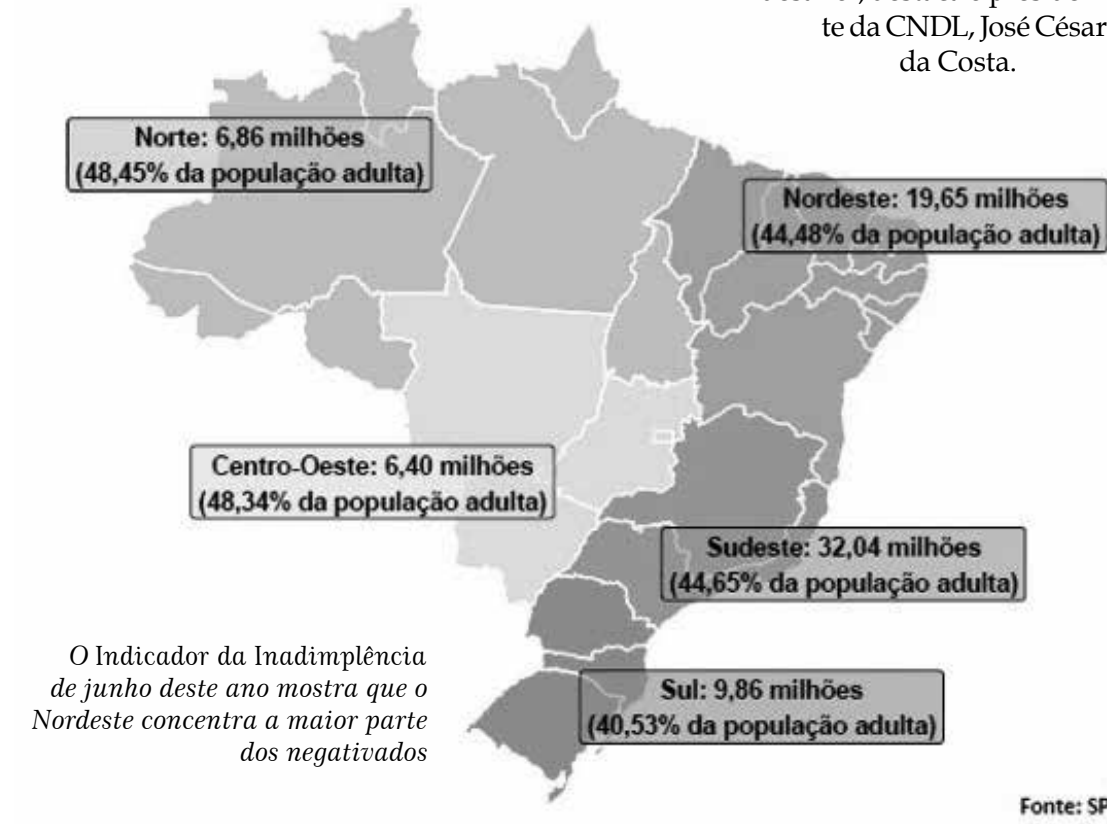
leiro permanece em um patamar grave. O cenário de inadimplência no país reflete um sufoco orçamentário crônico, em que o cidadão comum enfrenta uma batalha diária para equilibrar as receitas domésticas diante de despesas básicas, cada vez mais pesadas. Esse descompasso corrói a capacidade de equilíbrio e de pagamento das famílias, transformando o ato de fechar as contas do mês em um difícil desafio”, destaca o presidente da CNDL, José César da Costa.

Perfil

A maior concentração de devedores está na faixa etária de 30 a 39 anos, somando 18,15 milhões de pessoas. Isso significa que mais da metade (53,55%) da população nesta faixa etária está negativada. A distribuição é equilibrada, com leve predominância feminina: sendo 51,34% mulheres e 48,66% homens. Observando os resultados por região, o Sul apresentou a alta mais expressiva no número de inadimplentes na comparação anual, com crescimento de 10,67%, seguido pelo Norte (8,57%), Centro-Oeste (6,89%), Sudeste (6,43%) e Nordeste (3,96%). Em junho de 2026, cada inadimplente devia, em média, R\$ 5.152,52. Além disso, cada devedor possui dívidas com cerca de 2,33 empresas credoras. Os dados ainda mostram que quase três em cada 10 consumidores (29,23%) tinham dívidas de valor de até R\$ 500, percentual que chega a 41,52% quando se fala de dívidas de até R\$ 1.000. “Essa pequena oscilação não anula a

gravidade dos nossos gargalos econômicos e estruturais. O volume de brasileiros com restrições no nome evidencia barreiras profundas que vão desde a informalidade no mercado de trabalho, até a falta de uma educação financeira disseminada. Para o comércio e para a economia como um todo, isso acende um alerta contínuo sobre a necessidade de reformas e medidas que melhorem a renda real da população, pois o endividamento atual atua como uma âncora que trava o consumo e a recuperação econômica sustentável do país”, destaca o presidente do SPC Brasil, Roque Pellizzaro Júnior. Em junho de 2026, o número de dívidas em atraso no Brasil teve crescimento de 13,32% em relação ao mesmo período de 2025. O dado observado em junho deste ano ficou abaixo da variação anual observada no mês anterior. Na passagem de maio para junho, o número de dívidas apresentou recuo de -0,59%. Abrindo a evolução do número de dívidas por setor credor, destacou-se a evolução das dívidas com o setor de Água e Luz com crescimento de 22,16%, seguido de Comunicação (17,16%) e Bancos (11,42%) Em outra direção, as

dívidas com o setor credor de Comércio (-0,14%) apresentaram queda no total de dívidas em atraso. Em termos de participação, o setor credor que concentra a maior parte das dívidas é o de Bancos, com 65,76% do total. Na sequência, aparece Água e Luz (10,78%), o setor de Outros com 9,45% e Comércio com 8,29% do total de dívidas. Na abertura por região em relação ao número de dívidas, a maior alta veio da Região Sul (17,06%), seguida pelo Norte (15,45%), Centro-Oeste (12,69%), Sudeste (12,48%) e Nordeste (9,10%). Em termos regionais, o maior percentual de inadimplentes está na Região Norte, onde 48,45% da população adulta está incluída em cadastros de devedores. Por outro lado, na Região Sul, a proporção de negativados equivale a 40,53% da população adulta.



O Indicador da Inadimplência de junho deste ano mostra que o Nordeste concentra a maior parte dos negativados

Fonte: SPC Brasil

■ A faixa etária de 30 a 39 anos reúne o maior número de pessoas negativadas, com 18,15 milhões de devedores

ASTRONOMIA

Acontecimentos mudaram
jeito de entender Universo

Relatividade, cometas e asteroides revolucionaram forma de ver o Cosmos

Ascom Seties

“Há mais coisas entre o céu e a Terra do que sonha a nossa vã filosofia”. A célebre frase de William Shakespeare, escrita há mais de quatro séculos, costuma ser associada aos mistérios da existência e ao sobrenatural. Na Astronomia, porém, ela ganha um novo significado: é uma forma de ilustrar um Universo repleto de fenômenos capazes de surpreender não apenas o público, mas, muitas vezes, até os próprios cientistas.

A história recente da Astronomia é cheia de episódios que misturam ciência e muitas vezes uma certa tensão. Em 1979, por exemplo, a queda da primeira estação espacial dos Estados Unidos, a Skylab, gerou um grande suspense. A Skylab foi lançada em 1973 para servir como laboratório espacial. Três tripulações viveram nela realizando centenas de experimentos. Quando as missões terminaram, a Nasa esperava mantê-la em órbita até o início do programa dos ônibus espaciais. A ideia era que um ônibus espacial a elevasse para uma órbita mais alta.

O professor doutor José Jamilton Rodrigues dos Santos, do Departamento de Física da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), explicou que “o declínio prematuro da órbita da Skylab coincidiu com um pico inesperado na atividade solar. O aumento da radiação provocou o aquecimento e a expansão das camadas superiores da at-



Foto: Divulgação/NASA

Oumuamua foi o primeiro objeto vindo de outro sistema estelar a atravessar o nosso

mosfera terrestre, o que elevou a densidade do gás na altitude da estação e, consequentemente, o arrasto aerodinâmico sobre a estrutura. Como o programa dos ônibus espaciais sofreu atrasos de engenharia, a estação perdeu altitude progressivamente até reentrar na atmosfera de forma descontrolada”.

O fato de que ninguém conseguiu prever exatamente onde os destroços cairiam causou um clima de especulação e tensão em todo o mundo. Jornais publicavam mapas diariamente; emissoras faziam cobertura ao vivo; havia apostas e chegaram até a vender “seguros” contra a queda da Skylab. Por fim, uma parte queimou na atmosfera e outra caiu no Oceano Índico, no oeste da Austrália. Nenhuma pessoa morreu ou se feriu com o incidente.

Para o professor Jamilton

Rodrigues, a importância desse acontecimento reside na mudança de paradigma para a exploração espacial. “Esse evento marcou um ponto de inflexão na engenharia aeroespacial e na formulação de diretrizes internacionais. A reentrada descontrolada de uma estrutura de dezenas de toneladas evidenciou o risco associado à ausência de protocolos de mitigação de detritos orbitais. A partir desse episódio, tornou-se um padrão que missões espaciais incorporem o planejamento de fim de vida útil desde a fase de projeto, garantindo reserva de propelente para manobras de reentrada controlada em áreas desabitadas, como o Ponto Nemo, no Pacífico, ou o deslocamento para órbitas-cemitério”, comentou.

Outro marco de relevância histórica na astronomia envolve o Cometa Halley. Trata-se

de um dos cometas mais bem documentados historicamente, visível a olho nu, com um ciclo orbital que varia de 74 a 79 anos, oscilação que ocorre devido às perturbações gravitacionais exercidas por planetas massivos, como Júpiter e Saturno, ao longo de sua órbita. Foi o astrônomo inglês Edmond Halley quem, aplicando a mecânica newtoniana, calculou que os cometas observados em 1531, 1607 e 1682 possuíam elementos orbitais semelhantes e concluiu tratar-se do mesmo corpo celeste. Ele previu matematicamente o seu retorno para 1758, o que se confirmou com sucesso. Sua última passagem pelo periélio ocorreu em 1986, ocasião que permitiu o envio de uma frota de sondas espaciais para estudar a composição e a estrutura de um cometa de perto pela primeira vez.

Eclipse ajudou a corroborar teoria de Einstein

Um episódio de outra natureza, mas igualmente marcante, aconteceu em fevereiro de 2013, na Rússia. Na manhã do dia 15, moradores da cidade de Chelyabinsk viram uma bola de fogo cruzar o céu antes de uma explosão intensa sacudir a região. Tratava-se de um asteroide de cerca de 20 m de diâmetro, que entrou na atmosfera a quase 19 km por segundo e se despedaçou ainda no ar, a uns 30 km de altitude, liberando uma energia da ordem de 500 quilotons de TNT. A onda de choque quebrou milhares de janelas, danificou prédios e feriu cerca de 1.500 pessoas — a maioria por estilhaços de vidro — e não pelo impacto propriamente dito.

Curiosamente, não se formou uma grande cratera principal, já que o objeto se desfez

antes de chegar ao solo. Segundo o especialista, do ponto de vista da física, o evento ilustra a imensa transferência de energia cinética resultante da rápida desaceleração de um corpo em velocidade supersônica na atmosfera densa. “A ausência de uma cratera principal corrobora a fragmentação explosiva em altitude. O impacto imediato na comunidade científica foi o reconhecimento da vulnerabilidade a objetos de pequeno porte, o que acelerou a integração de redes de telescópios dedicadas ao monitoramento de Objetos Próximos à Terra (NEOs), como o Observatório Astronômico da UEPB em Juazeirinho (PB), por exemplo”.

O eclipse de Sobral (1919), no Ceará, é outro marco histórico que nos destaca para a ciência brasileira e mundial. Em 29

de maio daquele ano, a faixa de totalidade de um eclipse solar cruzou partes da América do Sul e da África. Para testar a previsão da Teoria da Relatividade Geral de Einstein, que propunha que a massa do Sol curvava o espaço-tempo ao seu redor, desviando a trajetória da luz de estrelas de fundo, expedições coordenadas por astrônomos britânicos foram enviadas a dois pontos estratégicos na zona de totalidade: Sobral, no Ceará, e Ilha do Príncipe, na costa oeste africana. As chapas fotográficas obtidas, particularmente as de Sobral devido às melhores condições meteorológicas e qualidade dos instrumentos, registraram o desvio aparente na posição das estrelas, exatamente na proporção calculada por Einstein, corroborando a teoria.

Um episódio mais recente mostrou que o Sistema Solar também pode receber visitas de fora. Em outubro de 2017, astrônomos detectaram um objeto completamente diferente de tudo que já haviam observado até então: o Oumuamua, nome havaiano que remete a algo como “mensageiro que chega primeiro de longe”. Foi o primeiro objeto confirmado vindo de outro sistema estelar a atravessar o nosso; sua trajetória mostrou que ele não estava preso à gravidade do

Sol e seguiu viagem pelo espaço interestelar. Características incomuns, como o formato alongado e uma pequena aceleração não explicada inicialmente, chegaram a alimentar teorias sobre uma possível origem artificial.

Essa mesma urgência em atribuir causas artificiais a fenômenos físicos complexos repetiu-se há poucos meses com a passagem do 3I-Atlas, o terceiro visitante interestelar já detectado (em 2019, tivemos o 2I-Borisov). Ao se aproximar do Sol entre o final de 2025 e o início de 2026, o corpo celeste apresentou uma intensa e anômala perda de massa. O fenômeno gerou imensa especulação, com hipóteses que iam desde a sua fragmentação e explosão térmica até, novamente, teorias sobre tecnologia alienígena.

O professor Jamilton esclarece esse ponto e faz um alerta sobre a necessidade de rigor analítico. “A aceleração não gravitacional do Oumuamua e a instabilidade do 3I-Atlas foram explicadas na literatura científica de forma consistente por mecanismos termodinâmicos naturais. A hipótese mais fundamentada aponta para a desgaseificação assimétrica e a sublimação intensa de voláteis, como o dióxido de carbono, aquecidos pela radiação solar”, disse.

Poeira
Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@seties.pb.gov.br

A genialidade
do “erro”

Nem sempre as descobertas científicas vêm exatamente como a teoria poderia explicar. Acontecimentos fortuitos, *insights* ou sacadas do pesquisador podem levar a uma descoberta capaz de mudar os rumos de uma determinada área e gerar aplicações tecnológicas.

Na coluna de hoje, vou me deter a um desses exemplos, que, atualmente, tem aplicações práticas no nosso dia a dia: a descoberta do primeiro plástico condutor, ou polímero condutor, o poliacetileno.

O poliacetileno é uma cadeia unidimensional de carbonos, com ligações simples e duplas alternadas, falando aqui em uma linguagem química. É um polímero que contém apenas carbono e hidrogênio. Até a década de 1970, ele era obtido na forma de um pó preto, insolúvel.

A grande virada aconteceu em 1975, de maneira acidental, em um episódio que, mais tarde, contribuiria para revolucionar a ciência dos materiais e dar origem a uma área de pesquisa chamada de “polímeros condutores orgânicos”.

Essa conquista rendeu, anos depois, o Prêmio Nobel de Química de 2000 a Hideki Shirakawa, juntamente com os pesquisadores Alan G. MacDiarmid e Alan J. Heeger, pela descoberta e pelo desenvolvimento dos polímeros condutores.

A descoberta aconteceu de forma acidental no laboratório em que Shirakawa trabalhava, no Japão. Um dos estudantes que atuava na síntese desse polímero errou a concentração de um catalisador utilizado no processo. O catalisador, de maneira bem simples, é um agente utilizado para acelerar uma reação química.

O pesquisador colocou uma quantidade de catalisador cerca de mil vezes maior do que a necessária na síntese do poliacetileno. Em vez de obter o pó preto, insolúvel e usual, produziu uma película fina e prateada, com brilho metálico, que se comportava como um plástico flexível, autossustentado e condutor.

No fim da década de 1970, os pesquisadores demonstraram que, após um processo chamado de dopagem, o poliacetileno poderia apresentar uma condutividade elétrica muito elevada. Esse desenvolvimento foi fundamental para a criação da área dos polímeros condutores.

Após estudos nessa área, esse material trouxe um grande avanço e passamos a ter um plástico que, em determinadas condições, poderia se comportar como um metal. Passados mais de 50 anos da obtenção acidental daquela película e do desenvolvimento dos estudos da sua condutividade, esses materiais estão presentes em estudos e aplicações em diversas áreas, como telas de *LED*, células solares orgânicas, biossensores e baterias recarregáveis.

Quando pensamos em um plástico, pelo nosso senso comum, dificilmente imaginamos que ele possa ser condutor de eletricidade. O uso de polímeros condutores em baterias modernas é uma das áreas mais promissoras da chamada “eletrônica orgânica”. Esses materiais podem reduzir ou substituir determinados componentes metálicos utilizados nas baterias tradicionais e apresentam propriedades físicas importantes, como o peso reduzido, fundamental para aplicações que necessitam de baterias de grande capacidade.

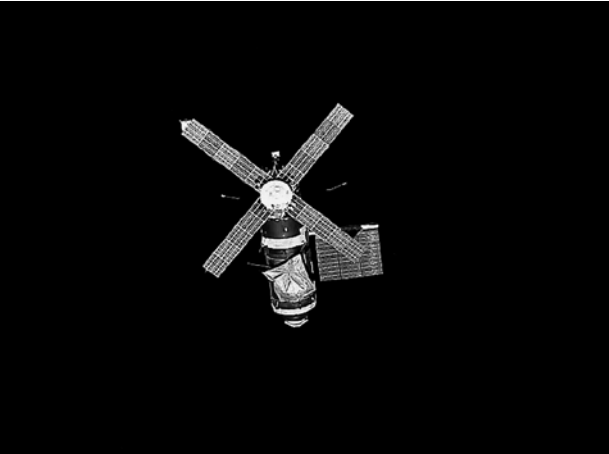
Apesar de Shirakawa estar trabalhando com o material correto, ele jamais imaginou o resultado que obteria. O “erro” acidental do estudante acabou levando a uma grande contribuição para o futuro da ciência.

Eu trabalhei com polímeros condutores no início da minha trajetória na Física, em 1988. Na época, esses materiais eram uma grande novidade. Anos depois, conheci a história dessa descoberta, contada por uma pessoa que participou daquele ambiente de pesquisa, e isso foi muito inspirador. Sempre levei essa experiência para os meus estudantes e também para a minha vida: é preciso tentar fazer. Às vezes, vamos errar, mas aquele erro pode se tornar uma nova forma de enxergar um problema que, até então, não conseguíamos compreender.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, é professor doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

Foto: Divulgação/NASA



A queda da Skylab é um marco da história recente

RECURSOS GEOLÓGICOS

As riquezas no subsolo da Paraíba

Além da mundialmente conhecida Turmalina Paraíba, estado tem áreas promissoras para ouro e minerais

Emerson da Cunha
emerson.aumiao@gmail.com

A Paraíba ocupa atualmente a 19ª posição no *ranking* nacional de arrecadação da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem), com aproximadamente R\$ 18,6 milhões recolhidos no ano de 2025, a partir de dados da Agência Nacional de Mineração (ANM). O número indica uma posição ainda tímida em relação à mineração no contexto nacional. No entanto, o estado tem um importante potencial na lavra de alguns minerais, como é o caso da famosa Turmalina Paraíba e de ouro.

“A produção mineral da Paraíba é predominantemente baseada em substâncias como água mineral, brita, calcário, areias e argilas, que, mesmo essenciais para o abastecimento da construção civil e de diversos segmentos da economia, são *commodities* de baixo valor agregado”, explica Frank Santos, geólogo e supervisor em Geologia e Recursos Minerais da superintendência regional do Serviço Geológico Brasileiro (SGB).

Segundo o SGB, a Paraíba ainda tem potencial para descobertas relevantes de minerais como tungstênio, tantalita-columbita e também a produção de fosfato no litoral. “São substâncias muito estratégicas para o Brasil, onde o cenário de transição energética está sendo amplamente debatido e a segurança alimentar é fundamental em um mundo cada vez mais conturbado na geopolítica. Indícios importantes de urânio já foram reportados na região de São José de Espinharas e de níquel numa região ao sul de Patos, área que será estudada pelo Serviço Geológico do Brasil em um projeto que está na fase inicial”, coloca Santos.

Turmalina Paraíba

No início da década de 1980, na Paraíba, uma amostra de minério chamou a atenção dos garimpeiros. Eles haviam nota-

do a presença de traços brilhantes da prova retirada do distrito de Salgadinho — hoje, município. Até meados da década, incursões e lavras foram realizadas, até que se chegou ao que hoje é conhecida como “Turmalina Paraíba”: uma pedra de tons verde-azulados neon, que se tornaria uma das mais caras do comércio de pedras preciosas no mundo. Para além do estado da Paraíba, a pedra também é potencialmente encontrada no Rio Grande do Norte, na região de municípios como Parelhas e Equador. Além do caráter estético, as turmalinas também podem apresentar outras variações — inclusive, algumas delas não têm valor como pedra preciosa.

“A Turmalina Paraíba tem uma característica especial que a torna tão específica e tão valiosa. Além da coloração, de azul bem característico, bem típico, ela carrega consigo, na sua estrutura interna, conteúdos específicos do elemento cobre. É um conteúdo em torno de 2% a 2,5% de cobre”, explica Guilherme Telles, professor doutor da Unidade Acadêmica de Mineração e Geologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). “É o cobre que dá essa cor tão especial para essa gema. Eu falei da variedade mais valiosa, mais peculiar de turmalina, mas, entre os outros grupos — por exemplo, a dravita — a gente pode ter diferentes colorações, diferentes aspectos, com diferentes potenciais ou valores gemalógicos, vai depender da situação”.

Segundo explica Telles, as turmalinas estão mais presentes em rochas conhecidas como “pegmatitos graníticos”, rochas de origem ígnea, ou seja, formadas pela cristalização de magma. Na Paraíba e no Rio Grande do Norte, sua aparição acontece especialmente na região do Seridó. Trata-se da Província Pegmatítica da Borborema ou Província Pegma-



Foto: Reprodução/Pexels

A pedra de tons verde-azulados neon é uma das mais caras do comércio de pedras preciosas no mundo atualmente

títica do Seridó. É lá onde há ocorrência comum das rochas pegmatíticas.

“São pegmatitos que têm um zoneamento interno, que significa que o magma cristaliza das bordas para o centro do lado da câmara magmática. O magma se aloja nas rochas, na crosta, e vai cristalizando das bordas para o centro. Conforme vai cristalizando, como ele cristaliza das bordas para o centro, aquele magma que vai sobrando em direção ao centro, de maneira mais simplificada, vai ficando cada vez mais evoluído quimicamente. Tanto que a Turmalina Paraíba se forma nas porções mais finais da cristalização desses corpos pegmatíticos”, esclarece o pesquisador.

Outra característica das pegmatites é que são rochas que não contêm muito ferro nem magnésio, ao contrário de outras formações locais. No caso dessas, as turmalinas originadas, ricas desses materiais, apresentam coloração preta e não têm valor gemológico, ou seja, como pedra preciosa. Nessa situação, o uso geralmente pode ser para casos industriais.

Valor histórico das turmalinas soma-se a potencial aurífero

Artigos recentes demonstram que as turmalinas também podem ter valor além de pedra preciosa — ou gema (termo técnico mais utilizado). De um lado, elas podem contribuir para a remediação ambiental a partir de sua capacidade de remover metais pesados e poluentes orgânicos da água e do solo, contaminação que pode ser provocada pela mineração, industrialização e agricultura.

No processo, elas absorvem metais como chumbo, cádmio, zinco, cobre e níquel, a partir de uma dinâmica que envolve a geração de um campo elétrico superficial, liberação de íons negativos e de microelementos, emissão de radiação infravermelha, regulação do pH das soluções e favorecimento do crescimento de microorganismos e plantas.

Por outro lado, as turmalinas também podem ser usadas como importantes indicadores geológicos, em especial como registro da história geológica. A partir de sua composição, elas podem dar sinais sobre temperatura, pressão, composição química e fluidos presentes durante a formação e evolução das rochas nas quais se cristalizaram.

Ouro

Há quem pense que o ouro apareça no formato de grandes pedras, mas não é bem assim que a coisa acontece. É comum que o ouro apareça em quantidades muito pequenas, por vezes microscópicas, associado a veios de quartzo, minerais sulfetados ou zonas de alteração nas rochas. Esse é o caso das principais ocorrências auríferas identificadas no esta-

do da Paraíba, conforme explica Marcelo Galé, geólogo e professor adjunto da Unidade Acadêmica de Mineração e Geologia da UFCG.

São três os contextos do potencial aurífero paraibano. O primeiro está associado à região do Seridó, especialmente aos chamados “xistos do Seridó”, rochas transformadas em profundidade que passaram por condições elevadas de pressão e temperatura, durante eventos geológicos muito antigos. Há, em segundo lugar, as zonas de cisalhamento, que são grandes falhas que funcionam como corredores para circulação de fluidos, com destaque para a Zona de Cisalhamento de Patos, afetando áreas como Catigueira, Aguiar, Cajazeiras, Princesa Isabel e Manaira.

“Por fim, a Paraíba também apresenta potencial para mineralizações auríferas associadas a eventos magmáticos muito antigos, hoje representados por rochas graníticas e outras rochas formadas durante a evolução de antigos arcos magmáticos”, explica o professor. “Na Paraíba, esse tipo de contexto pode ser observado principalmente no sudoeste do estado, na região de Piancó e Igaracy, em uma faixa geológica que passa também por Itaporanga e Conceição, seguindo em direção a Pernambuco, até a região de Salgueiro”. O local guarda rochas, estruturas e processos geológicos favoráveis à concentração de ouro e outros metais associados.

O ouro pode ser usado em inúmeros contextos. O mais reconhecido é o relacionado à venda no mercado, em joias, barras, moedas e investimento, mas também envolve aplicações práticas na indústria, sendo utilizado em componentes eletrônicos, computadores, celulares, equipamentos de alta precisão, instrumentos médicos, odontologia, indústria aeroespacial e, mais recentemente, em pesquisas envolvendo nanotecnologia. Além disso, tem um peso estratégico na economia de um país. As reservas de ouro de um país funcionam como uma forma de segurança financeira, sendo utilizadas por bancos centrais como garantia de estabilidade econômica e confiança na moeda nacional.

Mas ter um potencial aurífero não é o mesmo que uma jazida economicamente viável. “Para transformar uma ocorrência mineral em um depósito ou em uma mina, são necessários estudos detalhados de campo, análises químicas, sondagens, modelagem geológica, avaliação ambiental e estudos econômicos. Ainda assim, a Paraíba possui contextos geológicos promissores e que merecem ser melhor investigados”, coloca Galé, que adenda: “No caso do estado, ainda há carência de estudos metalogenéticos mais detalhados, ou seja, estudos voltados especificamente para compreender a origem e os processos de formação das mineralizações de ouro”.



Foto: Arquivo pessoal

Extração mineral movimenta economia e outras áreas



Foto: Carol Garcia/Gov BA

Para além da PB, o mineral também é potencialmente encontrado no RN

Lamine Yamal (E) e Lionel Messi (D) são as esperanças de Espanha e Argentina na decisão de hoje, nos Estados Unidos

ESPANHA X ARGENTINA

Quem será a campeã?

Lamine Yamal e Lionel Messi buscam protagonismo na decisão da Copa do Mundo, hoje, em Nova Jersey, nos EUA

Da Redação



Argentina e Espanha fazem, hoje, a partir das 16h (horário de Brasília), a grande final da Copa do Mundo de 2026. O duelo é o 104º do Mundial e marca o encerramento do maior torneio de futebol já realizado entre Seleções. Há um grande equilíbrio no histórico de confrontos entre os países: seis vitórias para cada lado e dois empates. O único jogo oficial ocorreu no torneio de 1966, na Inglaterra, tendo os argentinos como vencedor. A Argentina jogará sua segunda final seguida de Copa do Mundo (a terceira nos quatro últimos mundiais). A vaga na decisão foi conquistada com vitória épica, de virada, por 2 a 1 sobre a Inglaterra, em Atlanta. Campeã em 1978, 1986 e 2022, a equipe celeste persegue o tetra e o bi de forma consecutiva, para repetir feito, que apenas Itália (1934 e 1938) e o Brasil (1958 e 1962) alcançaram na história.

Do outro lado, a equipe comandada por Luis de la Fuente conseguiu chegar à final do torneio 16 anos depois da sua única conquista, em Joanesburgo (África do Sul), em 2010. Naquela decisão, o título veio com o gol de Andrés Iniesta na prorrogação, diante da Holanda.

Um dos pontos-chave do time atual é a confiabilidade e a segurança defensiva de uma equipe que sofreu apenas um gol, contra a Bélgica, nas quartas de final (2 a 1), em sete partidas disputadas.

Lionel Messi

A Argentina aposta em Lionel Messi para alcançar o tetracampeonato. O camisa 10 faz o seu melhor Mundial desde sua primeira participação em 2006. Ao todo, tem oito gols e quatro assistências, sendo o líder da disputa pela Chuteira de Ouro. Aos 39 anos, na sexta participação em Copas do Mundo, ele já soma 21 gols e 12 assistências. Ao todo, participou diretamente de 33 gols em 33 partidas disputadas.

Lamine Yamal

Grande nome da Seleção Espanhola, o camisa 19 é a esperança do torcedor da Fúria na final. Embora Yamal tenha números modestos na Copa do Mundo (1 gol e ne-

nhuma assistência), ele venceu todos os jogos em que iniciou como titular na Eurocopa (2024) e neste Mundial, são 12 jogos, com 12 vitórias.

Cerimônia de encerramento

Os Estados Unidos prometem uma “espetacular” festa de encerramento da maior Copa do Mundo de todos os tempos. O evento ocorre duas horas e trinta minutos antes da definição do campeão e contará com a estrela norte-americana Jennifer Hudson, atriz e cantora consagrada com os prêmios Emmy, Grammy, Oscar e Tony na execução do hino nacional. A festa no MetLife Stadium, em East Rutherford, ainda terá nomes de peso do cine-

ma e da música, casos dos norte-americanos Tom Cruise, Nicole Scherzinger, e IShowSpeed, o britânico Robbie Williams, e a italiana Laura Pausini.

Show do intervalo

Além da cerimônia de encerramento, a decisão da Copa do Mundo contará com o primeiro *show* do intervalo nos moldes do Super Bowl (final da Liga de Futebol Americano dos EUA) na história do torneio. A apresentação, que terá 11 minutos de duração, será comandada por BTS, Justin Bieber, Madonna e Shakira, sob curadoria de Chris Martin, vocalista da banda Coldplay. A expectativa é que o formato traga apresentações curtas e encontros entre os artistas no palco.

Campeões mundiais

- **Brasil:** 5 títulos (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002)
- **Alemanha:** 4 títulos (1954, 1974, 1990 e 2014)
- **Itália:** 4 títulos (1934, 1938, 1982 e 2006)
- **Argentina:** 3 títulos (1978, 1986 e 2022)
- **Uruguai:** 2 títulos (1930 e 1950)
- **França:** 2 títulos (1998 e 2018)
- **Inglaterra:** 1 título (1966)
- **Espanha:** 1 título (2010)

Foto: Divulgação/Fifa



O objeto mais desejado pelas seleções será entregue, hoje, ao vencedor de Argentina e Espanha

COPA 2026

Campeão receberá US\$ 50 milhões

Segundo colocado leva US\$ 33 milhões, enquanto o terceiro fica com US\$ 29 milhões e o quarto, com US\$ 27 milhões

Agência EFE



O vencedor da final entre Espanha e Argentina, que será disputada hoje, no MetLife Stadium, em Nova York-Nova Jersey, receberá um prêmio de US\$ 50 milhões (€ 43,71 milhões).

O vencedor levará para casa US\$ 8 milhões a mais do que a Argentina ganhou ao conquistar o título no Catar em 2022 e US\$ 20 milhões a mais do que a Seleção Espanhola ganhou quando venceu sua única Copa do Mundo em 2010.

O segundo colocado receberá US\$ 33 milhões, o terceiro US\$ 29 milhões e o quarto US\$ 27 milhões.

Além disso, a Fifa já concedeu a cada seleção as verbas de participação. Após sua reunião do Conselho em Vancouver, Canadá, a Fifa anunciou em 28 de abril um aumento de 15% nas verbas destinadas às federações das 48 seleções participantes, elevando o total para US\$ 871 milhões.

Cada federação recebeu US\$ 10 milhões para as eliminatórias, US\$ 2,5 milhões para a preparação e auxílio com custos de delegação e ingressos, totalizando US\$ 16 milhões.

Os clubes também lucram. Eles recebem US\$ 11.000 por dia por liberar um jogador para sua seleção nacional, o que, no caso do Atlético de Madrid, com nove finalistas, e do Barcelona, com oito, os torna os clubes que mais lucram com a Copa do Mundo.

ECONOMIA

Copa gera um impacto de US\$ 20 bi aos EUA

Agência EFE

A Copa do Mundo da Fifa de 2026 gerou uma atividade econômica estimada em US\$ 20 bilhões nos Estados Unidos, segundo o Bank of America, enquanto a Fifa pode faturar US\$ 9 bilhões, de acordo com um relatório da Bloomberg Intelligence.

O impacto econômico da Copa do Mundo, que termina hoje, com a final entre Argentina e Espanha, provém da receita do turismo, do aumento do consumo e do maior gasto em bares e restaurantes, explicou Brian Moynihan, CEO do Bank of America, em entrevista à CBS News.



Foto: Ronald Wittek/EFE

Gianni Infantino ao lado de Ronaldo Fenômeno em um dos jogos da Copa do Mundo

SUCESSÃO

Mais de 200 países apoiam mais um mandato para Gianni Infantino

Agência EFE

Mais de 200 dos 211 países membros da Fifa endossaram formalmente Gianni Infantino para um quarto mandato como presidente da organização, apesar do “escândalo Balogun”, segundo o jornal britânico *The Guardian*.

Apenas alguns países, incluindo a Alemanha e algumas nações europeias, ainda não deram esse passo, embora a participação deles não seja necessária para que sua reeleição seja formalizada no Congresso da Fifa em março próximo.

Infantino, de 56 anos, que preside a entidade má-

xima do futebol desde 2016, é atualmente o único candidato ao cargo, embora outros nomes ainda possam surgir até 18 de novembro, prazo final para a apresentação de candidaturas. As controvérsias em torno da organização da atual Copa, que termina hoje, não parecem tê-lo afetado.

Curtas

Voos argentinos estão esgotados para a final nos EUA

Os voos que a Aerolíneas Argentinas adicionou à sua programação devido à alta demanda por passagens para viajar da Argentina aos Estados Unidos para a final da Copa do Mundo de 2026 contra a Espanha esgotaram-se em poucas horas, confirmaram fontes da empresa à EFE, ontem. Após a vitória da Argentina na semifinal contra a Inglaterra, na última quarta-feira (2 a 1), a companhia aérea adicionou dois voos para Nova York à sua programação, que foram colocados à venda naquela mesma noite e esgotaram-se na quinta-feira (17). “Tudo esgotou. Também não há mais assentos disponíveis para Miami, com dois voos por dia”, disseram fontes da companhia aérea à EFE. A final da Copa do Mundo de 2026 entre Espanha e Argentina será disputada hoje, no MetLife Stadium, em Nova Jersey, a partir das 16h (horário de Brasília).

Professor e aluno voltam a encontrar-se no jogo final

Luis de la Fuente e Lionel Scaloni vão se reencontrar hoje, na final da Copa do Mundo, nove anos depois de seus caminhos se cruzarem em uma sala de aula na Ciudad del Fútbol, em Las Rozas, onde o técnico da Seleção Espanhola foi professor do argentino durante sua formação como treinador. Mas a relação entre eles foi além disso: são amigos. Scaloni concluiu o curso para a Licença Pro da Uefa em 2017, pouco depois de encerrar sua carreira como jogador. Na época, Luis de la Fuente conciliava seu trabalho com as seleções de base da Espanha com o treinamento de jogadores na Real Federação Espanhola de Futebol (RFEF). Luis era professor de tática e sistemas de jogo, e Lionel, sempre diligente, sentava-se na primeira fila, lembra Ginés Meléndez, diretor da Escola Nacional de Treinadores da RFEF em 2017, em entrevista à EFE.

Jogadores campeões vão receber anéis exclusivos

Os campeões da Copa do Mundo serão coroados no Estádio de Nova York-Nova Jersey. Além do icônico troféu e das tradicionais medalhas de ouro, um novo símbolo de conquista será entregue à equipe vencedora. Pela primeira vez na história de uma competição da Fifa, os campeões também receberão anéis comemorativos exclusivos, incorporando ao futebol mundial uma das mais reconhecidas tradições do esporte dos Estados Unidos. Cada anel fará parte de uma edição estritamente limitada de apenas 2.026 peças numeradas individualmente, em homenagem ao torneio. Desse total, 30 serão destinados aos integrantes da seleção campeã, enquanto os outros 1.996 estarão disponíveis para torcedores de todo o mundo como um produto oficial licenciado, permitindo que fãs tenham um item único da história da Copa do Mundo da Fifa 2026.

Madri mobiliza segurança para a decisão da Copa

O Delegado do Governo em Madri, Francisco Martín, anunciou que, em antecipação às possíveis comemorações após a vitória da Espanha na Copa do Mundo, 1.450 membros das Forças de Segurança do Estado serão mobilizados nas ruas de Madri hoje e amanhã. “Estamos convencidos de que a Espanha vencerá e estamos trabalhando para preparar essa celebração e também para garantir a segurança durante a partida e tudo o que se seguir”, declarou o delegado em coletiva de imprensa após presidir uma reunião para coordenar a operação de segurança para a final, que será disputada entre Espanha e Argentina. Por um lado, cerca de 550 policiais nacionais e 250 guardas-civis garantirão a segurança durante a partida nas ruas de Madri. Por outro lado, uma hipotética comemoração da vitória amanhã envolveria a mobilização de 500 policiais nacionais e 150 guardas-civis. Caso a seleção espanhola vença a final, desfilará pelas ruas da capital entre a Plaza de la Moncloa e a Plaza de Cibeles.



Foto: Octavio Guzmán/EFE

A Copa com 48 seleções gerou um lucro extraordinário tanto para a Fifa como também para os EUA, Canadá e México

ARNALDO

Paraibano já é destaque no Grêmio

Jovem, de João Pessoa, começou a sua carreira no Avaí e hoje integra as categorias de base do time gaúcho

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O futebol paraibano viveu momentos históricos na Copa do Mundo tendo a presença de Matheus Cunha e Douglas Santos representando o Brasil. Ao vestirem a camisa verde-amarela, os dois atletas inspiram jovens do estado que sonham em vencer na vida por meio do esporte. É o caso de Arnaldo, de apenas 19 anos. Natural de João Pessoa, o garoto, um dos mais promissores do futebol local, veste a camisa do sub-20 do Grêmio-RS e vive em Porto Alegre há três anos.

O jornal **A União** conversou com o jovem, que contou um pouco de sua história e de seus sonhos, além das inspirações para alcançar seus objetivos. Ele iniciou sua trajetória no futebol no Centro Esportivo Avaí, de João Pessoa. Mas, foi no futsal que teve seus primeiros contatos com a bola, na Escolinha de Nino, com nove anos.

“Quando atuava pelo Avaí, veio um olheiro lá do Grêmio, que me viu e me convidou para fazer um teste lá. Reprovei na primeira vez e voltei para casa. Anos depois, eu fui lá de novo, fiz outro teste, reprovei novamente e retornei. Aí, na terceira vez, eu fui com contrato de formação. Desde então, eu estou lá”, explicou Arnaldo.

O atacante falou da importância da sua família e do Avaí para não desistir do sonho, diante das reprova-

ções. “Quando eu voltei depois da primeira negativa, eu conversei muito com o Velinho [presidente do clube] e com o Aldinho [treinador], eles me ajudaram muito. Eu não queria mais jogar, estava pensando em desistir. Conversei com o meu pai e com a minha mãe, que deram muita força e falaram ‘não, continue, vai que você tem outra oportunidade’”, conta o jovem.

Nas categorias de base, Arnaldo atuou por 29 partidas no Grêmio, tendo marcado seis gols e dado uma assistência. Em 2026, vive seu grande momento — cinco gols e uma assistência. Agora, busca seu primeiro título. “Avaí foi muito importante nisso. Ajudou a melhorar minha cabeça e a trabalhar mais forte”, disse.

Adaptação

Há três anos morando em Porto Alegre, Arnaldo comentou sobre sua ambientação à cidade e ao estilo de vida gaúcho, totalmente diferente do paraibano. A distância da família, além do clima, tem sido o maior desafio. “Eu já me acostumei muito, pelo tempo que faz que estou lá. Só não me acostumei com o frio. É complicada essa adaptação ao frio. As pessoas me receberam de um jeito bom, fiz amizades”, destacou o jogador, que no curto prazo tem como grande objetivo chegar ao profissional do Tricolor Imortal.

“Minha família me apoia bastante. Isso me fortalece no Rio Grande do Sul.

O apoio deles me fortalece para continuar sonhando, continuar trabalhando, lutando. Vai ter saudades, mas, às vezes, eu venho de férias para João Pessoa, dá para matar um pouquinho desse sentimento”, relatou.

Inspiração

O futebol paraibano tem grandes nomes que marcaram a história vestindo a camisa da Seleção Brasileira. Arnaldo ressaltou a inspiração em Matheus Cunha e em Douglas Santos como motivação para um dia conseguir representar o Brasil em Copas do Mundo. Esses atletas estiveram na Copa de 2026. Além deles, Hulk (2014), Mazinho (1994), Júnior (1982 e 1986) e Índio (1954) são outros atletas com grande passagem pelo time

verde-amarelo no Mundial.

“Jogar uma Liga dos Campeões [da Europa], uma Copa do Mundo sempre serão grandes sonhos. Ir para a Seleção Brasileira também é um dos meus maiores sonhos. Matheus Cunha é minha maior inspiração. De onde ele saiu, vindo do mesmo lugar que eu saí. E, hoje em dia, eu faço a comemoração [imitando movimentos de surfistas] dele. Ele já comentou na minha foto, quando eu fiz a comemoração”, contou Arnaldo.

Clube formador

Fundado em 12 de junho de 1976, o Centro Esportivo Avaí, de João Pessoa, é uma das mais tradicionais entidades de formação esportiva da Paraíba. A equipe contou com Arnaldo nas suas categorias de base até os 16 anos do garoto. Seu fundador José Carlos da Silva (Zezinho) era um apaixonado por esporte, tendo marcado a vida dos desportistas do bairro Mandacaru. Hoje, sob a presidência de Rogério Dilon da Silva Velinho, a agremiação tem parcerias com alguns clubes do país, incluindo o Grêmio, equipe de Arnaldo.

Ao longo de sua história, algumas centenas de crianças, adolescentes e jovens adultos passaram pelo Avaí, encontrando no esporte não apenas a oportunidade de desenvolver habilidades técnicas, mas também valores fundamentais como disciplina, respeito, responsabilidade, trabalho em equipe e cidadania.

“

Minha família me apoia bastante. Isso me fortalece no Rio Grande do Sul. O apoio deles me fortalece para continuar sonhando

Arnaldo

Foto: Arquivo pessoal



Em 2026, Arnaldo vive seu grande momento, com cinco gols e uma assistência, e sonha em subir para o futebol profissional

Pedro
Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

É tempo de final

Assim como o Carnaval, toda Copa do Mundo, lamentavelmente, tem seu fim. No caso das Copas, como da grande arte e dos grandes artistas, o fim é o começo de uma eternidade. Não como aquele caminho, sob escombros, cristão. É uma outra estrada, de uma religião politeísta cunhada pelos deuses da bola, que ora jogam no campo, do mundo terreno, que ora jogam de algum gramado paradisíaco onde brincam, descalços, conversando pelos tornozelos, Maradona, Pelé, Garrincha e tantos outros e outras.

Não sei bem de quem foi a ideia dessa vez — receio que de Diego, Di Stefano e Cruyff. Mas os altíssimos do futebol resolveram fazer uma grande homenagem ao poeta maior, ainda vivo. A final da Copa do Mundo será entre Argentina e Espanha, as duas nações de Messi. O país onde nasceu e que lhe fez jogador de futebol ao lhe entregar as primeiras bolas, campos e *calle*s. Por ele jogará mais uma decisão de Mundial, em busca do bi. Atrás, em vão, de um para sempre que já se encontra em algum bolso do seu peito.

Mas Messi, aos 39 anos, ainda acredita que vale a luta pelo perpétuo. Mesmo que os deuses já tenham concedido o título a ele. Com a mais bela taça de todas, da Copa, com as oito bolas de ouro, com os tantos títulos, assistências e gols já alcançados. Ou mesmo com as grandes atuações individuais e as grandes jogadas coletivas. Pensando bem, acho que Messi já sabe que é do sempre. Mas sabe que há finitude no plano terreno. E que um dia não vai ter mais forças para jogar futebol. Então ele, mesmo já tendo feito o possível e o impossível em sua carreira, trata de lutar contra o fim. E foi quem mais fez e faz isso bem numa reta final de trajetória.

Com oito gols e quatro assistências na Copa do Mundo de 2026, Messi leva a Argentina pela terceira vez a uma final sob a sua batuta. Um maestro que não só comanda o seu time semelhante a um tango bem executado. Mas que faz todos se movimentarem por ele, tocar por ele. Com olhos fixos nele. O que me toca profundamente. O que sai nem sempre é um espetáculo perfeito, porque todos ainda são argentinos, iguais a Messi nisso, mas diferente do craque em matéria de bola.

Mas música e futebol permitem erros e improvisos a serem admirados. Cada pedaço de mundo toca do seu jeito. Há beleza em tudo. Se há notas erradas, há também uma capacidade de empilhar frases melódicas extraordinárias inesperadas, fora do lugar comum. A Argentina de Messi é uma mistura de ritmos. Sai da calmaria das cantigas de ninar para um *punk rock* em algum compasso dentro do tempo regulamentar. Ou da prorrogação. Toca o que puder e como pode. Com um maestro que também faz música e larga a batuta. Messi é, sobretudo, argentino.

Mas Messi também é espanhol. E na sua despedida da história das Copas, ela também vem para a dança. Foi a Espanha que deu a Messi as maiores aulas, os melhores instrumentos, os grandes palcos e o seu tamanho. O pequeno argentino, com dificuldades fisiológicas de crescer, virou um gigante em terra espanhola. Com a camisa do catalão Barcelona, que tem seus problemas com a nação colonizadora, que também machucou a sua terra natal um dia.

Messi é um produto moderno da globalização e dessa disputa entre integração de povos e a ainda violência, e suas diversas camadas e formas, entre pessoas de nações que já se encontraram a partir de genocídios, resistências e trocas diversas de sangue. Nesse jogo, Messi caminha pelo embate e pelo encontro que o futebol nos leva, que é um caminho em que reside a arte. Que faz a vida entre humanos ser substancialmente menos amarga.

A Copa do Mundo, portanto, rende a ele essa homenagem, e a final desta edição versa, sobretudo, sobre ele. Porque Messi é a vida: começo, meio e fim. A trajetória de sua carreira e do que é viver estará toda em campo, nesse Argentina x Espanha. De um lado, os guerreiros de Leo. Do outro, as crianças de Leo, que viram o futebol de seu país crescer consideravelmente com trabalho europeu e com um talento sul-americano como tempero do maior time de futebol de clubes da história, o Barcelona de Guardiola e Messi. De um lado, Lamine Yamal e Pedri, produtos do encontro da bola entre Espanha e Argentina. O futuro e o presente do futebol mais lindo. Do outro lado Messi. O passado, o presente e o eterno. Esta final é uma fenda do tempo. De um lado Messi, do outro lado Messi.

COPA DO MUNDO

Confira 10 fatos relevantes em finais

Em 1950, Jules Rimet desceu de seu camarote VIP, no Maracanã, convicto de que iria entregar a taça ao Brasil

Oscar Gonzalez
Agência EFE



A cada quatro anos acontece a partida mais importante do futebol mundial, um evento que, há quase um século, proporciona histórias incríveis. Desde o dia 11 de junho que a competição vem se desenrolando e após 103 jogos, o 104 será hoje entre Argentina e Espanha, em Nova Jersey. Esta está sendo escrita por personagens importantes como os artilheiros Messi, Mbappé, Kane, Haaland, entre outros e situações especiais como a do goleiro Vozinha que, aos 40 anos, fez história com a sua Seleção, a de Cabo Verde em embates interessantes contra a Espanha e a Argentina, finalistas da 23ª Copa do Mundo. Ao longo das outras edições memoráveis situações aconteceram e 10 foram elencadas.

As histórias
1. A final de 1930 foi disputada com duas bolas, uma argentina e uma uruguaia.

A primeira final da Copa do Mundo foi disputada com duas bolas, uma argentina e outra uruguaia, cada uma feita com o couro do país e uma câmara de ar inflável, porque nenhum dos finalistas permitiu o uso da bola do outro. O árbitro belga John Lange-nus entrou em campo com as duas bolas, e um sorteio decidiu qual seria usada em cada tempo. A Argentina, com sua bola, terminou o primeiro tempo vencendo por 2 a 1. O Uruguai, com a sua — aparentemente um pouco maior e mais pesada —, reagiu e conquistou o título por 4 a 2.

2. O argentino Luis Monti disputou duas finais consecutivas por seleções nacionais diferentes.

O argentino Luis Monti é o único jogador a ter disputado duas finais por seleções nacionais diferentes. Ele fez isso com a Argentina em 1930 e novamente, desta vez como italiano, em 1934. Curiosamente, ele jogou sob ameaças em ambas as finais. Foi ameaçado pelos uruguaios caso vencesse a primeira edição e sofreu pressão de Benito Mussolini para garantir a vitória quatro anos depois.

3. Jules Rimet desceu das arquibancadas pronto para entregar a taça ao Brasil, no Maracanã.

O presidente da Fifa, Jules Rimet, ficou completamente perplexo durante o Maracanã. Ele saiu do camarote VIP com bastante tempo para se preparar para entregar o troféu no gramado. Ele saiu do camarote com o Brasil vencendo, e quando chegou ao campo, o Uruguai já havia virado o jogo e conquistado a vitória. Conta-se que Rimet demorou um pouco para entender o que havia acontecido, pois se deparou com uma cena de pesadelo, com brasileiros e torcedores chorando, e que alguém se aproximou dele para explicar que o Uruguai era o campeão da Copa do Mundo de 1950.



Foto: Divulgação/Fifa

Garrincha entorta um de seus marcadores na Copa de 1958, em que a Seleção Brasileira conquistou o título vestindo camisas compradas em loja sueca

4. O Brasil conquistou o título, na Suécia em 1958, vestindo camisas compradas em uma loja sueca.

Como a Suécia e o Brasil jogavam com camisas amarelas, foi necessário um sorteio para determinar qual equipe trocaria de uniforme na final da Copa do Mundo de 1958. Irritados, os dirigentes da delegação brasileira não compareceram, considerando uma falta de respeito impedir que os visitantes mantivessem seu uniforme principal. Sem eles, o sorteio prosseguiu. A Suécia venceu, e os dirigentes brasileiros tiveram que comprar novas camisas no país, já que haviam usado as azuis do segundo uniforme no último treino. Depois, tiveram que costurar os números e o escudo nas novas camisas. Pelé cuidou do resto, levando o Brasil à sua primeira vitória em Copas do Mundo.

5. O bandeirinha da jogada mais controversa tem um estádio com o seu nome.

Tofiq Brahramov entrou para a história como o “bandeirinha russo”. Ele era azerbaijano e, em 1966, era soviético. Seu nome está para sempre ligado ao único título mundial da Inglaterra porque ele validou o lance mais polêmico da história das Copas do Mundo: o chute de Geoff Hurst que, após bater no travessão, quicou na linha e saiu. Não há imagens que comprovem que a bola cruzou completamente a linha do gol, mas Brahramov não hesitou. A Inglaterra abriu 3 a 2 na prorrogação e garan-

tiu a vitória na final, que acabou vencendo com outro gol de Hurst (4 a 2). Após sua morte em 1993, o principal estádio de Baku foi renomeado em sua homenagem como Estádio Republicano Tofiq Bahramov, e uma estátua sua foi erguida do lado de fora. Geoff Hurts compareceu à inauguração do monumento.

6. A Alemanha começou a jogar com um gol de desvantagem na final de 1974.

Na primeira vez que a Seleção Alemã, então Alemanha Ocidental, tocou na bola na final de 1974, já perdia por 1 a 0. O futebol total da Seleção Holandesa atingiu seu ápice no pontapé inicial daquela final: 16 toques na bola sem que nenhum jogador alemão interferisse e um pênalti cometido por Uli Hoennes em Johan Cruyff após 53 segundos. Johan Neeskens converteu o pênalti aos 88 segundos, marcando o gol mais rápido da história da final, mas não foi suficiente para conquistar o título. Paul Breitner, também de pênalti, empatou aos 25 minutos, e Gerd Müller marcou o gol da vitória aos 43.

7. Passarella, Baresi e Ronaldo foram campeões mundiais sem jogar.

A lista de jogadores que foram proclamados campeões mundiais sem terem jogado um único minuto na competição é extensa e, sobretudo, composta por goleiros, mas também inclui figuras ilustres, que só entraram em cam-

■ A final da primeira Copa do Mundo foi disputada com dois tipos de bola, uma do Uruguai e outra da Argentina

po para celebrar o título, como o argentino Daniel Passarella, o italiano Franco Baresi ou o brasileiro Ronaldo Nazário. Passarella foi capitão da equipe que venceu a Copa do Mundo de 1978 e, oito anos depois, aos 33 anos, foi convocado para a Copa do Mundo de 1986, no México, mas não jogou um único minuto, prejudicado primeiro por uma infecção intestinal e depois por uma lesão muscular. Aos 22 anos, Franco Baresi fez parte da Seleção Italiana que conquistou a Copa do Mundo de 1982 na Espanha, mas Enzo Bearzot não o utilizou. Em 1994, após uma rápida recuperação de uma ruptura do menisco, ele capitaneou a Seleção Italiana que perdeu a final do Rose Bowl para o Brasil. Ele errou seu pênalti — assim como Baggio — e não pôde comemorar em campo o título que havia conquistado 12 anos antes. Ronaldo também estava naquela Copa do Mundo, mas como apenas mais um membro do elenco de Carlos Alberto Parreira. O “Fenôme-

no” havia marcado 59 gols em 57 jogos com a seleção Sub-17 e chegou aos Estados Unidos com a mesma idade que Pelé tinha quando encantou o mundo em 1958. Apesar das críticas que Parreira recebeu por não dar tempo de jogo à nova estrela brasileira, o técnico não o utilizou, e Ronaldo conquistaria o título em 2002, terminando como artilheiro do torneio.

8. Durante a partida, o jogador alemão Kramer perguntou ao árbitro se eles estavam jogando a final.

O caso do jogador alemão Christoph Kramer é um dos mais singulares da história da Copa do Mundo. Na final de 2014 no Brasil, disputada no Maracanã entre Alemanha e Argentina, ele foi escalado de última hora porque Sami Khedira lesionou-se no aquecimento, mas jogou apenas 16 minutos. Naquele momento, após uma colisão com Ezequiel Garay, ele sofreu uma concussão que o fez vagar pelo campo. Durante quinze minutos, ele vagou sem rumo e chegou a perguntar ao árbitro italiano, Nicola Rizzoli, se estavam jogando a final. Esse não foi seu único erro. Ele tentou tomar a braçadeira de capitão de Philipp Lahm e confundiu Thomas Müller com Gerd Müller, o campeão da Copa do Mundo de 1974. Ele foi substituído aos 31 minutos por André Schürrle. Kramer participou das comemorações, segurando o troféu, mas depois de ser levado ao hospital, perdeu completamente a memória do ocorrido.

Em decorrência da concussão sofrida, ele não se lembra de nada da final.

9. Três maldições afetaram todas as finais.

As finais, propensas a superstições e maldições, têm pelo menos três que se repetem há quase um século: — Nenhum treinador estrangeiro jamais venceu a Copa do Mundo. — Ele nunca ganhou a Bola de Ouro naquele ano. — Nunca foi vencido pelo jogador que começou o torneio como número um no *ranking* da Fifa. Esse último fator afetaria a Seleção Argentina, que em sua defesa apresenta outros dois argumentos menos populares: nenhum treinador com mais de 60 anos venceu a Copa — Luis de la Fuente tem 65 — e ninguém foi coroado campeão sem sofrer gols na fase de grupos — Espanha.

10. A expressão “A taça não deve ser tocada” não se deve apenas à superstição; o protocolo da Fifa proíbe isso.

A tradição dita, por superstição, que o troféu concedido ao vencedor não deve ser tocado antes da final. Alguns jogadores até evitam olhar para ele quando entram em campo. Mas, não se trata apenas de superstição; o protocolo de manuseio e segurança do troféu original proíbe que qualquer pessoa, exceto um campeão mundial, chefe de Estado ou presidente da Fifa, o toque com as mãos nuas.

Para especialistas, bibliotecas estruturadas e eventos literários seriam caminhos para aumentar os índices de leitura



Por que lemos pouco?

Fatores históricos e educacionais mantêm analfabetismo funcional e derrubam número de leitores

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Sentar-se para ler um livro não é um hábito muito frequente entre os brasileiros. Os dados da última pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada em 2024, apontaram que somente 52% da população têm o costume de ler. Entre os nordestinos, o índice de leitores é de 43% da população, enquanto na Paraíba o percentual é ainda menor, de 38%. Leitor, segundo a definição da pesquisa, é quem leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de qualquer gênero, impresso ou digital, nos últimos três meses. Dentre os leitores, a média de obras inteiras lidas nesse período não chega a duas.

A primeira interpretação desses números é que o brasileiro é pouco apegado à leitura ou, mais precisamente, que não gosta de ler. É preciso considerar, no entanto, o contexto histórico, econômico e cultural da formação da sociedade brasileira antes de fazer qualquer afirmação.

Filho de pais analfabetos e migrantes, o professor Eduardo Jorge Lopes, do Departamento de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), argumenta que não é fácil superar uma prática educacional elitizada que se estabeleceu ainda no Brasil Colônia. “Apenas um grupo minoritário sabia ler e escrever. Essa é uma herança maldita, como eu me refiro em minha tese, que foi sendo incorporada ao longo dos anos, de modo que ter acesso aos bens culturais, como livros e obras de arte, por exemplo, virou algo restrito à elite. A população ex-escravizada e os brancos pobres ficaram à margem disso”, destaca.

Para o pesquisador, a história da educação no país ajuda a explicar os baixos índices de leitura dos brasileiros. Segundo Jorge, no final do Regime Imperial, quase 60% da população era analfabeta e somente a partir da década de 1930 — há menos de um século — surgiram as primeiras lutas para garantir acesso à educação pública, laica e gratuita, encampadas por

nomes como Anísio Teixeira e Paschoal Lemme.

Embora concorde que a escola não é a única instituição responsável pela formação de leitores, o pesquisador reconhece o seu importante papel, especialmente para quem não dispõe desses bens culturais em casa. “A cena clássica de ler historinhas para os filhos antes de dormir é muito rara entre a classe popular”, completa.

Ao longo do século passado, a ampliação do acesso à educação e a criação de programas de livro didático e de coleções de livros clássicos da literatura brasileira disponibilizadas nas escolas públicas criaram mais oportunidades para a leitura, mas, na avaliação do educador, ainda são insuficientes. O próprio Eduardo relembra o seu processo de formação leitora em sala de aula, onde a professora lia uma história, uma vez por semana, e os alunos apenas escutavam. “Era bom ouvir a leitura, era bom ela perguntar o que a gente havia compreendido, mas não era eu que estava lendo. Eu não lia e não tocava no livro”, argumenta.

Dados

A universalização do ensino básico também não pode ser tomada como garantia do crescimento de leitores. Ainda que a legislação educacional estimule o desenvolvimento dessa competência nos estudantes, isso não representa, necessariamente, a qualidade do ensino.

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) referentes ao Censo Escolar 2025 apontam um crescimento na taxa média de aprovação nos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), assim como uma redução na taxa de abandono. Os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) também mostram avanços na redução do analfabetismo, abaixo de 5%.

Por sua vez, um levantamento do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) de 2024 indica que quase 30% dos brasileiros entre os 15 e os 64 anos

têm dificuldade para interpretar, produzir um texto, fazer cálculos ou utilizar ferramentas digitais.

A Paraíba ocupa o terceiro lugar no *ranking* das maiores taxas de analfabetismo do Brasil. De acordo com os dados da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* (PNAD Contínua), divulgada pelo IBGE no mês passado, o estado registra um índice de 11,6% de analfabetismo entre a população de 15 anos ou mais. Apesar de estar no topo do *ranking* negativo nacional, esse número representa o menor patamar da história do estado, desde o início da série histórica, em 2016. Em números absolutos, a Paraíba tem hoje cerca de 375 mil pessoas que não sabem ler nem escrever.

“A escola dá o pontapé, mas tanto a família como outras instituições precisam colaborar para desenvolver a competência leitora, que é uma construção coletiva, social e cultural. É preciso ampliar o acesso a outros bens culturais, porque a leitura não significa apenas abrir um livro e ler uma história, é também ir a uma galeria de arte e fazer a leitura das suas obras ou fazer a leitura social e crítica de um monumento, por exemplo”, alerta o professor.

Motivos

Há raízes históricas e estruturais que mantêm a média de leitura do brasileiro baixa. Do atraso histórico (a chegada tardia da imprensa oficial) às falhas atuais da Educação Básica e à ausência de políticas públicas eficientes de incentivo à leitura, é possível compreender o porquê disso.

O Brasil começou a imprimir os seus próprios livros e jornais muito mais tarde que os seus vizinhos — foram quase 300 anos de proibição de tipografias pela Coroa Portuguesa, enquanto a América Espanhola já tinha prensas desde o século 16. Mesmo depois da chegada da Corte, em 1808, e da fundação das primeiras faculdades, a Educação Básica continuou negligenciada. Para fins de comparação, no primeiro levantamento oficial, de

1872, o índice de analfabetismo passava de 82%. Apenas uma parcela ínfima da população rica (homens livres e proprietários de terras) tinha acesso à alfabetização elementar.

A *internet* e as redes sociais agravaram o cenário, servindo como uma das principais distrações que afastam o brasileiro dos livros. Os dados estatísticos mais recentes confirmam que a disputa pelo tempo livre da população foi amplamente vencida pelas telas.

Aplicativos de vídeos curtos (como TikTok e Reels) oferecem dopamina e gratificação instantânea. Isso desacostumou o cérebro a fazer a “leitura profunda”, já que ler exige esforço e concentração linear, enquanto as redes sociais habituaram os usuários à fragmentação e à superficialidade. Muitas pessoas passam o dia lendo mensagens curtas no WhatsApp ou legendas de *posts*. Embora decodifiquem as palavras, elas perderam a capacidade de compreender, analisar e reter as informações de textos mais longos, como um livro de literatura.

Mas as redes sociais não criaram o *déficit* de leitura no país — que é histórico e educacional —, apenas potencializaram a falta de foco e preencheram o tempo vago das pessoas, tornando o ato de abrir um livro um desafio ainda maior.

Por outro lado, a *internet* também criou ecossistemas inéditos de fomento à leitura, como as comunidades de criadores de conteúdo literário no TikTok e no Instagram e os clubes virtuais de leitura, espaços digitais de leitura conjunta que ajudam a mitigar a solidão do hábito, servindo como uma ferramenta de disciplina coletiva para quem deseja ler mais.

Responsabilidade

Graduada em Letras e Pedagogia e com doutorado em Linguística, a professora Patrícia Rosas, do Departamento de Metodologia da Educação da UFPB, concorda que o baixo índice de leitura dos brasileiros é reflexo da estrutura social do país e que a esco-

la não pode carregar, sozinha, a responsabilidade pelo desenvolvimento dessa competência. Defende, então, um conjunto de práticas assumidas socialmente e que sejam capazes de estimular não só o acesso aos livros, que se ampliou com as plataformas da *internet*, como também a formação qualificada de leitores. “O leitor se forma em casa, na escola e também em outros ambientes, a exemplo de clubes de leitura, como também participando de outras atividades culturais”, argumenta.

Para ela, o poder público deixa muito a desejar na qualificação das bibliotecas escolares, no incentivo de clubes de leituras e de festas literárias dentro das escolas, no investimento em equipamentos e na formação e valorização dos professores. “A gente precisa de uma política pública que consiga fazer um grande movimento de leitura”, aponta.

Mas, na sua visão, a formação do leitor também é uma responsabilidade social. Isso inclui o mercado, que absorverá os jovens em seus postos de trabalho. Patrícia Rosas lembra como a leitura impacta na execução de tarefas do cotidiano, como mandar um *e-mail* e participar de uma reunião de trabalho, por isso considera que, mesmo não sendo o seu papel primordial, as empresas também deveriam incentivar a leitura em seus espaços. “Não haveria condições de montar uma biblioteca móvel, de fazer circular um livro entre os funcionários ou de abrir uma roda de discussão, nem que fosse uma vez por mês?”, questiona, sugerindo.

A ideia de que há falta de interesse da população pelos livros é questionada pela pesquisadora. Ela lembra que as feiras literárias e as bienais de livros atraem um público cada vez maior e têm estimulado a venda de livros. Para chamar a atenção das novas gerações, no entanto, o segredo está em compreender o seu perfil de leitura. “Os jovens gostam de ler, só que a gente tem que entender o que eles leem, como leem e quando leem”, conclui.

Pinto do Monteiro

Rei do improviso: trajetória e legado de um cantador popular

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Inteligência e sagacidade marcaram a trajetória de Pinto do Monteiro, poeta popular paraibano que se tornou referência na arte do repente, pela rapidez de raciocínio e habilidade para construir respostas em versos durante os desafios com outros cantadores. Andarilho por vocação e necessidade, reinventou-se ao longo da vida, assumindo diferentes ofícios — de vaqueiro a vendedor de cuscuz —, sem jamais romper com os laços da terra onde nasceu, vínculo que carregava no próprio nome artístico.

Severino Lourenço da Silva Pinto foi o primogênito do tropeiro Francisco Lourenço do Nascimento (Chico Lourenço) e da dona de casa Úrsula Bezerra da Silva. Nascido no dia 21 de novembro de 1895, no sítio Carnaubinha, em Monteiro (PB), aos 6 anos de idade, foi viver com o coronel Sizenando Rafael, seu padrinho, na Fazenda Feijão, hoje pertencente ao município de Sumé. Ali, vestiu gibão, perneiras e chapéu de couro, tornando-se um vaqueiro destemido, ainda na juventude, e treinando o seu aboiro para se transformar, mais tarde, em um dos maiores cantadores nordestinos.

“Como ele foi criado em uma fazenda de gado, via muita gente aboiando. Aquele foi o primeiro contato dele com a poesia. Um dia, ia ter uma cantoria de viola perto da Fazenda Feijão, e o coronel fez de tudo para que Pinto não fosse, mas, mesmo assim, ele fugiu e foi. Chegando lá, botaram ele para cantar. Quando terminou, um dos cantadores disse que, se ele continuasse, iria assombrar o mundo”, narra Carlos Paiva, responsável pelo Museu Histórico de Monteiro.

“Vestido em roupa de couro
Em um cavalo montado
Dei muita carreira em touro
Dentro do mato fechado
Fui bamba em apartação
Desacuei barbatão
Em moita de jucuri
Dei em touro de chicote
No meu velho Cariri”

O despertar do seu talento naquela primeira cantoria — como também a proibição do dono da fazenda em relação à sua ida — fez com que ele abandonasse o ofício de vaqueiro no dia seguinte. Tornou-se poeta andarilho, deixando a terra natal para desenvolver a sua atividade artística no estado vizinho, Pernambuco. Morou em cidades como Vitória de Santo Antão, Caruaru, Piancó, Pesqueira, Garanhuns, Caetés, Sertânia, São José do Egito e Tabira.

Na capital, Recife, montou, em 1930, uma fábrica de cuscuz. Em pouco tempo, deixou o cuscuz de lado e foi cantar na calçada do mercado de São José. Na mesma cidade, trabalhou como auxiliar de Enfermagem no Hospital da Tamarineira. Também ingressou nas volantes formadas para combater os cangaceiros, chegando a lutar contra alguns deles, e morou, ainda, nos estados de Alagoas, Bahia, Amazonas e Acre, onde foi seringueiro e atuou na luta contra a malária.

“Em 1941, cheguei a Roraima. Fiquei lá uns tempos, depois fui para Rio Branco, no Acre. Um dia, chegou um engenheiro americano que estava fazendo pesquisas naqueles rios por ali e me perguntou: ‘Conhece os rios daqui?’ e eu: ‘Todos os rios do mundo!’ Ai, passei dois anos como guia. Quando o serviço terminou, fui para o Rio Abunã, Santa Rosa do Abunã. Peguei um impudismo, um beribéri da gota serena, quase me acabo.

Fui me tratar em Rio Branco. Fiquei lá trabalhando até quando a guerra acabou. A saudade da cachaça daqui era danada... Ai, eu voltei”, contou o próprio poeta, em entrevista aos jornalistas Orlando Tejo e Urbano Lima [trecho editado].

Pinto do Monteiro travou embates orais com grandes cantadores, como o repentista Saturnino Mandu, José de Lima e Manuel Clementino do Angico Torito, de quem reconheceu ter levado uma “surra danada”, fato pouco usual para alguém que não costumava se curvar aos companheiros de cantoria. “Ele disputava com qualquer outro cantador, mas não suportava quando queriam ser mais do que ele. Ele tinha uma rivalidade muito grande, por exemplo, com João Fubica, porque este era meio ‘sem vergonha’ e, às vezes, mentia muito”, conta Carlos Paiva.

“Cascavel do Repente”

Esguio e de estatura mediana, o repentista não era de muita conversa e detestava adulação. Ficava enfezado facilmente, tanto é que muitos o consideravam malcriado. Como não levava desaforo para casa, em certa ocasião, quando fizeram uma graça com ele sobre o seu sobrenome de nascimento, Bezerra, ele decidiu ir ao cartório e solicitar a substituição por Pinto, que não constava originalmente no nome dos pais.

O modo rápido e criativo de responder aos oponentes nos desafios era o que o diferenciava dos demais. Atraía a atenção do público aproveitando as ideias dos seus oponentes para construir versos, buscando as palavras mais adequadas, capazes de desbancar os parceiros de pejeia.

“A velocidade com que ele fazia os versos, de modo muito contundente, era a sua principal característica. Versos muito ácidos e velozes, que costumavam tirar os oponentes do eixo. Em alguns re-

gistros, é possível notar que, antes mesmo de o oponente terminar o verso, ele já estava com uma expressão de quem já sabia a resposta, e emendava logo em seguida. Por ser muito veloz e ter um bote mortal, ele recebeu, inclusive, o apelido de ‘Cascavel do Repente’”, reconhece um dos seus sobrinhos-netos, Airtón Feitosa.

A inspiração para os versos vinha da assiduidade da leitura, habilidade que só desenvolveu já adulto, com o auxílio da professora Beatriz Ferreira, em Recife. A boa memória ajudava a desenvolver os conhecimentos daquilo que lia em livros didáticos — principalmente, de história —, nos almanaques e nos jornais, além da Bíblia. Um famoso verso seu recebe os visitantes, na entrada de Monteiro: “Poeta é aquele que tira de onde não tem e bota onde não cabe”.

Numa das visitas frequentes



Ponte entre a tradição oral e a literatura acadêmica brasileira. Pinto foi inspiração para o escritor Ariano Suassuna

que fez ao repentista, quando este já estava no fim da vida, Airtón perguntou-lhe de onde vinha o conhecimento de versos seus que falavam sobre botânica, ciência e até arqueologia, considerando que ele pouco frequentou a escola. “Ele disse: ‘Meu filho, o segredo é ouvir. Eu estou sempre prestando atenção ao que as pessoas falam e ao que acontece ao meu redor’. Ele não era muito de falar, mas ficava sempre atento a tudo”, lembra.

Publicações

Apesar de ter publicado folhetos de cordel, a exemplo de *A Fazenda Feijão, Peleja de Severino Pinto com Manuel Floriano Ferreira e Peleja de Pinto do Monteiro e Antônio Marinho*, era nas cantorias “de pé de parede” e nos festivais que o poeta se encontrava. Participou de congressos de repentistas realizados em Recife, Petrolina, Limoeiro e Caruaru (PE), assim como foi a encontros de violeiros em João Pessoa e Campina Grande (PB), em Fortaleza (CE) e até em São Paulo (SP), onde se destacou como vencedor. Em 1972, recebeu, no Theatro Santa Roza, na capital paraibana, o Troféu Viola de Ouro, em reconhecimento por sua genialidade no repente nordestino — é a única premiação que conseguiu guardar consigo.

Seus versos ficaram registrados em dois LPs: *Pinto do Monteiro: Vida, Poesia e Verdade*, lançado pela Fundação Joaquim Nabuco, em 1975, e *Pinto do Monteiro e Zé Pequeno: Acelerando nas Asas do Juízo*, lançado de forma independente, em 1983, a partir de gravações realizadas com o poeta, às vésperas de ele completar 90 anos. Outros registros do seu talento foram feitos em fitas de videocassete, em super-8, em fitas cassete e em cinema, como a participação no documentário *Nordeste: Cordel, Repente, Canção* (1975), dirigido por Tânia Quaresma.

Pinto criava os seus versos em segun-

dos, acompanhado pelo dedilhar da viola. Sua poesia era marcada pelo uso exímio do martelo agalopado, da sextilha e do mote em sete sílabas. Ele era famoso por suas respostas cortantes e reflexões filosóficas sobre a vida e a morte. Perto do fim da vida, ao refletir sobre a passagem do tempo, manteve a altivez poética:

“A mocidade é um bem
Que o tempo passa e consome,
A velhice é um fantasma
Que assombra qualquer homem,
Mas o que a morte não rouba
É o eco do meu nome”

que faziam romaria à sua residência, para escutá-lo novamente.

“Não posso atender pedido
Que a mim fez muita gente
Porque estou velho e doente
Fraco, cansado, abatido,
De mais a mais esquecido
Sem som sem mentalidade,
Ficou somente a vontade
Mordendo como formiga
Nunca mais vou em cantiga
Pra não morrer de saudade”

Homenagens

Pinto do Monteiro faleceu no dia 28 de outubro de 1990, aos 94 anos de idade, na mesma cidade onde nasceu e que lhe deu nome, imortalizando-se como figura singular na história do repente nordestino. “Passadas mais de três décadas, o reconhecimento dele continua. Durante muito tempo, ele foi a principal referência da cidade. Quando se dizia que era Monteiro, as pessoas comentavam: ‘Ah, você é da terra de Pinto!’. Não temos muitos registros dele, para que as futuras gerações possam desfrutar do seu legado, mas ainda há muito na lembrança daqueles que gostam do repente. Tanto é que hoje existem diversos vídeos na internet de pessoas declamando versos atribuídos a ele”, ressalta Airtón Feitosa.

Como homenagens póstumas ao poeta paraibano, o seu nome já foi dado a concursos, congressos e também a um *campus* universitário: o Campus VI da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), inaugurado há 20 anos na sua cidade natal, Monteiro.

“Esta palavra saudade
Conheço desde criança
Saudade de amor ausente
Não é saudade, é lembrança
Saudade só é saudade
Quando morre a esperança”

Angélica Lúcio

Da publicidade de cigarros ao anúncio de bets: o que podemos aprender

Há 30 anos, a publicidade de cigarros e outros produtos derivados do tabaco invadia TVs, rádios, jornais, revistas e os mais diversos espaços de divulgação no Brasil. Programas de TV, festivais culturais e competições esportivas eram os cenários perfeitos para massificar a divulgação e, por tabela, ampliar o vício.

Tal realidade mudou em 1996, quando o então presidente Fernando Henrique Cardoso assinou a chamada “Lei Antifumo”. Apenas após essa legislação, o consumo em locais públicos e a publicidade de cigarros ganharam regras rígidas. O resultado veio anos depois, com a redução de fumantes de 34,8%, em 1996, para 11,5%, nos dias atuais.

Atualmente, o vício que preocupa especialistas, autoridades e a população brasileira não é mais o cigarro: são as apostas *on-line*, mais conhecidas como *bets*. O caso é sério e vem sendo tratado como um problema de saúde pública.

Cerca de 10,8 milhões de pessoas, com idade a partir de 14 anos, jogam de forma arriscada ou problemática, conforme o *Levantamento Nacional de Alcool e Drogas*, com dados de 2023. Há, ainda, um agravante: as apostas em jogos virtuais, como o “Tigrinho” e afins, são incentivadas pelos chamados “influenciadores virtuais”, que ganham muito, muito, muito dinheiro às custas da ruína alheia.



MJ abriu investigação para apurar divulgação de apostas esportivas durante transmissões da CazéTV

À medida que o vício amealha vítimas, as empresas de apostas avançam de forma agressiva na publicidade. Dados divulgados pela Agência Brasil revelam que as *bets* ocuparam o segundo lugar no *ranking* de anunciantes da Copa do Mundo de 2026, ficando atrás somente do setor de alimentação e bebidas. O impacto desse investimento refletiu-se diretamente na cobertura oficial do torneio: todas as transmissões exibidas pela Rede Globo, pelo SBT e pela CazéTV contaram com o patrocínio das platafor-

mas de jogos *on-line*.

Se por um lado há regras claras para as emissoras tradicionais, por outro existe um vácuo no formato nativo digital. As marcas aproveitam-se dessa brecha e agem de forma predatória. O que importa são os lucros, obtidos com a desgraça de indivíduos, famílias e, em casos extremos (porém, cada vez mais comuns), até com a morte de pessoas.

No fim de junho, o Ministério da Justiça abriu uma investigação para apurar irregularidades na divulgação de apostas

esportivas durante transmissões da CazéTV. Explico o motivo: durante os jogos e os programas de pré-aquecimento, os apresentadores do canal recomendavam odds (indicadores que mostram as chances de o apostador ganhar e o respectivo retorno financeiro). A equipe da CazéTV dava a entender que alguns resultados eram quase garantidos, além de exibir na tela dicas bem diretas de como e em quem apostar dinheiro.

A mistura de informação e entretenimento enche os bolsos de quem está à frente e por trás do canal. Todos, ao que parece, pouco se importam com o conceito de responsabilidade social, o que torna a regulamentação do setor ainda mais necessária. No Congresso Nacional, há, hoje, duas propostas semelhantes: o PL nº 2.478/2026, na Câmara, e o PL nº 2.470/2026, no Senado. Ambos os textos defendem o fim da publicidade e do patrocínio de plataformas de apostas esportivas e jogos virtuais em eventos e veículos de comunicação pelo Brasil.

Se tais propostas vão avançar é uma incógnita, porque há muitos interesses em jogo. No caso da Lei Antifumo, também houve forte resistência. Foram necessários mais de seis anos até que o projeto do deputado Elias Murad virasse lei. Fica a torcida (mas sem apostas!) para que os “tigrinhos” percam essa — e rápida.

Tocando em Frente

The Rolling Stones — II

Após o lançamento do primeiro álbum, intitulado apenas *The Rolling Stones*, em 1964, o grupo inglês realizou duas turnês pelos Estados Unidos, oportunidade em que foi convidado a aparecer no então consagrado programa televisivo Ed Sullivan Show, em 25 de outubro daquele mesmo ano. Por ali, em 9 de fevereiro, já havia passado a iniciante banda The Beatles.

A imprensa especializada — os que faziam o *marketing* fora dos palcos — já apresentava a banda londrina como *the bad boys* (os meninos maus) do *pop rock*, numa oposição clara à imagem dos Beatles, considerados componentes de uma banda de meninos bons e civilizados. Certamente, tudo se deveu a alguns escândalos nos quais componentes dos Rolling Stones haviam se metido, o que acontecera, inicialmente, quando foram detidos por urinarem em público e, em outra ocasião, por portarem drogas ilícitas.

De qualquer forma, os Stones, já havendo conquistado o espaço deles com o público e a mídia, em 15 de janeiro de 1965, lançaram o seu segundo álbum, o LP *Rolling Stones nº 2*, pela Decca (no Brasil, conhecido como *12 x 5*, gravado pela London), já com forte influência da música negra americana, com foco especial no *soul music*, *RB* e no *rock and roll*, com clara semelhança com o primeiro, apesar de ser ainda composto por *hits* diversos. O disco já trazia cinco parcerias de Mick Jagger e Keith Richards: “Empty heart”, “Good times/bad times”, “2021 South Michigan Avenue”, “Congratulations” e “Grown up wrong”



(uma necessária elucidação: o subtítulo *12 x 5* refere-se às doze músicas interpretadas pelos então cinco componentes da banda).

A hoje renomada parceria deveu-se às exigências do mercado fonográfico, no sentido de que os Stones, para manterem-se no auge do universo musical, deveriam provar a sua capacidade criativa.

O terceiro álbum, lançado em 1966 — *Aftermath* —, com selo Abkco Records,

ainda é considerado o melhor disco da primeira fase do grupo e foi composto exclusivamente por músicas da dupla Mick Jagger/Keith Richards (Continua).

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br



Aftermath (E) é considerado o melhor disco da primeira fase da banda; o segundo álbum, 12 x 5 (D)

AI-NET

WBBA lança certificação rumo às redes de 2030

Objetivo é preparar a infraestrutura para a era da inteligência artificial (IA)

Agência Estado

Durante a Cúpula de Desenvolvimento da Banda Larga da Ásia-Pacífico (BDS), em Bangkok (Tailândia), a Associação Mundial de Banda Larga (WBBA) lançou oficialmente a AI-Net, certificação global de referência em comunicação de dados voltada a países e operadoras de todo o mundo. Como marco da infraestrutura digital, a certificação estabelece diretrizes estratégicas para a transição das redes globais de arquiteturas orientadas pela conectividade para redes orientadas pela inteligência. A iniciativa busca levar a infraestrutura mundial da era *all-cloud* à era *all-intelligence*, além de acelerar a evolução geracional e a transformação inteligente de todo o setor.

A inteligência artificial (IA) está remodelando a economia global e exige da infraestrutura de base maior capacidade de transmissão, escalabilidade e inteligência. Com a transição dos setores para o Net5.5G, indicadores tradicionais, como largura de banda e cobertura, já não refletem a competitividade dos países na era da inteligência. Diante disso, a WBBA criou a Certificação AI-Net, baseada em três novos pilares: diretrizes de políticas nacionais, ecossistemas colaborativos do setor e taxa de adoção do Net5.5G. Baseado em indicadores mensuráveis, o sistema de avaliação busca acelerar a implantação global do Net5.5G ao alinhar políticas estratégicas e ecossistemas industriais, além de estabelecer parâmetros para medir o grau de maturidade tecnológica.

Durante o lançamento, a WBBA detalhou como a Certificação AI-Net promove benefícios mútuos e destacou seus dois principais valores. Em primeiro lugar, o conceito de “rede para IA” estabelece as redes como base da computação inteligente, e não apenas como canais de transmissão. Ao oferecer desempenho determinístico, com alta capacidade de transmissão, perda zero de pacotes e latência ultrabaixa, a infraestrutura de rede moderna permite explorar plenamente o potencial da inteligência artificial. Isso garante uma coordenação fluida entre a capacidade computacional e a gestão da rede, assegura a qualidade da experiência diante de demandas variáveis e otimiza o uso de dados no treinamento e na inferência de modelos de IA em larga escala.

Em segundo lugar, o conceito de “IA para redes” incorpora inteligência nativa diretamente aos dispositivos e às plataformas de gestão. Com a integração profunda de recursos de IA, as redes deixam de atuar apenas no roteamento passivo e passam a funcionar como sistemas cognitivos ativos, dotados de inteligência própria, autorrecuperação e otimização contínua. Essa mudança estrutural leva a infraestrutura a modelos altamente automatizados de operação e manutenção baseados em agentes e a redes autônomas de nível 4 (AN L4), reduzindo de forma significativa a complexidade operacional e os custos de manutenção das operadoras globais.

A avaliação da AI-Net abrange dimensões macroe-

conômicas e microeconômicas. No âmbito macroeconômico, a certificação avalia o alinhamento das políticas nacionais e os esforços para o desenvolvimento do setor. Entre os principais critérios, estão políticas estratégicas que deem sustentação ao Net5.5G, ao IPv6 e às redes inteligentes, além da participação ativa na definição de padrões globais e na colaboração entre os integrantes do ecossistema. No âmbito microeconômico, a avaliação compara o desempenho das operadoras com base no Índice de Desenvolvimento de Redes IP (IPDI), lançado pela WBBA no MWC. O indicador mede o grau de inteligência das redes em operação e a densidade de implantação do IP Avançado/Net5.5G para identificar as pioneiras na adoção da tecnologia.

Ao ir além das redes de longa distância (WAN), a certificação passa a abranger toda a infraestrutura digital de ponta a ponta. Entre seus critérios centrais, estão redes de *data centers* altamente interconectadas e

sistemas abrangentes de segurança endógena. Esse alinhamento multidimensional não apenas evidencia a visão estratégica de um país, mas também atesta a capacidade das principais operadoras de oferecer redes seguras e adaptadas a diferentes cenários em setores especializados, como logística automatizada, varejo inteligente e cidades inteligentes.

“Referência confiável e reconhecida pelo setor, a AI-Net transforma as Quatro Forças em avanços mensuráveis rumo à Rede 2030”, ressaltou Martin Creaner, diretor-geral da WBBA, durante o lançamento. Segundo ele, a partir de agora, a WBBA usará a certificação para promover um consenso global entre formuladores de políticas públicas, organizações de padronização e operadoras líderes do setor. Ao acelerar a adoção de padrões unificados e reduzir a exclusão digital, a iniciativa busca criar uma infraestrutura de rede preparada para a inteligência artificial e conduzir os setores à era inteligente de 2030.

Charada

Resposta da semana anterior: Embarcação fluvial (2) = ita + soletrava (2) = lia **Solução:** país (4) = Itália.

Charada de hoje: Ouvindo uma saudação telefônica (2), ele, em pleno hipódromo (2), parecia um ser desatinado (4).



Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!

Ainda no mundo de Sherlock Holmes

A lista com dicas de filmes e séries para quem gosta de vivenciar o universo do famoso detetive criado por Arthur Conan Doyle se encerra hoje. São três filmes e uma série, cada um com uma leitura diferente do personagem, mas sempre com muitos mistérios e reviravoltas mirabolantes. Todos os títulos a seguir estão disponíveis em plataformas de *streaming*. Quem quiser continuar viajando nessa atmosfera de investigações basta conferir a seguir:

Sherlock (2010-2017)

Com Benedict Cumberbatch, a produção britânica atualiza as aventuras de Sherlock Holmes para o século 21. A trama começa quando o dr. John Watson procura um lugar para morar em Londres e conhece o detetive. A partir desse encontro, os dois formam uma parceria dedicada a desvendar assassinatos e outros crimes pela capital inglesa.

■ Onde assistir: Prime Video

Sherlock Holmes (2009)

Protagonizado por Robert Downey Jr., o filme acompanha Sherlock Holmes e o dr. John Watson na investigação envolvendo Lorde Blackwood, um criminoso ligado a uma conspiração que mistura ciência, ocultismo e política na Londres do fim do século 19. Enquanto tenta solucionar o caso, o detetive também reencontra a ladra Irene Adler.

■ Onde assistir: Prime Video e HBO Max

Sherlock Holmes: O Jogo de Sombras (2011)

Na sequência estrelada por Robert Downey Jr., Sherlock Holmes acredita que Moriarty está por trás de uma série de assassinatos que ameaçam a estabilidade mundial. Enquanto Watson se prepara para o casamento, a dupla embarca em uma nova investigação, marcada por disfarces, perseguições e uma corrida para impedir os planos do maior rival do detetive.

■ Onde assistir: Prime Video e HBO Max

O Enigma da Pirâmide (1985)

Produzido por Steven Spielberg e dirigido por Barry Levinson, o filme imagina o primeiro encontro entre os adolescentes Holmes e Watson, em um internato, quando ambos passam a investigar uma série de assassinatos misteriosos na Londres vitoriana. O filme marcou a história do cinema por apresentar o primeiro personagem totalmente gerado por computador.

■ Onde assistir: Prime Video e Apple TV (aluguel ou compra)

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – palavra céu; 2 – cabelo de São Pedro; 3 – chave; 4 – nuvem; 5 – asa; 6 – cgarro; 7 – água; 8 – cruz; 9 – barba.